

(*) Doutor e mestre em Sociologia e jornalista. Presidente do Instituto Cidade Segura. Autor, entre outros, de "A Formação de Jovens Violentos: estudo sobre a etiologia da violência extrema" (Appris, 2016)

22. Domingos Roberto Todero – Assim

não dá FB 05 NOV

Sobre o pedido de demissão do General Santa Rosa

A grande "pergunta que não quer calar não é se há algum "escândalo por vir" que Santa Rosa soubesse: a grande pergunta é se e em que grau essa saída repercute no apoio político do oficialato das FFAA ao Bosto - porque na baixa oficialidade e na soldadesca o Bosto sifu com a história da reestruturação de carreira.

ESSA É A GRANDE QUESTÃO que DEFINE A SOBREVIVÊNCIA do Bosto - porque o capitão fascistão já brigou com o Congresso, com seu próprio partido PSL, com o STF, com a Igreja, com a Globo, com a maioria da "comunidade internacional" (a direita liberal latinoamericana está esconjurando Bosto como cruz pra vampiro) e agora com a Polícia Civil - se perder o apoio dos oficiais militares resta só as PMs e as milícias: não dá pra governar constitucionalmente quatro anos só com isso

23. Globo diz ter perdido ilusões com Bolsonaro e afirma que ele é inimigo da democracia

https://www.brasil247.com/midia/globo-diz-ter-perdido-ilusoes-com-bolsonaro-e-afirma-que-ele-e-inimigo-da-democracia?fbclid=IwAR0sssi7lkrV4Uh-jzVvD_Hbi6bDXIGrNG7QI3olQ35QYTVpstAih26mweY

Leia o [editorial d'O Globo na íntegra](#)

O jornal O Globo, comandado por João Roberto Marinho, publica editorial nesta terça-feira em que diz não ter mais ilusões em relação a Jair Bolsonaro, após o mesmo ter chamado seus jornalistas de patifes, canalhas e porcos. "É preciso repudiar tal atitude do presidente da forma mais veemente possível e denunciá-la como a de um homem que, hoje

não se tem mais ilusões, não comunga dos valores democráticos mais básicos", aponta o texto

5 de novembro de 2019, 07:17 h Atualizado em 5 de novembro de 2019, 08:33

247 – Em [editorial](#) publicado nesta terça-feira, o jornal O Globo afirma ter descoberto que Jair Bolsonaro é um projeto de ditador. "Não há sociedade que caminhe para o bem-estar sem informação de qualidade, e quem a provê com método são os jornalistas. No Grupo Globo são os jornalistas de todas as redações, de todos os veículos que o compõem", aponta o texto.

"Chamá-los de patifes, canalhas e porcos não diz nada deles, mas muito dos valores de quem profere insultos tão indignos. É preciso repudiar tal atitude do presidente da forma mais veemente possível e denunciá-la como a de um homem que, hoje não se tem mais ilusões, não comunga dos valores democráticos mais básicos. Não se esperem, contudo, reações no mesmo nível. Espere-se mais jornalismo. Espere-se a busca pela verdade, de forma destemida, que retrate os fatos como eles são, positivos ou negativos, inclusive sobre o governo. E que denuncie qualquer tentativa de cercear as liberdades de nossa democracia", diz ainda o editorialista.

O lugar de cada um –Editorial O GLOBO 05 NOV

https://oglobo.globo.com/opiniao/o-lugar-de-cada-um-1-24061116?versao=amp&_twitter_impression=true

O Grupo Globo, seus jornalistas e o presidente Bolsonaro

POR EDITORIAL

05/11/19 - 00h00 | Atualizado: 05/11/19 - 08h42

Não é novidade. O presidente Jair Bolsonaro não tem apreço pela imprensa independente e profissional. Não tinha durante a campanha e continuou sem ter desde o primeiro dia no cargo. Ele diz que defende uma imprensa livre, mas suas palavras e atos comprovam que ele quer apenas uma imprensa que o bajule e que não busque noticiar os fatos como eles são, mas como ele gostaria que fossem. A essa altura, ele já sabe

que jamais terá isso daqueles que praticam com zelo o jornalismo profissional. Certamente não terá isso dos veículos do Grupo Globo. Seus antecessores não tiveram, seus sucessores não terão.

E o motivo é simples. O jornalismo profissional está calcado em três pilares: isenção, correção e agilidade. Isenção significa ser independente de governos, partidos políticos, igrejas, grupos econômicos e lobbies. Ser correto significa apurar os fatos de tal modo que eles condigam no maior grau possível com a realidade dos fatos. Ser ágil significa informar com rapidez porque a informação jornalística, por definição, sendo uma primeira aproximação com a verdade, só tem valor se for tornada pública em tempo razoável. Sem esses pilares, não há jornalismo, não há veículos com credibilidade, não há público que se interesse por eles.

Não é sem razão que só exista jornalismo profissional e independente em democracias. Em sociedades sob o império das leis, mas sem dono, ninguém controla o fluxo dos fatos, o que publicar e o que não publicar, o que é conveniente e o que não é conveniente, o que agrada e o que desagrada. O fluxo de informação é livre, absolutamente livre. Em ambientes assim, sobrevivem aqueles que informam com qualidade, acertam bem mais do que erram (e quando erram reconhecem seus erros) e provam ao público que aquilo que noticiam são fatos. O Grupo Globo existe desde 1925 na mídia impressa, desde 1944 no rádio, desde 1965 na televisão (e nenhuma concessão recebida de militares, presidente), desde 1991 na TV por assinatura e desde 1995, na internet. E em cada uma dessas mídias, é líder de audiência e conta com o respeito e a credibilidade do público. Nenhum veículo jornalístico tem um desempenho desses se não for por mérito. O público, que é o mesmo que vota, sabe julgar. E o Grupo Globo fará de tudo para que continue a merecer a confiança e o respaldo do público. Sempre.

Ao longo desses 94 anos, o Grupo Globo obteve o respeito do público porque sempre se cercou dos melhores talentos, dos mais competentes jornalistas. Profissionais comprometidos com a verdade, íntegros, honestos, que se dedicam, com grande esforço pessoal, hora após hora, dia após dia, semana após semana, ano após ano, a dar o melhor de si em busca da informação de qualidade. A notícia não tem hora, costuma-se dizer nas redações. Muitas vezes, o dever profissional se impõe ao lazer, aos filhos, aos amigos, à família. Tudo na crença de que uma sociedade bem informada vive melhor, decide melhor, constrói um futuro melhor. Não há sociedade que caminhe para o bem-estar sem informação de qualidade, e quem a provê com método são os jornalistas. No Grupo Globo são os jornalistas de todas as redações, de todos os veículos que o compõem.

Chamá-los de patifes, canalhas e porcos não diz nada deles, mas muito dos valores de quem profere insultos tão indignos. É preciso repudiar tal atitude do presidente da forma mais veemente possível e denunciá-la como a de um homem que, hoje não se tem mais ilusões, não comunga dos valores democráticos mais básicos. Não se esperem, contudo, reações no mesmo nível. Espere-se mais jornalismo. Espere-se a busca pela verdade, de forma destemida, que retrate os fatos como eles são, positivos ou negativos, inclusive sobre o governo. E que denuncie qualquer tentativa de cercear as liberdades de nossa democracia.

São 94 anos, repita-se. Atos e palavras são o que definem o lugar de homens e instituições na História. O Grupo Globo tem orgulho do seu lugar, obra de gerações de jornalistas que passaram por ele. O tempo dirá o lugar que o presidente reservará para si.

[Milton Saldanha](#)

8 h ·

(Em dois textos, este mais antigo, já publicado no portal Jornalistas & Cia, e outro novo, que soltarei depois, proponho uma reflexão sobre a Rede Globo. Seu papel e repercussões na vida brasileira. As provocações são intencionais. Sem concessões à esquerda, nem à direita. Mantive

este texto original, sem alterações. Boa leitura. E bons eventuais comentários. Obrigado e abraços a todos!)

De Amaral Netto a Pedro Bial: as duas Globos Milton Saldanha, jornalista

Erra quem diz que a Globo apoiou a ditadura. Foi muito mais do que isso: a ditadura montou a Globo. Inclusive, no governo Médici, com a liberação do contrabando. Médici queria TV a cores no Brasil e mandou a Receita Federal se fazer de morta. Podiam entrar todos os equipamentos, livres de impostos. E no menor prazo possível. Mas não foi só para a Globo. Liberou para todas. Onde a prova disso? No livro de memórias de Walter Clark, que foi, naquele período, depois de Roberto Marinho, o homem mais poderoso da Globo, além de maior salário de executivo privado do País. Já aviso aos apressados: Clark não era e nunca foi de esquerda. Sua ideologia era a Globo, para a qual vivia em tempo integral. Por tabela, óbvio, era um homem do sistema. Logo, não existe nenhum motivo para duvidar ou colocar sob suspeita sua revelação. A ditadura montou a Globo por vários motivos, com vista grossa ao acordo Time-Life, à margem da lei, que proibia veículos de comunicação de massa com investimento acionário estrangeiro. Entre os motivos, a Rede era parte da estratégia do projeto militar-civil do Brasil potência. E faria a consolidação da integração nacional, assentada na tecnologia que surgia com o uso do satélite, que revolucionou o sistema de comunicação e tornou obsoleto todo o resto.

O satélite permitia a transmissão simultânea para todos os Estados, com possibilidade da entrada ao vivo de qualquer ponto do território. Marcou a grande mudança, e isso coincidiu com o projeto da ditadura.

O homem da ditadura dentro da Globo se chamou Amaral Netto, o repórter, nome do seu programa nas noites de domingo, quando exaltava os feitos do regime e mostrava ao povo o Brasil das grandes fábricas, da Pororoca, das colossais hidrelétricas, e vai por aí. A TV, agora a cores, dava ao monumental press release eletrônico chapa branca toda a beleza que não teria se a TV ainda fosse em preto e branco. Amaral Netto, que os opositores chamavam de amoral nato, logo encontrou um parceiro, só que em outra rede: Silvio Santos, que também idolatrou a ditadura, e todo mundo esqueceu. Mas ele tinha uma dívida a pagar, que foi a concessão do canal, disputadíssimo. “Não gosto de ser surpreendido”

Quem dizia essa frase, dentro da Globo, era Roberto Marinho, referindo-se às notícias de impacto nos seus telejornais. A frase resume a pessoa: autoridade suprema. Tudo, na Globo, foi como ele quis, até o dia da sua morte. Isso para mim ficou mais do que evidente no dia a dia, quando lá trabalhei, anos 1980, na chefia de reportagem e edição. Não tinha essa delegação a diretores nas questões cruciais. Quem decidia era ele. O maior exemplo foi na campanha das Diretas Já. A Globo demorou muito a começar a cobrir, e quando começou foi com timidez, por ordem de Marinho. Ele tinha lealdade aos militares que possibilitaram a edificação do seu império. Goste-se ou não, e olhando-se pelo prisma dele, isso foi decente.

A maior prova foi o grande comício da Candelária, no Rio. A TV Manchete transmitiu ao vivo, enquanto a Globo exibia sua novela das seis da tarde. E nós, na redação, vendo aquilo de mãos amarradas, loucos para estar lá com as câmeras e microfones. Onde quero chegar: a Globo tem que ser entendida e interpretada com dois momentos: antes e depois de Roberto Marinho.

Foi só depois da sua morte que a organização pediu desculpas ao povo brasileiro por ter apoiado a ditadura.

Momento didático de extrema importância histórica, que a esquerda burra não entendeu, não captou e não explorou, recolhida em seus ressentimentos mesquinhos pelo passado. Sem ver a curva da História.

Hoje, quando analfabetos políticos pedem regime militar, nada melhor do que apontar-lhes esse gesto magnífico da insuspeita Globo, que diz tudo. Porque foi a própria filha daquele regime falando.

A esquerda burra continua caindo de pau na Globo e não percebe que Amaral Netto hoje sequer é lembrado, enquanto desponta essa figura de jornalista exemplar que tem sido Pedro Bial, que já suplantou o antecessor Jô Soares, que teve o seu tempo, e a quem devemos

respeito.

Não dá para entender que os tempos são outros? Vejam a equipe formidável da Globo News. Restrições pessoais são direito de cada pessoa, refiro-me ao conjunto do grupo. Estão fazendo jornalismo crítico da melhor qualidade. Idem na emissora mãe, sobretudo nos telejornais matutinos. “Ah, mas ferraram o PT”, vai dizer algum ressentido. Não foi a Globo que ferrou o PT. Foi o PT que ferrou-se a si próprio, com seus erros, a começar pelo esquecimento do seu ideário original. E por ter insistido na figura do velho caudilho, nele tudo apostando, navegando na tradição populista, quando o mundo moderno sugere pluralidade de lideranças e pede projetos reformistas de qualidade, e não arranjos de compadres que conciliam interesses das suas turmas.

Houve uma época em que se gritava “Fora Globo”. Tive o desconforto de ouvir isso quando estava nos comícios das Diretas Já, como produtor, acompanhando equipes. Eles, que , não sabiam que quase todos das nossas equipes eram de esquerda, e obviamente a favor das Diretas Já. E não entendiam que a presença ali da maior máquina de propaganda do regime que começava a cair era a prova da vitória democrática. Quando o coração ocupa o lugar do cérebro dá nisso.

24. De Amaral Netto a Pedro Bial: as duas Globos

[Milton Saldanha](#) - JORNALISTA fb 06 NOV

(Em dois textos, este mais antigo, já publicado no portal Jornalistas & Cia, e outro novo, que soltarei depois, proponho uma reflexão sobre a Rede Globo. Seu papel e repercussões na vida brasileira. As provocações são intencionais. Sem concessões à esquerda, nem à direita. Mantive este texto original, sem alterações. Boa leitura. E bons eventuais comentários. Obrigado e abraços a todos!)

Erra quem diz que a Globo apoiou a ditadura. Foi muito mais do que isso: a ditadura montou a Globo. Inclusive, no governo Médici, com a liberação do contrabando. Médici queria TV a cores no Brasil e mandou a Receita Federal se fazer de morta. Podiam entrar todos os equipamentos, livres de impostos. E no menor prazo possível. Mas não foi só para a Globo. Liberou para todas. Onde a prova disso? No livro de memórias de Walter Clark, que foi, naquele período, depois de Roberto Marinho, o homem mais poderoso da Globo, além de maior salário de executivo privado do País. Já aviso aos apressados: Clark não era e nunca foi de esquerda. Sua ideologia era a Globo, para a qual vivia em tempo integral. Por tabela, óbvio, era um homem do sistema. Logo, não existe nenhum motivo para duvidar ou colocar sob suspeita sua revelação. A ditadura montou a Globo por vários motivos, com vista grossa ao acordo Time-Life, à margem da lei, que proibia veículos de comunicação de massa com investimento acionário estrangeiro. Entre os motivos, a Rede era parte da estratégia do projeto militar-civil do Brasil potência. E fazia a consolidação da integração nacional, assentada na tecnologia que surgia com o uso do satélite, que revolucionou o sistema de comunicação e tornou obsoleto todo o resto. O satélite permitia a transmissão simultânea para todos os Estados, com

possibilidade da entrada ao vivo de qualquer ponto do território. Marcou a grande mudança, e isso coincidiu com o projeto da ditadura. O homem da ditadura dentro da Globo se chamou Amaral Netto, o repórter, nome do seu programa nas noites de domingo, quando exaltava os feitos do regime e mostrava ao povo o Brasil das grandes fábricas, da Pororoca, das colossais hidrelétricas, e vai por aí. A TV, agora a cores, dava ao monumental press release eletrônico chapa branca toda a beleza que não teria se a TV ainda fosse em preto e branco. Amaral Netto, que os opositores chamavam de amoral nato, logo encontrou um parceiro, só que em outra rede: Silvio Santos, que também idolatrou a ditadura, e todo mundo esqueceu. Mas ele tinha uma dívida a pagar, que foi a concessão do canal, disputadíssimo. “Não gosto de ser surpreendido” Quem dizia essa frase, dentro da Globo, era Roberto Marinho, referindo-se às notícias de impacto nos seus telejornais. A frase resume a pessoa: autoridade suprema. Tudo, na Globo, foi como ele quis, até o dia da sua morte. Isso para mim ficou mais do que evidente no dia a dia, quando lá trabalhei, anos 1980, na chefia de reportagem e edição. Não tinha essa delegação a diretores nas questões cruciais. Quem decidia era ele. O maior exemplo foi na campanha das Diretas Já. A Globo demorou muito a começar a cobrir, e quando começou foi com timidez, por ordem de Marinho. Ele tinha lealdade aos militares que possibilitaram a edificação do seu império. Goste-se ou não, e olhando-se pelo prisma dele, isso foi decente. A maior prova foi o grande comício da Candelária, no Rio. A TV Manchete transmitiu ao vivo, enquanto a Globo exibia sua novela das seis da tarde. E nós, na redação, vendo aquilo de mãos amarradas, loucos para estar lá com as câmeras e microfones. Onde quero chegar: a Globo tem que ser entendida e interpretada com dois momentos: antes e depois de Roberto Marinho. Foi só depois da sua morte que a organização pediu desculpas ao povo brasileiro por ter apoiado a ditadura. Momento didático de extrema importância histórica, que a esquerda burra não entendeu, não captou e não explorou, recolhida em seus ressentimentos mesquinhos pelo passado. Sem ver a curva da História. Hoje, quando analfabetos políticos pedem regime militar, nada melhor do que apontar-lhes esse gesto magnífico da insuspeita Globo, que diz tudo. Porque foi a própria filha daquele regime falando. A esquerda burra continua caindo de pau na Globo e não percebe que Amaral Netto hoje sequer é lembrado, enquanto desponta essa figura de jornalista exemplar que tem sido Pedro Bial, que já suplantou o antecessor Jô Soares, que teve o seu tempo, e a quem devemos respeito. Não dá para entender que os tempos são outros? Vejam a equipe formidável da Globo News. Restrições pessoais são direito de cada pessoa, refiro-me ao conjunto do grupo. Estão fazendo jornalismo crítico da melhor qualidade. Idem na emissora mãe, sobretudo nos telejornais matutinos.

“Ah, mas ferraram o PT”, vai dizer algum ressentido. Não foi a Globo que ferrou o PT. Foi o PT que ferrou-se a si próprio, com seus erros, a começar pelo esquecimento do seu ideário original. E por ter insistido na figura do velho caudilho, nele tudo apostando, navegando na tradição populista, quando o

mundo moderno sugere pluralidade de lideranças e pede projetos reformistas de qualidade, e não arranjos de compadres que conciliam interesses das suas turmas.

Houve uma época em que se gritava “Fora Globo”. Tive o desconforto de ouvir isso quando estava nos comícios das Diretas Já, como produtor, acompanhando equipes. Eles, que , não sabiam que quase todos das nossas equipes eram de esquerda, e obviamente a favor das Diretas Já. E não entendiam que a presença ali da maior máquina de propaganda do regime que começava a cair era a prova da vitória democrática. Quando o coração ocupa o lugar do cérebro dá nisso.

25. Por que o leilão do pré-sal resultou no ‘pior cenário’ para o governo

https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50323083?ocid=socialflow_facebook&fbclid=IwAR1PLwBo1nYt03kxEuI_Ut2BiM28QzLWDr0eamzG2N4qJsBhn0dzSLi59k

Vitor Hugo Brandalise e Rafael BarifouseDa BBC News Brasil em São Paulo

O governo pediu um valor alto demais pelos quatro campos de petróleo do pré-sal da Bacia de Santos que foram a leilão nesta quarta-feira (6/11) e o resultado acabou sendo frustrante, avaliaram especialistas em mercado internacional do petróleo ouvidos pela BBC News Brasil.

A expectativa do governo era receber R\$ 106,5 bilhões por quatro áreas de exploração, e o valor arrecadado foi de R\$ 69,9 bilhões por dois desses campos (Búzios, o mais valioso, por R\$ 68,2 bilhões, e Itapu por R\$ 1,7 bilhão). Os outros dois campos (Sépia e Atapu) não receberam ofertas.

Além do valor abaixo do previsto, o leilão atraiu poucas empresas estrangeiras.

Em um dos campos, o de Búzios, a oferta foi vencida por um consórcio formado pela Petrobras com as empresas chinesas CNOOC e CNODC. Os chineses, porém, vão entrar com apenas 10% do total, menos de R\$ 7 bilhões, e o restante será pago pela Petrobras. Já para o outro campo, o de Itapu, a única oferta foi a da Petrobras.

Como não houve concorrência (e as únicas estrangeiras a participar foram as que se uniram à Petrobras), os campos foram arrematados pelo lance mínimo previsto. Nesse tipo de leilão, além do valor fixo a ser pago para cada um dos campos, a disputa se dá pela oferta de petróleo ao governo durante o período de contrato (30 anos).

"Ficou muito claro que o governo errou a mão na definição dos bônus, cobrou caro demais. O fato de a geologia na área ser de baixíssimo risco, e a oferta era por campos com petróleo já descobertos, expõe esse erro ainda mais", disse o economista Edmar Fagundes de Almeida, do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

"Isso resultou no pior cenário possível para esse leilão. Dois campos arrematados pela própria Petrobras, sem concorrência, e pelo lance mínimo possível para os dois campos", disse Fagundes.

"Então, não é apenas o fato de ter recebido um valor inferior ao que esperava, mas também de que no futuro o lucro vai ser mais baixo. O governo ficou preso com um contrato com valor mínimo por 30 anos. É preocupante."

Para Fagundes, a estratégia definida pela Petrobras foi "inadequada". "Um leilão bem feito é o que tem competição. O governo falhou ao não dar margem para essa competição acontecer, ao colocar o preço lá no alto, o mais caro já cobrado no país, os R\$ 106,5 bilhões que o governo esperava receber, e acabaram frustrados."

Para o economista Helder Queiroz Pinto Junior, professor da UFRJ especialista em financiamento e regulamentação do setor energético, a indefinição em relação ao ressarcimento a ser pago para a própria Petrobras — que investe na área desde 2010 e, por isso, na definição do modelo do leilão, deveria receber de volta parte desse investimento — desestimulou a entrada de concorrentes.

A Petrobras pedia R\$ 45 bilhões de ressarcimento pelo que investiu na área desde 2010 — nos cálculos do Tribunal de Contas da União, o valor deveria ser de R\$ 34 bilhões.

"As empresas temeram que a negociação sobre esse ressarcimento levasse muito tempo, ou que fosse parar na Justiça, e, por isso, decidiram não concorrer", disse Queiroz. "É um resultado frustrante porque é sabido que o volume de petróleo nessa área é elevado e com possibilidade de a produção começar rapidamente. Se não atraiu investidores, é porque o modelo definido pelo governo foi falho."

Justificativas

Em coletiva de imprensa depois do leilão, o ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, minimizou a ausência de empresas estrangeiras e afirmou que os resultados "cumpriram com as expectativas". "Foi o maior valor arrecadado em bônus em leilões de petróleo no Brasil, é um motivo de orgulho para o governo", afirmou.

Questionado sobre o motivo de as grandes multinacionais não terem participado, Albuquerque disse que "é necessário avaliar" as razões que fizeram com que essas empresas não participassem.

O ministro afirmou, no entanto, que após o novo leilão de cinco campos do pré-sal nesta quinta-feira (7/11), o governo vai avaliar a participação de empresas estrangeiras, para verificar se será necessário "rever a metodologia" para as próximas ofertas.

"A Petrobras exerceu o direito de preferência sobre duas áreas, e já era prevista sua participação. Duas petroleiras chinesas que já se encontram em

operação no Brasil e em outras áreas do mundo e são importantes também participaram, mas, como sabemos, amanhã será realizado novo leilão do pré-sal, com outras características, temos que aguardar para ver qual será a participação das outras empresas para, depois, termos um cenário em que possa talvez rever a metodologia e outros parâmetros para o sucesso dos próximos leilões."

Já o presidente da Agência Nacional do Petróleo (ANP), Décio Oddone, disse que a participação da Petrobras no leilão teve impacto na decisão de outras empresas participarem. "O fato da Petrobras ser a companhia que tem prioridade para escolher operação inibe a concorrência", afirmou, na entrevista coletiva.

- [Clique para assinar o canal da BBC News Brasil no YouTube](#)

26. Manuela escreve carta para Joice: "Não é mesmo nada fácil ser mulher"

A ex-deputada e vice candidata à Presidência presta solidariedade à deputada federal, que na terça-feira fez discurso emocionado na tribuna da Câmara

Por **Tamires Vitorio** access_time7 nov 2019, 09h51 - Publicado em 7 nov 2019, 09h1

https://exame.abril.com.br/brasil/manuela-escreve-carta-para-joice-nao-e-mesmo-nada-facil-ser-mulher/?fbclid=IwAR27vlhePYngz0F0TxVV5XpGZqCeHF47mYkUI3AnA-3_uFPILoFo83XAUPI

ão Paulo — A ex-deputada **Manuela d'Ávila publicou na noite desta quarta-feira (06) em seu perfil no **Instagram** uma carta em solidariedade à deputada federal **Joice Hasselmann (PSL-SP)**.**

Na terça-feira (05), Hasselmann desabafou sobre os xingamentos que tem recebido nas redes sociais, em um discurso emocionado na tribuna da Câmara dos Deputados. Em meio a lágrimas, Hasselmann contou que o filho de 11 anos recebeu fotos com montagens do rosto dela no corpo "de uma prostituta". "Essas lágrimas não são por mim, minha história é de uma guerreira", disse. "Na semana passada, meu filho me disse: 'mãe, por que estão chamando a senhora de porca na internet?'"

Um dia depois do discurso, Manuela d'Ávila escreveu a carta e afirmou que “não é mesmo nada fácil ser mulher e cair nas mãos da milícia virtual que governa o Brasil” e que “eles buscam nos liquidar, Joice, nos levar as lágrimas”.

Manuela lembrou de um debate no qual a parlamentar discordou da existência de machismo no Congresso. À época, Joice, quando ainda era líder do governo na Câmara, afirmou que “bastava se impor no grito que tudo estaria resolvido”.

“Fico sinceramente triste por você ter percebido, na prática, que aquilo que eu dizia era real de uma maneira tão brutal e cruel. O machismo existe ali porque existe no mundo”, completou d'Ávila.

Em outro trecho, Manuela diz que “Maria do Rosário viu sua filha exposta. Jean Wyllys saiu do Brasil. Marielle Franco tem sua memória destruída todos os dias. Não é por nada que dedico parte de minha vida ao combate de fake news e a contar essas histórias”.

No final da carta, ela pede para que Hasselmann “fale sobre sua dor”. “Precisamos que você faça isso para que nenhuma outra pessoa passe pelo estamos passando, para que mais nenhuma filha ou filho sofra em meio a esse jogo sujo”, escreveu. No texto, a ex-deputada cita que, diferente dela, “que fui vítima e pouco sabia sobre meus algozes, você esteve com eles até a pouco”.

[Leia a carta na íntegra:](#)

Cara Joice,

Como vai? Espero que se sinta um pouco melhor e mais forte no dia de hoje. Nunca estivemos juntas mas recentemente participamos, através do telefone, da gravação do podcast do “agora que são elas”. Rimos um bocado em nosso debate.

Naquela ocasião você ainda era líder do governo e divergia de mim com relação a existência do machismo no congresso nacional. Bastava “se impor no grito que tudo estaria resolvido”. Fico sinceramente triste por você ter percebido, na prática, que aquilo que eu dizia era real de uma maneira tão brutal e cruel. O machismo existe ali porque existe no mundo.

Eu lhe escrevo para ser solidária com tudo o que você tem passado.

Não é fácil. Não é mesmo nada fácil ser mulher e cair nas mãos da milícia virtual que governa o Brasil. Não é fácil ver como eles envolvem aos nossos filhos para buscar nos destruir emocionalmente. Eles buscam nos liquidar, Joice, nos levar as lágrimas. Como te levaram na tribuna ontem, como me levam quase todos os dias há longos quatro anos.

Eles fazem isso, Joice, pra depois nos chamarem de fracas. Eles querem provar que não somos capazes de desempenhar aquilo que nos propomos.

Eu entendo bem o que você está sentindo. No ano de 2015, Joice, enquanto você estava nos caminhões de som da Avenida Paulista, ao lado daqueles meninos que divulgavam imagens terríveis da Presidente Dilma, eu estava grávida e vivia o momento mais feliz da minha vida. Aí eles, aqueles meninos, inventaram que eu fiz uma viagem – com dinheiro público – para Miami para comprar um enxoval para Laura. Eu não conheço Miami, Joice. Nem sequer fiz enxoval. Jamais viajaria com dinheiro público. Para espalhar a mentira, eles utilizaram uma foto minha, com meu marido e meu enteado. O Gui tinha onze anos. Por isso, Joice, sei bem como é horrível ver o filho de onze anos receber mentiras pela internet a respeito da mãe. E digo mais: sei como é quando ele recebe mentiras sobre si próprio. Pouco tempo depois, Joice, em outubro, Laura tinha 45 dias e tomou um tapa durante um show de meu marido. Ela tinha 45 dias e uma mulher bateu nela!!!! Sabe por que? porque acreditou que o pano que a enrolava havia sido comprado em Miami.

Essa é uma parte das histórias que marcam minha maternidade.

Esses dias eu chorei muito, Joice. Laura me perguntou se vocês, sim, vocês porque você ainda era líder do governo Bolsonaro, se vocês do governo odiavam também a nossa gatinha. Ela me disse que sabia que vocês odeiam a mim e a ela (pelo número de vezes que foi agredida). Mas ela precisava saber se a gata estava protegida da ira física que sofremos em função daquilo que as milícias virtuais constroem com suas mentiras.

Isso não acontece só comigo. Maria do Rosário viu sua filha exposta. Jean Wyllys saiu do Brasil. Marielle Franco tem sua memória destruída todos os dias. Não é por nada que dedico parte de minha vida ao combate de fakenews e a contar essas histórias. Para que as pessoas tenham ideia do que passamos Joice, eu sou sinceramente solidária a você porque sei o que você está vivendo.

Mas queremos e precisamos que você fale. Sobre voce, claro. Sobre sua dor. Diferente de mim, que fui vítima e pouco sabia sobre meus algozes, você esteve com eles até a pouco. você pode e deve falar. Você pode informar a polícia, ao poder judiciário e a opinião pública tudo o que sabe sobre essa gangue que espalha mentiras para destruir as pessoas e que assim, governar ao Brasil.

Precisamos que você faça isso para que nenhuma outra pessoa passe pelo estamos passando, para que mais nenhuma filha ou filho sofra em meio a esse jogo sujo.

*Um abraço solidário,
Manuela d'Ávila*

27. Monica de Bolle: Paulo Guedes está preso nos anos 70

https://exame.abril.com.br/economia/monica-de-bolle-paulo-guedes-esta-presos-nos-anos-70/?fbclid=IwAR34ayhXhC5OAKd_cW-0w5vYSjJePF4AGccYhq12gTTG1pN3YwCiehNr9jM

A economista afirma que as políticas do ministro da Economia, de defesa de um estado mínimo, não são condizentes com as necessidades do Brasil

Por **Lucas Amorim**

access_time 5 nov 2019, 16h54 - Publicado em 5 nov 2019, 16h22

DE BOLLE: “não dá muito para imaginar como as reformas de Guedes cabem em nossa Constituição” / Fernando Lemos (/)

A economista Monica de Bolle, diretora de estudos-latino americanos e mercados emergentes da universidade americana Johns Hopkins, não pode ser acusada de defender as políticas econômicas de Dilma Rousseff. A economista lançou, em 2016, o livro *Como Matar a Borboleta Azul*, uma crítica acabada do modelo de estado máximo e descontrole econômico da ex-presidente. Por isso, suas observações ao programa econômico do atual ministro da Economia, Paulo Guedes, ganham especial relevância. Nos últimos meses, De Bolle tem sido elogiada e cobrada nas redes sociais por críticas cada vez mais incisivas ao ministro. Nesta terça-feira, mesmo dia em que Guedes anunciou um superpacote econômico para enxugar o estado e estimular a economia, a economista publicou, no Twitter, que “está na hora de o ministro sair dos anos 60 e 70”. De Bolle concedeu a seguinte entrevista a EXAME, por telefone.

Por que a senhora afirma que o ministro Paulo Guedes tem uma desconexão da realidade atual?

Seu foco, desde a campanha, é de transformar o Brasil numa espécie de estado mínimo tupiniquim. Mas não dá muito para imaginar como isso cabe em nossa Constituição de 88, que prega um estado de bem estar social. Até por isso ele vem articulando reformas por meio de PECs [proposta de emenda constitucional]. Mas a estratégia chega a ferir normas democráticas. Ele fala em novo pacto federativo, mas não ouve a população. No limite, esse tipo de discussão deveria ser feita em uma assembleia constituinte.

O que o Brasil tem a aprender com o Chile, país com a melhor economia da região e constantemente apontado como modelo por Guedes?

As manifestações recentes no Chile sublinham o tamanho do problema. No Brasil, com pobreza extrema, é ainda pior. Não se atenua a pobreza e a desigualdade sem um estado atuante. É preciso ter redes de proteção social fortes. O mercado não resolve sozinho, como já foi mostrado de todo jeito. O Paulo Guedes está preso nos anos 70 do Chile e dos “Chicago boys”. Além disso, ele nunca foi um formulador de políticas públicas, nem precisou de um

entendimento mais profundo de políticas públicas sobre a dinâmica da pobreza na vida das pessoas. O Chile passa por uma convulsão pela ausência de bem estar social a despeito de todas as reformas. Estive recentemente com um embaixador chileno que reconheceu a falha do país em não ter gasto para ter uma rede de bem estar social. O governo Piñera, pelo menos, percebeu que também é responsável, e pela primeira vez um governo de direita está preocupado com questões sociais na região. Espero que dê certo, porque daria um recado muito importante.

Mas o estado brasileiro está nas cordas. Não fazer as reformas não é pior?

Concordo que o estado é pesado e ineficiente, e que há muita coisa a ser feita. E alguma das medidas, como as restrições para funcionários públicos, são importantes. Mas não dá para o estado brasileiro ser reduzido a ponto de só oferecer o básico do básico. O pensamento macroeconômico moderno, que tem sido construído mundo afora, é o estado precisa mirar as tensões sociais. Não é uma coisa ou outra, nem uma primeiro e outra depois. Até porque a insegurança política e social no Brasil não vai permitir esse tipo de mudança.

O governo Bolsonaro é liberal?

Ser liberal não pressupõe só estado mínimo, mas sim um estado de tamanho ótimo. Na visão liberal, o estado pode, sim, atacar problemas sociais e dar ao mercado as condições de fazer outras coisas. Não há nada de heterodoxo nisso. No Chile, por exemplo, o sistema tributário é baseado em IVA [imposto sobre valor agregado], que incide sobre o consumo e, portanto, é muito regressivo. É um dos focos de insatisfação. Mas, em vez de reduzir o IVA, o Chile poderia criar mecanismos de transferência, como os adotados na Europa, na Austrália, no Japão.

Veja também



ECONOMIA

28. O que está no pacote de reformas Mais Brasil anunciado hoje por Guedes query_builder5 nov 2019 - 14h11



APRESENTADO POR REMESSA ONLINE [Como se programar para fazer MBA no exterior](#)

O ministro Paulo Guedes disse à Folha de S. Paulo que, após 30 anos de políticas econômicas de “centro-esquerda” é preciso esperar quatro anos de um liberal-democrata. A senhora concorda?

É uma falácia que precisamos sair de um extremo para o outro. Assim, vamos oscilar como um pêndulo a cada ciclo de governo e aí é que a economia não deslança mesmo. O único jeito de ir para o centro é ir para o centro. Em 2019 há no Brasil uma impressão de que a economia é a única coisa que funciona, e que a equipe precisa de tempo para trabalhar. Mas o governo defende uma política de país com estado mínimo que não vai funcionar.

Caso não esteja visualizando corretamente esta mensagem, [acesse este link](#)



A edição de novembro de 2019 já está disponível gratuitamente na internet.



Síntese da nova edição por Sergio Fausto, superintendente da Fundação FHC e coeditor do Journal of Democracy.

A Subversão da democracia, o ocaso dos partidos políticos tradicionais, a crise dos partidos socialdemocratas e os efeitos do nacionalismo e do populismo são temas que se entrelaçam nos artigos da

nova edição do *Journal of Democracy em Português* (Volume 8), que também traz uma reflexão sobre os 30 anos do massacre de Tiananmen (China).



Polarização versus democracia

Milan W. Svobik

Por que eleitores que rotineiramente declaram seu apoio à democracia apoiam, ao mesmo tempo, líderes que a subvertem? Este é o enigma que o professor de Yale busca decifrar no primeiro artigo desta edição, com base em pesquisa com eleitores de Estados Unidos, Venezuela e Turquia. Confrontados com a escolha entre dois candidatos hipotéticos — um que demonstra pouco respeito por princípios democráticos, mas apela aos interesses sectários dos eleitores e um que é democrático, mas menos “atraente” — o comprometimento dos eleitores com a democracia fica em segundo plano. “A polarização oferece uma oportunidade estrutural a potenciais autocratas: podem enfraquecer a democracia e, ainda assim, ficar impunes”, escreve.



Partidos, movimentos, democracia:
riscos e desafios do século XXI

Marco Aurélio Nogueira

Em texto inédito, o professor da Unesp analisa a crise dos partidos políticos no século 21, que embora permaneçam como personagens centrais do jogo político e parlamentar em diversos países, inclusive o Brasil, já não atuam como fatores de hegemonia, formação de consensos e fixação de diretrizes ético-políticas. Neste contexto em que a política “vira as costas” para as pessoas, proliferam movimentos cívicos em que o que importa é o “poder do cidadão” enquanto indivíduo. “O ‘empoderamento’ dos indivíduos torna-se a meta”. Com isso, adverte o autor, o ativismo dos movimentos se dá em paralelo, quando não em oposição, ao mundo da política institucional, o que limita a realização dos difusos desejos de mudança que animam os próprios movimentos.



O populismo e o declínio da social-democracia

Sheri Berman e Maria Snegovaya

No terceiro artigo, as autoras propõem que o fator comum subjacente ao declínio da esquerda na Europa e em outras partes do mundo seria seu deslocamento para o centro em questões econômicas e sua aceitação de reformas “neoliberais”. “Socialistas-democratas deixaram de se apresentar como críticos atentos do capitalismo, conscientes da necessidade de proteger as sociedades de seus aspectos negativos, e passaram a apresentar sua missão cada vez mais em termos tecnocráticos e de eficiência”, sugerem. Esse deslocamento teria oferecido uma oportunidade de ouro para o surgimento de uma força política empreendedora: o populismo de direita, nativista.



Nacionalismo, democracia e leis memoriais

George Soroka e Félix Krawatzek

No penúltimo texto, os articulistas analisam o fenômeno recente da criação de mais de 200 leis, resoluções e declarações que “visam impingir uma maneira oficial de se referir ao passado, vista por seus proponentes como um meio para fortalecer a identidade nacional”, principalmente na Europa. A origem dessa legislação mnemônica foi a lei da Alemanha Ocidental que proibiu a negação do Holocausto (1985), “copiada” por Israel (1986) e França (1990). “Mas existem diferenças entre essas precursoras e a mais recente safra de leis memoriais europeias: as anteriores visavam a promoção de reconciliação; as atuais contribuem para o aumento de tensões políticas dentro e entre Estados”, escrevem.



O significado de 4 de junho

Wang Dan

Como estaria a China hoje se o movimento pela democracia que levou milhares de manifestantes à praça da Paz Celestial há 30 anos tivesse sido bem-sucedido?, pergunta um dos líderes das manifestações estudantis ocorridas em Pequim entre abril e junho de 1989. “Um cenário democrático teria provavelmente mitigado o aumento da desigualdade social que acompanharia a ampliação da economia de mercado, evitando que alcançasse os níveis observados na China atualmente. Ademais, o desenvolvimento teria acontecido por meio de um processo de constante diálogo entre governo e população, contribuindo para o crescimento e o fortalecimento da sociedade civil. Não é essa a China que gostaríamos de ver hoje?”, escreve.

29. REDE GLOBO - Final

Milton Saldanha

(Com este segundo texto encerro o ensaio sobre a Rede Globo. Propondo uma postura crítica mais política e pragmática, e menos emocional. Obrigado a todos pela leitura. Abraços!)

Um pouco mais sobre a Globo Milton Saldanha, jornalista A Globo é uma das melhores TVs do mundo. No conceito de televisão comercial. Suas novelas e especiais são exportados e dublados em dezenas de países, entre eles a China. Graças a isso o Brasil ganhou uma visibilidade mundial em termos populares. E tem outro aspecto: o mercado de trabalho que representa para artistas, técnicos, jornalistas e demais funcionários. Incluindo de suas afiliadas por todo o Brasil, que não podem operar sem a líder. Então o Brasil é um país engraçado. Repleto de carências, com incurável complexo de vira-lata, mas tem algo assim e muita gente combate, desejando até sua falência. Estou defendendo a Globo? Sim e não. Não confundam alhos com bugalhos. Tenho uma visão crítica sobre a rede, onde inclusive já trabalhei, na chefia de reportagem e como editor de texto, nos anos 1980. Empregados, trabalhadores, são uma coisa. Patrões e seus interesses, outra. A Globo é uma empresa capitalista como outra qualquer. Com suas disputas e divergências internas, como acontece em qualquer empresa. Sem essa percepção fica impossível dialogar. A Globo foi um projeto da ditadura, como expliquei no texto anterior. A Vênus Platinada, como cunhou o excelente jornalista Hamilton Almeida Filho, em famosa e antológica reportagem de capa da Veja, sobre a Globo. Roberto Marinho, herdeiro do jornal O Globo, do Rio, que já tinha também uma rede de rádios, tocou o projeto e foi fiel à ditadura até o estertor do regime, nas Diretas Já. Mas capitulou porque seria impossível fazer jornalismo, em 1983 e 1984, sem sair às ruas para cobrir o movimento, com milhões de pessoas. E palanques que reuniram a maior aliança política da História, com as divergências momentaneamente postas de lado. Marinho resistiu o quanto pode à cobertura do movimento, enquanto,

internamente, nossas redações pressionavam para ir às ruas. Quando finalmente fomos, e não havia outra escolha a Marinho, não poderia ignorar a História passando na sua porta, as hostilidades estavam presentes no grito de “o povo não é bobo, fora Rede Globo”. Felizmente, sem agressões físicas, mas suficiente para nos causar enorme desconforto, como profissionais trabalhando.

Com um detalhe no tempero: todos na equipe a favor das Diretas Já. A Globo sempre foi de direita, porque a família Marinho, a dona, sempre foi de direita. Foram famosos e de grande repercussão no passado seus embates com Leonel Brizola, um reformista ferrenho. Mas sua mudança de linha editorial foi clara a partir da morte de Marinho (1925-2003). Ele não abria mão do poder, e era inflexível. Contudo, mesmo sem jamais esconder sua opção ideológica, o Dr. Roberto, como era chamado na empresa, protegeu jornalistas que a ditadura tentou perseguir, inclusive sugerindo demissões. Ficou famoso o diálogo dele ao telefone, com o ministro da Justiça, Armando Falcão, o pai da censura, que pedia cabeças de jornalistas: “Senhor ministro, cuide dos seus comunistas e deixe que eu cuide dos meus” – disse Marinho. A única pessoa no Brasil que naquele momento podia falar nesse tom com Falcão, sem nenhum risco. E não demitiu ninguém.

Jornalistas sempre conheceram o pensamento dos colegas. Havia sim marxistas convictos nas redações, intelectuais, que não misturavam as coisas, sabiam dos limites.

O que faz a diferença é a visão crítica e capacidade de interpretação que esses profissionais têm sobre os fatos. Eram os melhores jornalistas, com textos brilhantes, e os patrões sabiam disso. Pagando-lhes inclusive os melhores salários.

O que marca profundamente a mudança histórica da Globo foi seu pedido oficial de desculpa por ter apoiado a ditadura. Elementar: ninguém pede desculpa por coisas boas, só pelas ruins, os erros. Isso teria sido impensável com Marinho no comando. Ele tinha a virtude de ser grato ao regime que o ajudou. Pelo ponto de vista ético, ainda que se discorde, comportou-se com dignidade.

O jornal O Globo, raiz e pai de todo o sistema Globo de comunicação, foi um grande apoiador do golpe de 1964. O mesmo golpe que Bolsonaro não conheceu, não viveu, e não estudou. Mas inventou que foi maravilhoso, com sua vocação para mentiras.

Melhor prova sobre a linha editorial do grupo Globo não existe. E com certeza Bolsonaro desconhece a trajetória do jornal e sua influência nos fatos de 1964. Caso contrário trataria com mais reverência um dos arquitetos daquele regime. A questão é que entre ser de direita, e bolsonarista, vai um mar de diferenças. Porque a interpretação é de que o bolsonarismo, que foi um acidente da democracia e será um episódio passageiro, mesmo na hipótese trágica de dois mandatos, só atrapalha o projeto da direita tradicional. Sendo tão ruim, que possa motivar uma volta da esquerda, ainda mais forte. Óbvio: sem resolver as demandas sociais mais graves, e privando a classe média da sua ambição de consumo, a migração do eleitor será natural, como sempre foi. Isso sempre foi a chave da alternância de poder no Brasil, nos Estados e no plano federativo. Não é a plenitude do meu pensamento, é o deles. Até de pessoas como Janaína

Paschoal, uma direitista desde a certidão de nascimento. E da Globo. Nosso problema, em outra vertente, é que a esquerda padece de trocar o pragmatismo político por velhos rancores. Não se desapega deles. Nem quando convém. Como é o caso agora nesse choque interno entre diferentes gradações da direita. É o que chamo, sem fazer rodeios, de burrice endêmica. Para que fique claro, lembrem que a ditadura não combateu só a esquerda. Combateu também um amplo setor da direita, tanto no plano civil como militar. A ditadura criava reservas de mercado que feriam grandes interesses de corporações empresariais. O principal com a Lei da Informática, sem que o Brasil tivesse tecnologia para acompanhar o resto do mundo. Essa dicotomia se repete, com a mídia praticamente em peso batendo duro em Bolsonaro, com exceção de Record e SBT. Mas essas não contam. O apoio de Edir Macedo e Silvio Santos é algo tão sólido quanto um pudim. Pode desandar no primeiro desagrado, por razões que será melhor nem comentar. Ah, mas a Globo ajudou a derrubar Dilma. Claro que ajudou. Nessa mesma lógica da sua oposição a Bolsonaro. Que sequer dá para chamar de combate. O problema é que o bolsonarismo é algo tão primário e antidemocrático – que o diga o filho zero um pregando fechamento do STF e volta de Ato-5 – que não aceita qualquer fiapo de crítica. Enquanto parte da esquerda burra faz coro contra a Globo. Como fazia nas Diretas Já, como já contei no primeiro artigo. Sem perceber que a presença lá das suas câmeras era uma força a mais, e que força, ao movimento. E mais do que isso: prova da vitória moral das ruas. Quero dedicar esta parte final às pessoas extremamente rígidas, que demonizam eternamente a Globo por conta de fatos passados. Sem saber tirar proveito das contradições da direita. Lembrando que a esquerda também tem suas contradições. Enxergar isso, ou não, é uma delas. Observem o maior pragmatismo da História, em todos os tempos, algo que seria impensável, mas aconteceu: a aliança dos Estados Unidos com o bloco da antiga União Soviética, na Segunda Guerra Mundial. A maior nação capitalista do mundo com o maior regime comunista, da época. Roosevelt dialogando e posando para fotos ao lado de Stálin, todos sorridentes. Sabendo que essa aliança selaria a derrota do nazismo, inimigo de ambos. O Exército Vermelho invadia a região oriental da Alemanha, chegava a Berlim, e a Guerra Fria já estava latente há muito tempo. Era um novo jogo de xadrez começando.

Berlim, ocupada e dividida, logo se transformou no maior foco de tensões do final dos anos 1940, alongando-se até metade dos anos 1960. Até estabilizar-se, mais ou menos. Mas a Guerra Fria continuou até a queda final do Muro de Berlim, em 3 de outubro de 1990, marcando a reunificação da Alemanha. O que interessa é que o inimigo comum tinha sido vencido, em 1945, principalmente por dois formidáveis exércitos. Nenhum exemplo, nenhuma analogia, será maior do que este fato para se dizer: É assim que se faz política. Com os amigos de sempre. E com os inimigos ocasionais, quando necessário.

30. O fundo do poço de Augusto Nunes ao atacar filhos de Glenn e David



<https://www.cartacapital.com.br/opinia/o-fundo-do-poco-de-augusto-nunes-ao-atacar-filhos-de-glenn-e-david/?fbclid=IwAR2PD5RNEzM7c2sFBzJM8wDGB7DAKfj0ty-9AsxjC4uoZixFksUsy8OPXQ>

GUSTAVO FREIRE BARBOSA 4 DE SETEMBRO DE 2019

Há sempre os vassallos no jornalismo a fazerem o serviço sujo do reacionarismo

Na música “Banditismo por uma questão de classe”, Chico Science e a Nação Zumbi brincam com as possíveis causas que levam as pessoas a entrarem no mundo do crime. Nela, indagam se a prática do banditismo se daria em função de uma maldade pura, inerente à pessoa, ou de suas necessidades básicas – afinal, com a barriga vazia não é possível dormir, como narra em primeira pessoa o protagonista de “Da lama ao caos”, também do grupo.

A conclusão é que o banditismo decorre, como o próprio título adianta, de uma questão de classe, num inteligente jogo semântico que envolve tanto “classe” quanto substantivo, referente a classe social, como adjetivo, apontando o valor e a qualidade de pessoas que, frutos de uma sociedade marcada pelo abismo entre ricos e pobres, depositam no crime as agruras da invisibilidade que lhes é imposta. Sendo a sobrevivência maior que a lei, a prática delituosa é tida como o grito de “quem era inocente hoje já virou bandido pra poder comer um pedaço de pão todo fudido”, como canta Science em outro trecho.

Embora o banditismo seja uma categoria que o senso comum relaciona às classes desfavorecidas, ele está bastante presente nas pessoas de branca e perfumada epiderme que vibram ao estilo do governador Wilson Witzel quando se deparam com notícias de pretos e pobres abatidos pela polícia. A diferença é que o banditismo, por se tratar de um fenômeno tradicionalmente interpretado sob um olhar de classe, qual seja, o olhar burguês (que, como toda ideologia dominante, captura inclusive quem não é burguês), recebe afagos de justificação moral a depender do lado da cerca em que se encontra.

Vejam a turma de Deltan e de seu ex-chefe, o ex-juiz Sérgio Moro, eloquentes exemplos de um banditismo que, por uma questão de classe

(social), é moralmente aceitável por parcelas da sociedade.

Moro e seus ex-subordinados da força tarefa, comandada por Deltan apenas no papel, trucidaram a lei, torturaram a Constituição, extorquiram o Código de Processo Penal e colocaram o Código de Penal em um pau-de-arara para que o desejo de encarcerar o ex-presidente Lula e interdita-lo eleitoralmente nas eleições de 2018 fosse realizado. Nunca é demais lembrar que Carlos Fernando dos Santos Lima, ex-membro da força tarefa, assumiu que era Jair o candidato do lavajatismo (oh, que grande novidade).

► **Leia também:**

- **Deltan captava recursos de empresários para Instituto Mude**

► **Leia também:**

- **Unimed financiou Deltan Dallagnol, que não incomodou convênios**

Em termos gerais, define-se corrupção como a ação de, por meios ilícitos, corromper alguém ou algo com o objetivo de obter vantagens em relação aos outros. Hoje, parece difícil existir alguém que, não sendo inimputável, ouse dizer que o conteúdo das conversas divulgadas pelo The Intercept Brasil não se trata de corrupção. Os malabarismos de Moro para se explicar e as desculpas publicadas pela procuradora Jerusa Viacoli em seu Twitter, lamentando a chacota feita em relação aos parentes mortos do ex-presidente Lula, são provas de que nem o mais teimoso lavajatista se atreve a sair em defesa de si próprio.

Há uma espécie de corrupção moral, de valores, respeito e civilidade, nas conversas dos procuradores sobre Lula e seus falecidos parentes. A soberba messiânica dos lavajatistas chega a levá-los a acreditar que foram outorgados do poder divino de decidir sobre o luto de terceiros, questionando a legitimidade do sofrimento de um marido pela morte da esposa, de um irmão pela morte do irmão e de um avô pelo abrupto falecimento do neto. Errou quem achava que a delinquência dos procuradores se limitava ao amontoado de crimes contra a administração pública que foram revelados pelo The Intercept Brasil.

Entretanto, existe sempre uma certa vassalagem, das mais caricatas e indignas, disposta a sujar as mãos.

O jornalista Augusto Nunes, que compõe junto com seus colegas da Jovem Pan e de O Antagonista o núcleo do passapanismo da Lava Jato, resolveu atacar Glenn Greenwald e seu marido, o deputado federal David Miranda, sugerindo que agem com negligência quanto à criação de seus filhos. De acordo com ele, o fato de Miranda trabalhar em Brasília e Glenn passar o dia “tendo chilikos no Twitter” seria a prova do pouco zelo com as crianças. Para defender o banditismo da turma de Deltan, chega a pedir a intervenção do “juizado de menores”, que deixou de existir há trinta anos.

Nunes ignora ser comum que, a depender das condições socioeconômicas – percebam como é impossível fugir da questão de classe -, pais trabalhem durante o dia enquanto os filhos ficam em casa ou na escola. Deve o “juizado de menores” investigar todos os casais que fazem isso? Sua sede em defender as indefensáveis práticas dos lavajatistas o faz dizer coisas que, de tão estúpidas, acabam por deixar claro o quão longe pode ir a idolatria religiosa pelo banditismo dos responsáveis por essa força tarefa.

[Mônica Bergamo](#)

[✓@monicabergamo](#)

Filhos, e a maneira de criá-los, estão fora do debate público. A não ser que sejam homens ou mulheres públicos, ou que se exponham voluntariamente. Não é o caso dos filhos de Glenn Greenwald @ggreenwald, que são duas crianças, de 12 e 8 anos. <https://twitter.com/ggreenwald/status/1168229577552015361> ...

Glenn Greenwald

✓@ggreenwald

Fiz jornalismo em dezenas de países no mundo democrático. Um limite absoluto, até em combate político, é não usar os filhos menores como alvo. A única exceção que conheço é o movimento Bolsonaro e esse lixo do JP e @Veja: se 2 pais trabalham, o Estado deve investigar seus filhos?



Faltou classe – aqui como sinônimo de sensibilidade, educação, valor e respeito – aos procuradores quando debocharam de Lula e pisaram nos cadáveres de dona Marisa, Vavá e Arthur, como escreveu Leandro Demori, do The Intercept Brasil, em resposta às afirmações de Dallagnol de que seriam apenas conversas mundanas, comuns em almoços de família.

Por outro lado, pudemos ver como opera o verdadeiro espírito de uma classe – agora, mais uma vez, no sentido de classe social – ao nos depararmos com pessoas que se veem autorizadas a decidir sobre o luto e os direitos de alguém que, historicamente identificado com as classes subalternas, é alvo de todo o seu ódio.

► **Leia também:**

Os procuradores, agentes de um banditismo pretensamente justificado por seus fins, cometeram seus crimes a partir de sua posição na sociedade,

valendo-se não apenas dos privilégios que a igualdade formal, pérola da democracia liberal, lhes concede ao protegê-los de processos e prisões, mas do uso de uma moral seletiva que poupa gente como banqueiros, Paulo Guedes, FHC e Onyx Lorenzoni, conforme demonstrou João Filho em artigo publicado no The Intercept Brasil no dia 25 de agosto.

Mas mesmo privilegiados como Deltan e cia não estão livres de cedo ou tarde prestarem contas do que fizeram. Atitudes desesperadas como a de Nunes são a comprovação de que as criaturas que se presta a defender, oprimidas e acoçadas, estão espremidas no canto, suspirando e resfolegando enquanto começam a perceber que serão inevitavelmente engolidas pela História.

Este texto não reflete necessariamente a opinião de CartaCapital.

... Mas não se vá ainda. Ajude-nos a manter de pé o trabalho de **CartaCapital**.

O jornalismo vigia a fronteira entre a civilização e a barbárie. Fiscaliza o poder em todas as suas dimensões. Está a serviço da democracia e da diversidade de opinião, contra a escuridão do autoritarismo do pensamento único, da ignorância e da brutalidade. Há 24 anos **CartaCapital** exercita o espírito crítico, fiel à verdade factual, atenta ao compromisso de fiscalizar o poder onde quer que ele se manifeste.

v

31. Paulo Baía - LULA SOLTO ABRE NOVO CICLO - FB 08nov

Ao contrário de muitos analistas políticos, não identifico a sociedade brasileira polarizada entre Lulapetistas e Bolsonaristas.

A eleição de 2018 que elegeu Jair Bolsonaro foi marcada pela adesão majoritária da população à Operação Lava-jato, que formou um partido eleitoral que eu denomino de Lavajatismo.

Bolsonaro surfou nessa onda antissistema.

Com a Operação Lava-jato posta em cheque e a presença de Sérgio Moro no governo como ministro, o partido Lavajatista está em crise de identidade.

Veja que eu não classifico o Lavajatismo como Bolsonarismo.

O Bolsonarismo é um fenômeno social-eleitoral que comove 25% da população.

O Lavatismo mobilizou 70% da população a seu favor.

Com a soltura de Lula e o enfrentamento que Lula delineou fazer a Bolsonaro, creio que o Lulapetismo tende a crescer na sociedade brasileira.

Nossa sociedade tem uma história secular de desigualdade social e o governo Jair Bolsonaro é um governo de destruição continuada das redes de proteção social.

Curiosamente, o projeto de aniquilamento do sistema de proteção social tem maioria no parlamento brasileiro e é muito benquisto pelo mercado e mídias tradicionais.

Já não vivemos o clima eleitoral de 2018 e Jair Bolsonaro não é mais o Mito da Esperança Lavajatista.

Iniciamos hoje um ciclo político em que o enfrentamento de Lula a Jair Bolsonaro e vice-versa favorecerá Lula e seus aliados.

32. O dia seguinte ao Lula Livre

https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2019/O-dia-seguinte-ao-Lula-Livre?fbclid=IwAR0vCevcd_n6ezXD9Fge38AY_WHvnpMacqnvCnr2VxtN_hNkk6viLzmD5zA&utm_medium=article_share&utm_campaign=self

Cláudio Gonçalves Couto 10 Nov 2019

Saída da prisão do maior líder da esquerda brasileira pode criar uma agenda positiva para a oposição, desde que ela não se esgote na figura pessoal de Lula. Lula foi o sujeito político constante da política brasileira recente, desde sua primeira vitória presidencial, passando pelos anos de sua sucessora e pela eleição que foi impedido de disputar.

Na primeira fase, figurou o protagonismo inescapável do candidato favorito, a princípio, e do presidente popularíssimo, depois.

Na segunda fase, manteve-se pela expectativa inicial de que Dilma lhe cederia vez e, posteriormente, de que ele poderia lhe corrigir os rumos.

Na terceira fase, permaneceu por ter sido o candidato mesmo quando não era candidato – “Haddad é Lula” –, nada expressando melhor essa imagem do que a icônica foto do ex-prefeito de São Paulo a espreitar por detrás da máscara do ex-presidente.

Passada a eleição e empossado Bolsonaro, Lula seguiu presente na campanha do “Lula Livre”, que em meio ao esfacelamento da oposição e, em especial, da esquerda, tornou-se o samba de uma nota só. A sorte dessa oposição é que o governo Bolsonaro fez em boa medida seu trabalho, com suas recorrentes e aparentemente congênicas crises internas.

Uma vez liberto, o ex-presidente ganha força para atuar como a liderança de que hoje a oposição e a esquerda se veem desprovidas. Para isso, conta com o carisma, a trajetória e a habilidade de negociador. Resta saber como efetivamente se comportará nesse papel. Embora já se tenha o “Lula Livre”, falta ainda o “Lula Inocente”. Embora essa possa ser uma nova palavra de ordem, é insuficiente para conferir à oposição de esquerda a capacidade de efetivamente se construir como alternativa política real – ainda mais se

sucumbir ao messianismo ou ao sebastianismo lulistas. **Se isto ocorrer, o papel do líder tende a ser não apenas diminuído, mas também arriscado: caso não seja inocentado, dará um abraço de afogado em seu partido e, talvez, até noutros setores da esquerda.** Já que não poderá ser candidato se permanecer condenado, a insistência em seu nome tende a dificultar a construção de qualquer alternativa eleitoral em tempo hábil.

O retorno de Lula ao prosclênio das articulações políticas da oposição contribuiu também para o reforço da dinâmica polarizadora entre o bolsonarismo e o petismo. **Note-se, porém, que polarização reforçada não implica necessariamente em maior radicalização. A polarização política é inerente à disputa política democrática, contrapondo adversários que se mostram como alternativas claras.** Desde o Plano Real até 2014, a polarização nacional se dava entre o PT – hegemonizando a esquerda – e o PSDB – que angariou um apoio que ia da centro-esquerda à direita tradicional. O “Lulinha paz e amor” de 2002 e a chegada ao governo federal puxaram o PT para a centro-esquerda, deslocando o PSDB cada vez mais para direita. Contudo, os seguidos escândalos que afetaram não só ao PT, mas ao conjunto da classe política tradicional, abriram espaço para o surgimento de candidaturas antissistema. À centro-esquerda, Marina Silva ameaçou ser essa candidatura antissistema em sua versão moderada e democrática, mas não vingou. **Na extrema-direita, Bolsonaro – nutrido também pelo lavajatismo – apresentou-se como a opção radical e venceu. Produziu-se assim uma nova polarização, assimétrica, entre a esquerda moderada, social-democrata e maculada por escândalos de corrupção, dominada pelo PT, e a extrema-direita bolsonarista, com seu neofascismo subletrado, caracterizado por religiosidade antissecular, intolerância, teorias conspiratórias, elogio da violência e ultraliberalismo única e exclusivamente econômico.**

COM LULA SOLTO E ATUANTE, O BOLSONARISMO GANHA O PRETEXTO PARA RETOMAR COM FORÇA O DISCURSO POLARIZADOR ANTIPETISTA, ANTI-INSTITUCIONAL E MORALIZADOR

Com Lula solto e atuante, o bolsonarismo ganha o pretexto para retomar com força o discurso polarizador antipetista, anti-institucional (vejam-se as críticas ao STF) e pretensamente moralizador. **Desvia também o foco, ainda que momentaneamente, dos problemas que afligem o governo, o partido presidencial e a família do presidente.** Para o bolsonarismo, quanto mais acerbo for esse embate, mais produtivo é seu labor de cerrar fileiras entre a parcela da sociedade que lhe apoia e teme tanto o esquerdismo como a corrupção (ao menos se for a corrupção da esquerda). Resta saber como agirá Lula. Caso se concretize a disposição de sair da prisão mais à esquerda do que entrou, dificultará a construção de pontes com setores da sociedade que se opõem à extrema-direita no governo, mas não compram o pacote petista completo, sobretudo com seus elementos politicamente mais radicais e economicamente mais duvidosos. Mesmo no campo da própria esquerda partidária, a construção de alianças não convive bem com hegemonismo petista, que tradicionalmente buscou sujeitar os demais partidos ao seu domínio. Cabe observar também que alguns laços parecem rompidos de forma dificilmente reversível, como no caso do PDT de Ciro Gomes – verdade se diga, em boa parte por responsabilidade deste.

À oposição, que contou muito até agora com a incompetência do governo, falta uma agenda positiva. Essa agenda não equivale à entronização de uma liderança carismática como Lula – isso pode até mesmo ser um impeditivo para o seu sucesso. Porém, essa liderança tem a capacidade de costurar essa agenda se usar sua força, mas não se impuser como sendo ela pessoalmente a solução – ainda mais tendo em vista os obstáculos legais que ainda remanescem para sua candidatura. Também há a possibilidade de Lula entrar na lógica da polarização encruada, tão ao gosto do bolsonarismo. Se isso ocorrer, abre-se espaço para alguém buscar ocupar o centro (o que inclui a centro-direita e a centro-esquerda). **O desdobrar da luta política brasileira no próximo período depende em boa medida das escolhas que fizer Lula no futuro imediato.** No passado recente elas não foram das melhores, como ficou claro na opção por Dilma (alguém desprovido do perfil exigido pelo cargo) e na insistência da própria candidatura (quando ela já não era viável). Agora, no esplendor de seus 74 anos, Lula precisará mostrar o quanto aprendeu com os erros para não os repetir. E, claro, precisará convencer os seus a aceitar estrategicamente algo menos do que tudo – como fez ao final da greve de 1979, saindo carregado nos braços pelos seus companheiros de sindicato.

Cláudio Gonçalves Couto é cientista político, professor do Departamento de Gestão Pública da FGV- Easp (Fundação Getúlio Vargas - Escola de Administração de Empresas de São Paulo).

Link para matéria: https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2019/O-dia-seguinte-ao-Lula-Livre?fbclid=IwAR0vCevcd_n6ezXD9Fge38AY_WHvnpMacqnvCnr2VxtN_hNkk6viLzmD5zA&utm_medium=article_share&utm_campaign=self

© 2019 | Todos os direitos deste material são reservados ao NEXO JORNAL LTDA., conforme a Lei nº 9.610/98. A sua publicação, redistribuição, transmissão e reescrita sem autorização prévia é proibida.

33. Lula: No meu coração só tem espaço para amor porque o amor vai vencer nesse país

<https://www.cut.org.br/noticias/lula-no-meu-coracao-so-tem-espaco-para-amor-porque-o-amor-vai-vencer-nesse-pais-8d48?fbclid=IwAR38kmiPObhg3-b2z6VpgJ-PggeYFiaPiWNAjVjxE3zDkrkudB5heAEzjOs>

Em discurso na Vigília Lula Livre, ex-presidente agradeceu a militância que esteve ao seu lado nos 580 dias de prisão política e disse que sai da prisão sem ódio no coração

Publicado: 08 Novembro, 2019 - 19h21 | **Última modificação:** 08 Novembro, 2019 - 19h29

Escrito por: Rosely Rocha
GIBRAN MENDES



O ex-presidente Lula está livre. E a primeira coisa que fez quando foi libertado 580 dias depois da prisão política na sede da Superintendência da Polícia Federal, em Curitiba (PR), foi agradecer o apoio da militância na Vigília Lula Livre.

O ex-presidente disse que imaginava ao sair que poderia dar um grande abraço, um grande beijo em cada pessoa presente na vigília.

“Vocês não sabem o significado e a importância de vocês na minha vida. Vocês não têm noção do que representaram para mim. Eu fiquei mais fortalecido, mais corajoso”, disse.

“Todo santo dia, vocês eram o alimento da democracia que eu precisava para resistir à safadeza e à canalhice que um lado podre do estado brasileiro, da Justiça, do Ministério Público, da Polícia Federal, da Receita Federal que trabalharam para incriminar o PT e Lula”, disse o ex-presidente.

Lula agradeceu uma a uma as dezenas de pessoas que ajudaram a manter a Vigília Lula Livre da CUT, do MST, do PT, do MAB e das frentes Brasil Popular e Povo sem Medo. Ele também agradeceu a sua equipe, citou seu secretário Marco Aurélio, o fotógrafo Ricardo Stuckert, os advogados, a presidenta do PT, Gleisi Hoffmann, entre outros.

E, ao citar o nome do responsável por sua segurança, o capitão Moraes, Lula ironizou Jair Bolsonaro. Disse que quando ele tivesse que encontrar Moraes, quem deveria bater continência era Bolsonaro, que era tenente e só foi promovido a capitão ao se aposentar do Exército. Moraes, ao contrário é capitão, de verdade.

JOKA MADRUGA

No palanque improvisado, Lula apresentou seu neto Thiago, a filha Lurian e sua namorada, a socióloga Rosângela da Silva, com quem disse que pretende se casar.

“Quero apresentar para vocês uma pessoa se eu já falei, mas nem todos vocês conheciam. Quero apresentar a minha futura companheira. Eu consegui a proeza de dentro da prisão, arrumar uma namorada, ficar apaixonado e ainda ela aceitar casar comigo. É muita coragem dela”, brincou Lula.

O lado mentiroso da Justiça

O ex-presidente disse em seu curto discurso que vai lutar para melhorar a vida do povo brasileiro e também para mostrar ao país que os procuradores da Lava Jato e o ministro da Justiça, Sérgio Moro, são mentirosos.

“Quero dizer alto e bom som para a Nação que tem um lado mentiroso da Polícia Federal, da base do Ministério Público e da força-tarefa da Lava Jato. Eles não prenderam um homem, eles tentaram matar uma ideia. Uma ideia não se mata, não desaparece. E eu quero voltar para provar que se existe uma quadrilha, um bando de mafioso nesse país que fez essa maracutaia, liderados pela TV Globo, para criminalizar o PT, que eles não têm 10% da minha honestidade”.

Lula afirmou que os que tramaram contra ele têm de saber que caráter e dignidade não se compram em Shopping Center, em feira ou no bar. Tudo que adquiriu na vida veio de sua mãe, dona Lindu, uma mulher analfabeta, que teve 12 filhos.

Foi ela [dona Lindu] que me ensinou a ter dignidade. Por isso, saio sem ódio. No meu coração só tem espaço para amor, porque o amor vai vencer nesse país. Não é o ódio que vai vencer- Lula

Futuro será percorrer o país

Lula disse que tem visto com preocupação os indicadores sociais do país que pioraram após a sua prisão.

“Depois que eu fui preso, que eles roubaram do Haddad [a eleição presidencial, vencida por Bolsonaro] o Brasil não melhorou, só piorou. O povo está passando mais fome, o povo está desempregado, não tem mais trabalho com carteira assinada, estão trabalhando de Uber, de bicicleta para entregar pizza ou estão trabalhando sem o menor respeito”, criticou.

Para Lula é inconcebível não ter aumento real no salário mínimo nos próximos dois anos, como anunciou o governo no Plano Mais Brasil. E por esse e outros motivos irá percorrer o Brasil para discutir o futuro do país.

“Eu tenho é vontade de provar que esse país pode ser muito melhor, a hora que quiser. A hora que tivermos um governo que não minta tanto pelo Twitter como Bolsonaro mente e tenha a coragem de propor soluções”.

Ao encerrar o seu discurso emocionado, Lula agradeceu mais uma vez a militância da Vigília Lula Livre.

“Obrigado do fundo do coração. Eu não tenho como pagar a vocês. Serei eternamente grato e fiel à luta de vocês. Que Deus abençoe cada um, cada homem, cada mulher e me dê força para lutar por vocês que ficaram aqui durante esses 580 dias”.

34. Sob embalo de vitória de Lula, esquerda latino-americana se reúne em Buenos Aires

<http://br.rfi.fr/americas/20191108-linha-direta-os-lideres-da-esquerda-latino-americana-se-reunem-neste-final-de->

[sema?fbclid=IwAR2ZB4xA1IMbwRx_P8VdIvI_X_Xw980JXErJRMPPQ-w5MIrJr3ye-ydR9M](http://br.rfi.fr/americas/20191108-linha-direta-os-lideres-da-esquerda-latino-americana-se-reunem-neste-final-de-sema?fbclid=IwAR2ZB4xA1IMbwRx_P8VdIvI_X_Xw980JXErJRMPPQ-w5MIrJr3ye-ydR9M)

Publicado em 08-11-2019 Modificado em 08-11-2019 em 11:39



Criado em julho na cidade de Puebla, México, o grupo é formado por líderes da esquerda de 12 países da América Latina. facebook.com/progresalatam/photos

Os líderes da esquerda latino-americana se reúnem neste fim de semana em Buenos Aires para consolidar uma nova aliança progressista que pretende conter o avanço da direita na região. É o chamado "Grupo de Puebla", que está eufórico com a iminente liberdade de Lula no Brasil e com a vitória de Alberto Fernández na Argentina.

Márcio Resende, correspondente da RFI em Buenos Aires

Entre os líderes reunidos em Buenos Aires estarão ex-presidentes como Dilma Rousseff, José Mujica, e Fernando Lugo. No total, o grupo tem 32 políticos de 12 países, entre os quais o próprio Lula, para quem o grupo já pedia a liberdade e denunciava perseguição política.

O nome "Puebla" vem da cidade mexicana na qual o grupo foi timidamente lançado, em julho passado. Entre os fundadores da aliança, está o brasileiro Aloízio Mercadante, uma referência do PT; o recém-eleito presidente da Argentina, Alberto Fernández, e o ex-candidato a presidente chileno Marco Enríquez-Ominami.

O grupo é um novo eixo progressista que pretende unir líderes da esquerda latino-americana num espaço de integração regional, para gerar alternativas às políticas neoliberais que ganharam terreno com as vitórias da direita ao longo dos últimos quatro anos. Há nove ex-presidentes, oito ex-chanceleres, cinco

ex-candidatos a presidente, vários ex-parlamentares e um presidente eleito. **A vitória de Fernández, há duas semanas, deu uma dimensão inusitada ao grupo.** É ele quem abrirá as reuniões neste sábado (9), com um discurso que vai exaltar a iminente liberdade de Lula.

Lula será exemplo para outros casos na região

O ex-presidente Lula já seria um protagonista sem estar presente – mas, **depois da decisão do STF do Brasil de vetar a prisão de condenados em segunda instância,** o líder petista ganha ainda mais protagonismo. Ele servirá de bandeira de vitória e estratégia para outros líderes que estão encurralados pela Justiça, como o ex-presidente do Equador, Rafael Correa, e a ex-presidente argentina, eleita agora vice-presidente, Cristina Kirchner.

Alberto Fernández publicou nas redes sociais uma mensagem na qual exaltou "ter valido a pena a luta de tantos anos" pela liberdade de Lula e disse que "é a mesma coisa que está pedindo na Argentina". Mas, na verdade, essa é uma estratégia retórica, porque nem na Argentina, nem no Equador há condenações judiciais até o momento.

A reunião do Grupo de Puebla será uma forte caixa de ressonância da decisão sobre Lula, com a presença da cúpula petista, como a ex-presidente Dilma Rousseff, o ex-candidato Fernando Haddad, o ex-chanceler Celso Amorim e o ex-senador Aloízio Mercadante.

Novo Foro de São Paulo?

A comparação entre o novo Grupo de Puebla com o Foro de São Paulo é inevitável. O Foro de São Paulo foi criado em 1990 com partidos políticos e organizações de esquerda, numa aliança que promoveu alternativas na região à política neoliberal em vigor nos anos 1990 – assim como o Grupo de Puebla pretende agora.

À RFI, o fundador e articulador do Grupo de Puebla, o chileno Marco Enríquez-Ominami, admitiu que são herdeiros do Foro de São Paulo pelo ângulo de que toda construção é resultado de uma longa militância do progressismo. Mas frisou que o Grupo de Puebla não representa partidos, apenas líderes, e não há nem haverá líderes no exercício do poder.

Além das notícias que vêm do Brasil, a reunião de Buenos Aires debaterá a situação no Chile, no Equador, na Venezuela e na Bolívia. Também deve denunciar as políticas da direita do presidente chileno Sebastián Piñera e do equatoriano Lenín Moreno.

No entanto, quando o assunto é Venezuela, não há uma condenação do governo de Nicolás Maduro, apenas o pedido de respeito pela soberania do país e pela autodeterminação dos povos. Devem pregar, ainda, uma solução pacífica para a crise venezuelana, sem intervenções militares externas.

No caso da Bolívia, apesar das manifestações populares contra o presidente de esquerda Evo Morales, suspeito de ter manipulado as recentes eleições, o Grupo de Puebla reconhece a sua vitória no pleito – embora uma missão da Organização dos Estados Americanos (OEA) esteja na Bolívia para avaliar, com caráter vinculante, se houve fraude. Sobre isso, não se espera nenhuma palavra em Buenos Aires.

35. Celso de Mello diz que Bolsonaro não tem estatura para ser presidente

<http://www.tijolaco.net/blog/celso-de-mello-diz-que-bolsonaro-nao-tem-estatura-para-ser-presidente/?fbclid=IwAR05q9xpiO3AkKcBsDQ3plpNhZGyFpmH8WUeUS17-1xuhi4LoJezRN3vwtQ>

POR [FERNANDO BRITO](#) · 28/10/2019

Celso de Mello, decano do Supremo Tribunal Federal, soltou uma dura nota em resposta à veiculação de um vídeo na conta de Twitter de Jair Bolsonaro – ao que tudo indica pelo filho Carlos – onde, numa montagem tosca, o presidente é comparado a um leão atacado por hienas, uma delas o STF.

Leia, com o que grifei, e comento a seguir:

A ser verdadeira a postagem feita pelo Senhor Presidente da República em sua conta pessoal no “Twitter”, torna-se evidente que o atrevimento presidencial parece não encontrar limites na compostura que um Chefe de Estado deve demonstrar no exercício de suas altas funções, pois o vídeo que equipara, ofensivamente, o Supremo Tribunal Federal a uma “hiena”

culmina, de modo absurdo e grosseiro, por falsamente identificar a Suprema Corte como um de seus opositores.

Esse comportamento revelado no vídeo em questão, além de caracterizar absoluta falta de “gravitas” e de apropriada estatura presidencial, também constitui a expressão odiosa (e profundamente lamentável) de quem desconhece o dogma da separação de poderes e, o que é mais grave, de quem teme um Poder Judiciário independente e consciente de que ninguém, nem mesmo o Presidente da República, está acima da autoridade da Constituição e das leis da República.

É imperioso que o Senhor Presidente da República —que não é um “monarca presidencial”, como se o nosso país absurdamente fosse uma selva na qual o Leão imperasse com poderes absolutos e ilimitados— saiba que, em uma sociedade civilizada e de perfil democrático, jamais haverá cidadãos livres sem um Poder Judiciário independente, como o é a Magistratura do Brasil.

O ministro Celso tem absoluta razão, mas é impossível deixar de ver que, neste processo, também há uma imensa responsabilidade de uma Corte Suprema que acovardou-se diante de todo o processo de judicialização da política que levou a anomalia a chegar ao poder.

E que, ironicamente, a corte suprema brasileira talvez tenha sido o leão que se deixou acovardar pelo alarido das hienas, inclusive as que envergonham a farda do Exército Brasileiro e que docilmente permitiram a deformidade que são as estruturas de poder no país.

Vai custar muito aos senhores reafirmar sua autoridade, não apenas diante do clã presidencial, mas diante da Nação.

Ainda que tarde, que comecem a fazer isso.

36. Sentença contra Lula será estudada como exemplo de má justiça

<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2018/07/eurodeputado-sentenca-contralula-sera-estudada-como-exemplo-de-ma-justica/>

Para o deputado italiano do Parlamento Europeu Roberto Gualtieri, Lula é um preso político. Ele visitou o ex-presidente e disse que reputação da Justiça brasileira está em perigo

Publicado por Redação RBA 26/07/2018 19:10ntnça. Tem grandes inquietações na Europa sobre essa prisão'

São Paulo – O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebeu nesta quinta-feira (26) a visita do deputado do Parlamento Europeu, presidente da Comissão para Assuntos Econômicos e Monetários daquela Casa, o italiano Roberto Gualtieri. “Li todo o processo contra o Lula e fiquei chocado com a ausência de provas. Essa sentença será estudada nas universidades por muitos anos como exemplo de má justiça”, afirmou o parlamentar, ao sair da sede da Polícia Federal em Curitiba, onde Lula está preso há 111 dias.

Gualtieri disse que ficou emocionado ao se encontrar com o ex-presidente brasileiro. “Lula foi condenado sem provas. Ele tem sido uma referência para todos os democratas do mundo por suas políticas de igualdade social, inclusão, desenvolvimento econômico e igualdade social. Estamos do lado de Lula”, disse. O eurodeputado contou que trouxe algumas cartas para Lula. “Uma delas, uma carta conjunta de deputados do Parlamento Europeu e outra de líderes italianos. Trouxe abraços de ao menos cinco ex-presidentes do Conselho Italiano”, afirmou, citando o ex-primeiro-ministro daquele país Matteo Renzi.

“Expressei a solidariedade humana e política dos progressistas europeus. Lula corre o risco de não ser candidato por causa dessa sentença fraca. Isso é preocupante para a jovem democracia brasileira. É preocupante para a imagem do Brasil no mundo e na Europa. O Brasil tem uma Constituição avançada, e uma coisa como essa é negativa para o país. Digo isso, novamente, porque li a sentença. Tem grandes inquietações na Europa sobre essa prisão. Todos sabem que Lula lidera as pesquisas e vejo um grande dano impedi-lo de concorrer às eleições de outubro”, completou.

Eleições e alianças

Além de Gualtieri, Lula se encontrou na tarde de hoje com a presidenta de seu partido, senadora Gleisi Hoffmann (PR). Ela disse que eles trataram de questões políticas e que ela apresentou a [pesquisa CUT Vox Populi de hoje](#), que o aponta como vencedor do pleito presidencial ainda em primeiro turno. “Os índices de aprovação dele, as intenções de voto, o que as pessoas acham dele. Ele disse que essas coisas o fazem resistir”, afirmou a senadora.

“Ele disse que só aguenta pela esperança do povo brasileiro. Essa é a força dele. Ele disse que talvez não aguentaria essa situação não fosse isso. Estamos com 111 dias de prisão de uma forma dolorosa e injusta para ele e para a família. Ele é a pessoa capaz de tirar o Brasil da crise, de pacificar o país e de retomar o caminho do crescimento”, acrescentou a líder petista.

Gleisi falou sobre as articulações políticas que estão se desenhando neste período de pré-campanha. “Se tivermos a aliança com o PSB, também vamos fechar aliança em Pernambuco. Temos um projeto nacional. O Brasil tem

capacidade de crescer, essa é nossa prioridade: disputar a eleição presidencial com o Lula e ganhar. Os palanques vão ser formados e ele estará nos palanques. Não dá para discutir eleições sem Lula, ele tem a preferência popular que só cresce. Ele estará na campanha independentemente da situação dele. No dia 15, vamos registrar Lula e temos esse compromisso. Lula tem muito respeito pelos partidos e vê como importante uma frente da esquerda.”

37. Nas entrelinhas: A jararaca está de volta

<http://blogs.correiobraziliense.com.br/azedo/nas-entrelinhas-a-jararaca-esta-de-volta/>

Publicado em 10/11/2019 - 07:49 Luiz Carlos Azedo

“Lula pretende percorrer o país para lutar contra o que chamou de “banda podre” do Judiciário, do Ministério Público, da Polícia Federal e, é claro, contra o presidente Bolsonaro”

Para usar uma expressão do próprio ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, num ato político no Sindicato dos Bancários de São Paulo, após uma condução coercitiva determinada pelo então juiz federal da 13ª Vara Federal de Curitiba, Sergio Moro, hoje o ministro da Justiça do governo Bolsonaro, a jararaca está solta. Sim, porque foi com espírito de jararaca que Lula deixou a prisão na Superintendência da Polícia Federal em Curitiba, na sexta-feira, e anunciou que pretende percorrer o país para lutar contra o que chamou de “banda podre” do Judiciário, do Ministério Público, da Polícia Federal e, é claro, contra o presidente Jair Bolsonaro, cuja eleição disse que foi “roubada”, embora não se possa questionar a legitimidade do pleito de 2018.

Quando Lula falou que a eleição fora roubada, numa alusão à derrota do candidato petista Fernando Haddad, não estava se referindo à lisura da votação e contagem dos votos pelo sistema eletrônico, que o presidente Jair Bolsonaro, diga-se de passagem, colocara em suspeição durante a campanha. Não, Lula se referia ao fato de não poder participar da disputa, por ter sido condenado em segunda instância e ter sua candidatura cancelada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A propósito, sua candidatura catapultou Haddad para o segundo turno, porém, ao mesmo tempo, lhe roubou qualquer identidade e limitou a possibilidade de tecer alianças mais amplas.

A libertação de Lula projeta um cenário de polarização com o presidente Bolsonaro para 2022. Simultaneamente, é um tremendo déjà vu político, pois a saída da cadeia não absolve nem devolve os direitos políticos ao ex-presidente petista, cassados em razão da Lei da Ficha Limpa. Com duas condenações e réu em mais sete ações criminais, para que possa ser candidato, são necessárias absolvições, anulação de sentenças e a suspeição do ex-juiz Sergio Moro. É pasta fora do tubo.

Lula passou 580 dias preso sob a acusação de aceitar a propriedade de um triplex, no Guarujá (SP), como propina paga pela OAS, em troca de três contratos com a Petrobras. Apesar de negar sistematicamente esses crimes, a condenação foi confirmada pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ), com pena de oito anos, 10 meses e 20 dias. Também foi condenado em primeira instância no caso do sítio de Atibaia (SP), por receber vantagens indevidas das

empreiteiras Odebrecht e OAS em troca de favorecimento às empresas em contratos da Petrobras. As reformas e benfeitorias realizadas pelas construtoras no sítio frequentado por Lula configuraram prática dos crimes de corrupção e lavagem de dinheiro.

Emenda

Manente

Lula pode aguardar a conclusão do processo em liberdade, mas isso não muda sua condição de condenado, que aguarda o trânsito em julgado do caso para cumprir a pena, graças ao princípio da presunção de inocência. Essa é a consequência da decisão de quinta-feira passada do Supremo Tribunal Federal (STF), que aboliu a jurisprudência que determinava a execução imediata da pena após condenação em segunda instância. Processos judiciais são como um trem-parador, vão de estação em estação, até chegar ao fim do ramal.

A propósito da mudança de entendimento do Supremo, todos sabiam do resultado antes da conclusão. Essa é uma característica da Corte, cujas sessões são televisionadas ao vivo e os votos dos ministros, quase sempre, antecipados nas entrevistas e apartes. No caso desse julgamento, interrompido duas vezes, seu resultado já era esperado pelo presidente Jair Bolsonaro e pelos presidentes do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP), e da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ). A rigor, nenhum dos três se dispôs a confrontar a decisão do Supremo, como é normal numa ordem democrática. O presidente da Corte, ministro Dias Toffoli, porém, pôs lenha na fogueira ao dizer que o Congresso poderia mudar o entendimento do Supremo alterando a Constituição. Ora, a exegese dos ministros que defenderam o fim da execução da pena em segunda instância invocava o artigo 5º. da Constituição como cláusula pétrea.

Tramita na Câmara uma emenda constitucional, de autoria do deputado Alex Manente (SP), do Cidadania, que estabelece como norma a execução da pena após condenação em segunda instância. Com o apoio do Novo e do Podemos, as três legendas catalisaram setores insatisfeitos da opinião pública com a decisão do Supremo e se declararam em obstrução a quaisquer votação, até que a PEC seja votada. Era tudo o que os movimentos pela ética na política precisavam para ter uma bandeira mobilizadora, para tentar reverter no Congresso a decisão do Supremo, mandando os condenados em segunda instância de volta à cadeia. Entretanto, não somente Lula estava interessado na mudança, há muitos políticos que pegam carona na decisão do Supremo. Talvez formem maioria no Congresso.

38. A crise de identidade brasileira

Adhemar Bahadrian

Qualquer que seja sua orientação política, você, todos nós, somos forçados a reconhecer que este novembro ficará, para o bem ou para o mal, em nossa lembrança por muitos, muitos anos. Há nele qualquer coisa

similar a momentos irreversíveis em nossas vidas pessoais ,como a descoberta de um amor ou a triste constatação do fim de outro.

Momentos paralisantes, até que deles surja a consciência de que temos a enfrentar um novo caminho por mais assustador que seja.Uma espécie de vestibular para a maturidade, cuja reprovação sequer pode ser imaginada. Assim, vejo este momento no Brasil.

Serei eu romântico? Um idealista empedernido, que não consigo me acostumar com a natureza humana sempre atraída pelo brilho ofuscante do ouro imediato ? Não deveríamos eu, você , todos nós continuarmos como se nada tivesse havido, nada nos houvesse profundamente envergonhado e de tal forma contaminado o nosso olhar que nossa única alternativa será a opção pela cegueira ?

Como desconhecer neste mês de novembro que relatórios sóbrios e factuais nos esfregam na cara índices impensáveis de abjeta pobreza de milhões de brasileiros, crianças desnutridas e sem escolas, como se este quadro social famélico fosse tão natural quanto o suceder da noite pelo dia.?

Como receber com naturalidade essa injustiça social e aceitar compungidos que as reformas constitucionais que nos propõem os sábios deste governo são necessárias para um equilíbrio fiscal que nos desequilibra a dignidade de viver lado a lado com essas crianças sem futuro, senão nas presas do crime a lhes garantir um símile de vida?

Como aceitar que o Estado ,dito Democrático de Direito, possa ser o carniceiro que nos sugere ser inviável construir um país nestas paragens, mas que ,ao contrário, é necessário e aconselhável vender suas empresas estatais ,ou quase, como a Petrobras, flutuando num mar de riqueza? Para que

serviu vender a então Vale do Rio Doce e vê-la transformada numa torrente de sangue, lama e lágrimas, por incúria, por desleixo, por esperteza. ? Por que até hoje não se apuram responsabilidades em Brumadinho. nem em lugar algum?

Como aceitar que a proposta de reforma tributária neste país, com abissal desnível social, sequer arranhe, sequer sussurre que os bilionários deveriam pagar um pouco mais do que pagam os assalariados.? E por que a reforma administrativa promete acabar com a estabilidade do servidor público ou transformá-la num compadrio mafioso? Em que manuais de economia estudaram nossos sábios economistas em que a variável pobreza só aparece como literatura refratária aos elegantes torneios de redução de custos e maximização de lucros.?

E por que nos mentem tanto esses salvadores da pátria que já por quatro anos nos prometem um desafogo, uma migalha de desenvolvimento e continuam a nos iludir com um futuro próximo em que encontraríamos o Potosi ?

E por que nossos governantes acreditam que uma aliança subalterna com um hegemônico nuclear nos levaria por encanto a um nirvana onde choveria o maná? Será que os responsáveis por nossa política externa acreditam que a comunidade internacional, as Nações Unidas , acharam brilhante e corajoso nosso voto a favor da manutenção do embargo econômico contra a humilde ilha de Cuba? Será que nosso embusteiro chanceler - chamo-o embusteiro porque não acredito que quem tenha passado em concurso público dos mais exigentes no mundo- tenha a pachorra de não saber o peso da política interna americana neste embargo contra Cuba. Não acredito que ele

não saiba que votar com os Estados Unidos e com Israel nesta resolução nos coloca contrários à própria Carta das Nações Unidas. Será por vergonha que nosso chanceler mandou para os cafundós do Itamaraty o busto de San Tiago Dantas, cujo discurso pronunciado na Conferencia da OEA em 1961, que expulsou Cuba daquela organização, é uma declaração que até hoje honra a independência e a dignidade da Diplomacia brasileira? Releia-o, Ministro, e veja a que círculo do inferno o senhor levou este país. Mas, lembre-se, aqui se faz , aqui se paga. Confira com o Ministro da Economia.

Mas ,neste novembro, na esteira dos passos mais bêbados de nossa elitíssima ,nobiliárquica e anárquica engrenagem política, eis que uma dúvida se assentou finalmente no espirito e nos cérebros daqueles que tem diante de si a guarda dos bons costumes e a garantia do processo civilizatório. Uma dúvida que também os envergonha porque entreabriram portas sabiamente fechadas e deixaram entrar por suas frestas ,travestidas de modernidade, os mecanismos inquisitoriais mais espúrios e a jurisprudência mais indiferente à robusta prova dos fatos dar espaço à convicção arbitrária e ao abuso de poder. E daqui e dali começaram a brotar suspeitas e evidências que em nome do pecado se santificava o sacrilégio. E em nome da liberdade se acalentava o arbítrio. E em nome do progresso se semeavam os vermes da rebelião que hoje se espriam, como manchas de óleo, pelas praças de Paris,de Madri, de Santiago, tingidas de suor e sangue de irmãos contra irmãos.

E ,desta dúvida ,surge o momento irreversível . Talvez, o último momento em que as badaladas do destino batem às nossas portas como bom mensageiro .Agora, a decisão é sua, minha, de todos nós.

E dela dependerá a real independência do Brasil e seu encontro com países que saibam fazer de seus territórios o espaço privilegiado de homens e mulheres solidários e companheiros nesta viagem que chamamos vida.

39. Em mau estado (trecho)

Janio de Freitas, na Folha

O comentário do vice e general Hamilton Mourão ao restabelecimento do princípio constitucional da presunção de inocência, até que completado o trâmite do processo penal, foi claro na mensagem e no destinatário: “O Estado de Direito é um dos pilares da nossa civilização, assegurando que a lei seja aplicada igualmente a todos, mas hoje, 8 de novembro de 2019, cabe perguntar: onde está o Estado de Direito no Brasil? Ao sabor da política?”.

A resposta é simples: o Estado de Direito está no texto da Constituição. Só nele, em letras. E não em qualquer outra parte mais. Não há Estado de Direito onde um general (Eduardo Villas Bôas) pressiona e intimida a corte suprema do país, contra decisão com eventual benefício a um político preso —por deduzido e improvado crime comum, não por tentativa ou golpe contra a Constituição, como tantos já fizeram aqui tantas vezes.

Nem há Estado de Direito onde o mesmo porta-voz, colhido o efeito desejado na primeira investida, volta à mesma pressão intimidatória antes de nova decisão da corte maior.

Não pode haver Estado de Direito onde o poder militar, poder armado, pretende definir o destino judicial e cívico de um político. Não ao sabor da Constituição. “Ao sabor da política?” Não. Ao sabor da força das armas, fornecidas pelo restante da população para a defesa da nação — esta fusão fascinante de povo, Constituição, leis, território, cultura, costumes, história —, e não só do capital privado.

No Estado de Direito em vão procurado pela pergunta acabamos de saber que ao começar o ano já eram 13,5 milhões os miseráveis, 50% a mais sobre os 9 milhões de quatro anos antes.

Diz o levantamento que são pessoas vivendo com menos de R\$ 145 por mês. Menos de. Dispõem em média, portanto, no máximo R\$ 4,83 por dia. Como comem, essas pessoas? Como se aguentam por todo um dia, por todos os dias, com a miséria de comida a que têm acesso? É insuportável pensar nisso. É insuportável pensar no tratamento dado aos pedintes, no descaso com esses

farrapos de vida. Não vivem em Estado de Direito, estão condenados ao estado de miséria.

Bolsonaro proíbe a queima do maquinário de mineradores clandestinos na Amazônia. Já está claro: há um pedido dele para formulação de medida que legalize essa atividade. No Estado de Direito não se legalizaria o crime. Tanto mais por haver indícios fortes de que o controle dessa mineração está em milícias, com policiais e ex-policiais, não sediadas só na Amazônia. É o novo poder em expansão. Contra o direito do Estado e o Estado de Direito.

Na sessão do Supremo que reconheceu a Constituição e contrariou os defensores, na dura acusação do decano Celso de Mello, prática “própria de regime autoritário e autocrata”, Dias Toffoli puxou uma rodada de informações e considerações, muito impressionantes, sobre a criminalidade, a impunidade e a situação prisional no Brasil.

Mas não precisariam ser todos tão caudalosos. Bastaria lembrar que nem o clamor público, interno e internacional, foi capaz de vencer a barragem entre o assassinato de Marielle e Anderson e o que seria a investigação honesta do crime, seus antecedentes e envolvimentos pessoais: corrupção, milícias, vários crimes, poder, todos vasculhados e revelados.

Sem o Estado de Direito, o que viceja é o Estado de direita.

40. O Brasil que não perdoou Sobel pelas gravatas canonizou Gugu pelo lixo que levou à TV

<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-brasil-que-nao-perdoou-sobel-pelas-gravatas-canonizou-gugu-pelo-lixo-que-levou-a->

[tv-por-kiko-nogueira/?fbclid=IwAR15Z-tWR-iLssYg5CkqxJc--RaFh-oqAllu29b3ZtcjG-m6cMxcZMwX0MQ](https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-brasil-que-nao-perdoou-sobel-pelas-gravatas-canonizou-gugu-pelo-lixo-que-levou-a-tv-por-kiko-nogueira/?fbclid=IwAR15Z-tWR-iLssYg5CkqxJc--RaFh-oqAllu29b3ZtcjG-m6cMxcZMwX0MQ)

Kiko Nogueira - 23 de novembro de 2019

A maneira como o brasileiro reagiu à morte de Gugu Liberato e de Henry Sobel, no mesmo dia, dá uma dimensão da nossa encrenca psicotrópica-moral.

Sobel foi um gigante que ajudou a enterrar a ditadura quando se recusou, em outubro de 1975, a sepultar Herzog como suicida no Cemitério Israelita do Butantã, em São Paulo.

PUBLICIDADE

O jovem rabino viu as marcas de tortura e não comprou a versão oficial do Exército.

Na semana seguinte, comandou uma missa ecumênica histórica com dom Paulo Evaristo Arns, à época arcebispo de São Paulo, e o pastor Jaime Wright na Catedral da Sé.

Tinha 31 anos. (Meu pai, o jornalista Emir Nogueira, fez parte da organização).

Sobel não encarou apenas o regime militar.

Sofreu resistência da comunidade judaica, que nunca deixou de ser conservadora. Mesmo assim, foi adiante.

A internet não perdoou Sobel quando ele faleceu.

O episódio em que ele furtou gravatas foi mais lembrado que sua batalha pela democracia.

Aconteceu numa loja em Miami em 2008. Ele passou uma noite na cadeia. De volta ao Brasil, se internou e revelou o uso de remédios. Foi humilhado, julgado e escorraçado.

Acabou afastado da CIP, Congregação Israelita Paulista.

Em 2013, admitiu “uma falha moral”. “Peço perdão a todos”, falou. Repetiu essa penitência ao longo da vida.

Nunca foi perdoado. Nem no caixão.

Gugu Liberato foi vítima de um acidente fatal ao cair de uma altura de 4 metros quando fazia reparo no ar-condicionado no sótão de sua mansão de 629 metros quadrados em Orlando.

(Seis quartos, sete banheiros e uma área externa descrita no site realtor como um “oásis particular com uma encantadora piscina de água salgada, equipado com spa, cozinha e uma lareira a gás”).

Por razões óbvias, seu passamento teve muito mais repercussão que o do outro.

Mas sua “obra” está sendo festejada.



Segundo a Folha, ele é “dono de uma das trajetórias mais brilhantes da TV brasileira”.

O El País o descreve como alguém que “mudou a TV”.

Um vice-presidente da CNN Brasil citado pelo jornal o classifica como “bom entrevistador porque ouvia atentamente o que o entrevistado dizia e não se desconcentrava pensando na próxima pergunta”.

“Tinha uma curiosidade genuína, mas não agressiva. Era educado, polido, sutil”.

Ora.

Cria de Silvio Santos, eterna cara de menino, Gugu ficou notório com um atração chamada Domingo Legal, um vale tudo ordinário no SBT.

Na guerra pela audiência, criou um pornô soft numa banheira, entrevistava assassinos famosos, cobriu a “exumação” do cadáver de Dercy Gonçalves.

O ponto mais baixo foi a farsa do PCC em 2003, quando dois “membros” da quadrilha falaram ao programa.

Os picaretas encapuzados receberam 500 reais cada um para mentir diante do apresentador, que fingia surpresa.

Um antecessor das fake news de massa.

Gugu nunca admitiu ter conhecimento da fraude. Cascata completa que ele jamais reconheceu.

Sua morte aos 60 é uma tragédia, claro. A questão não é pessoal.

Mas seu legado foi contribuir com mais lixo para o monturo da televisão aberta brasileira. Gugu não foi visto, em décadas, indicando um mísero livro.

Henry Sobel será velado nos EUA numa cerimônia discreta.

Gugu Liberato, na Assembleia Legislativa de São Paulo. Doria decretou três dias de luto em sua memória.

Bolsonaro prestou solidariedade à família de somente um deles. Você sabe qual.

Sobel não teve perdão. Gugu nunca precisou pedir.

41. Sergio Moro pode acabar preso na teia de aranha que ele mesmo teceu

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/23/opinion/1563916187_444006.html?fbclid=IwAR2MJvj2KQhaJeuacJ8VscVTBmk16TVS TIHTv2MTf7NLCqX3IM0YtsWjrY0

O juiz dos sonhos de Bolsonaro se vê dia após dia deixado a sós com seus projetos, que poucos congressistas, muitos deles ainda enrolados com a Lava Jato, têm interesse em aprovar

JUAN ARIAS 23 JUL 2019 - 23:36 BRT

O ministro Sergio Moro no Palácio do Planalto.

Ainda não acabou a história do mítico juiz [Sergio Moro](#), que com a operação [Lava Jato](#) criou um terremoto dentro e fora do Brasil, levando à prisão desde ex-presidentes da República, como o popular Lula da Silva, a empresários milionários, como Marcelo Odebrecht. De repente, o juiz deu o salto para a política, aceitando o Ministério da Justiça no governo de extrema direita de Jair Bolsonaro.

[As novas conversas publicadas no domingo passado pelo The Intercept](#) dão a entender que até o fiel escudeiro de Moro, o procurador-chefe da Lava Jato, [Deltan Dallagnol](#), e outros colegas seus ainda não entendem por que Moro deixou o cargo que o tornara mundialmente célebre para ir ser ministro da Justiça de Bolsonaro. Ainda mais em se tratando de um personagem tão discutido por suas declarações a favor da tortura e da ditadura, que mal suporta os diferentes e considera que os direitos humanos servem só para beneficiar os bandidos. Para ele, o importante são os “humanos direitos”. E nega que haja fome no Brasil.

Dallagnol faz intuir que Moro poderia ter se deixado subjugar por Bolsonaro por causa da possibilidade de conseguir uma vaga no Supremo Tribunal Federal. Há quem vá além e teorize que Moro, que apesar de todas as críticas continua sendo o ministro mais popular, tem os olhos postos na Presidência da República.

O hoje ministro da Justiça já havia explicado aos seus, para tranquilizá-los, que sua intenção ao aceitar o ministério tinha sido a possibilidade de modernizar e reestruturar boa parte da legislação brasileira, moldando-a à existente nas democracias mais sólidas, como as dos Estados Unidos, Alemanha, França e Inglaterra.

À luz, entretanto, dos pouco mais de seis meses no Governo, Moro começa a se ver apanhado na teia de aranha que ele mesmo foi tecendo. O medo de seus amigos, começando por Dallagnol, é o que poderia ocorrer se, já no Governo, Moro pudesse constatar, por exemplo, que a corrupção contra a qual lutou durante anos existe também entre os membros da família do Presidente e

poderiam chegar a alcançar o próprio Bolsonaro e sua esposa, Michelle, [como bem expôs Flávia Marreiro em seu artigo de domingo passado neste jornal](#).

Moro, de fato, a quem Bolsonaro captou para seu governo como um troféu, já que uma das bandeiras de sua campanha era a batalha contra a corrupção e a defesa da Lava Jato, entendeu em seguida que se meteu num vespeiro. Que poderia servir ao presidente para conter as acusações de corrupção, lavagem de dinheiro e formação de quadrilha, [como é o caso de seu filho, o senador Flavio](#), mas que salpicam toda a família. Escândalo este que está cruzado por dois buracos negros: o assassinato da ativista social [Marielle Franco](#) e o misterioso destino do ex-PM Queiroz, que era amigo do presidente desde que o hoje senador Flavio tinha cinco anos, e que se suspeita que estivesse ligado aos milicianos assassinos da jovem vereadora negra.

Moro, no princípio, tentou minimizar as denúncias. Primeiro afirmou que ele agora já não é juiz e não pode intervir em processos, e que além do mais tais acusações de corrupção ainda não estavam claras. Bolsonaro se adiantou a ele e conseguiu do presidente do Supremo, Dias Toffoli, uma estratégia para que seu filho senador não pudesse continuar sendo investigado, algo que está levantando poeira. A pergunta seria: se o presidente já não precisar de Moro para parar as acusações contra sua família, para que continuar a protegê-lo, ainda mais quando poderia ser seu adversário na tentativa de reeleição em 2022?

Na fachada, [Bolsonaro](#) continua prestigiando Moro, sobretudo porque sabe que os seus seguidores mais radicais estão com o juiz-mito, e que perdê-lo significaria um fracasso em seu governo. Na prática, de algum modo já o abandonou. Por exemplo, não fez nada para conseguir que o COAF ficasse no Ministério de Justiça. Seria um instrumento poderoso nas mãos de Moro. E nada está fazendo para que o tão alardeado projeto revolucionário do ex-juiz para o combate à criminalidade e a reestruturação da Justiça fossem prioritários em sua aprovação no Congresso. O Presidente não moveu uma palha a seu favor nem conseguiu que tramitasse paralelamente à reforma da previdência. Mais ainda, tanto o Congresso como o Senado foram pouco a pouco aguando os pontos mais importante do documento, como por exemplo a detenção após a condenação em segunda instância.

O juiz dos sonhos de Bolsonaro, que ainda não sabemos ao certo por que se deixou enfeitiçar pelo capitão que certamente sabia quem era, se vê dia após dia deixado a sós com seus projetos, que poucos congressistas, muitos deles ainda enrolados com a Lava Jato, têm interesse em aprovar.

E o que faz Moro? Não sabemos se por medo do isolamento ou por uma estratégia que só ele conhece, é hoje talvez o ministro que mais defende seu chefe, inclusive quando este escandaliza o país com suas afirmações racistas, como a de alguns dias atrás contra os nordestinos. Moro não precisava sair em defesa do presidente e, entretanto, o fez inclusive dos Estados Unidos, onde

estava de férias com sua família, desmentindo que o presidente tivesse algo contra os nordestinos.

Assim, Moro vai dia a dia vendo-se mais apanhado nessa perigosa teia de aranha de seus comportamentos, sem que possamos imaginar como poderá sair dela, e menos ainda de cabeça erguida.

Enquanto isso, Bolsonaro vai tomando gosto por mandar e começa a enquadrar e afastar de seu Governo até generais importantes, para dar a entender que agora já é o presidente da República, e não aquele capitão na reserva que ainda jovem foi expulso do Exército por sua conduta subversiva. Queria usar métodos violentos e até de caráter terrorista para defender os soldados que, segundo ele, ganhavam pouco. Chegou a ameaçar envenenar a água que abastecia o Rio de Janeiro.

Agora Bolsonaro quer deixar claro que está acima dos próprios generais. Não é difícil, portanto, imaginar que se necessário chutaria Moro. Por enquanto, já anunciou que a primeira vaga no Supremo será não para ele, como aparentemente havia prometido, e sim para alguém “terrivelmente evangélico” —um evangélico que crie terror no Supremo?

Quando Moro surpreendeu o país ao anunciar que deixava o cargo de juiz mais famoso do Brasil para ir com Bolsonaro, [este jornal escreveu um editorial intitulado “Moro tira a máscara”](#), dando a entender que com sua decisão ficava mais claro que sua verdadeira vocação era, desde o começo, a política. E há quem vá além ao suspeitar que muitas de suas condenações foram direcionadas para preparar o caminho aos seus futuros sonho de poder político, começando pela de Lula, que o impossibilitou de disputar uma eleição presidencial que certamente teria vencido.

É difícil entrar no pensamento do ex-juiz da Lava Jato, ainda jovem e com não poucas ambições. O que fica cada dia mais claro é que, para cair nas graças do presidente, está virando seu melhor defensor, inclusive em momentos nos quais, pelo contrário, deveria ter a coragem de lhe dizer *não* e até deixar o Governo. Moro é evangélico e homem da Bíblia. Deve conhecer, por isso, a passagem de Lucas, 17,1, onde Jesus diz a seus discípulos: “É impossível que não venham escândalos, mas ai daquele por quem vierem!”. E também: “Ai de vós também, doutores da lei, que carregais os homens com cargas difíceis de transportar, e vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais essas cargas” (Lc, 11,46).

A incógnita Moro continua aberta.

42. Veja a íntegra do discurso de Lula: “O Brasil precisa embarcar de volta para o futuro”

<https://revistaforum.com.br/politica/veja-a-integra-do-discurso-de-lula-o-brasil-precisa-embarcar-de-volta-para-o-futuro/?fbclid=IwAR2YeUo9Uwqu6oNENL-DBt8Mtu8SFxCOR1Nu8nbs9OysFbnI35vwnnWu1pU>

“Com as armas da verdade e da lei continuarei lutando para que os tribunais reconheçam, agora, que fui condenado por quem sequer poderia ter me julgado”, disse o ex-presidente



Foto: Reprodução/Facebook de Lula

Por Redação

O ex-presidente Lula fez um longo pronunciamento durante a abertura do 7º Congresso Nacional do PT, na noite desta sexta-feira (22), em São Paulo. Ele abordou inúmeros temas, como os 580 dias de prisão, Sérgio Moro, radicalismo, polarização política, governo de Jair Bolsonaro, entre outros.

[Não é sócio Fórum? Quer ganhar 3 livros? Então clica aqui.](#)

Veja a íntegra do discurso de Lula

Companheiras e companheiros do PT,

Convidados de todo o Brasil e de outros países,

Minhas amigas, meus amigos,

Esprei muito tempo para poder falar livremente ao povo brasileiro. Esse dia finalmente chegou, e minha primeira palavra tem de ser de agradecimento,

pela solidariedade, pelo carinho e pelas manifestações de quem não desistiu de lutar e vai continuar lutando pela verdadeira justiça.

Durante 580 dias fui isolado da família, dos amigos e companheiros, apartado do povo, mesmo tendo o direito constitucional de recorrer em liberdade contra a sentença injusta e fraudulenta de um juiz parcial. Um direito que somente agora foi proclamado pelo Supremo Tribunal Federal, para todos, sem exceção.

Com as armas da verdade e da lei continuarei lutando para que os tribunais reconheçam, agora, que fui condenado por quem sequer poderia ter me julgado: um ex-juiz que atuou fora da lei, grampeou advogados, mentiu ao país e aos tribunais, antes de desnudar seus objetivos políticos. Lutarei para que seja anulada a sentença e me deem o julgamento justo que não tive.

Aos 74 anos de idade, não tenho no coração lugar para ódio e rancor. Mas quem nesse país já sofreu a humilhação de uma acusação falsa, por causa da cor de sua pele ou por sua origem social humilde, conhece o peso do preconceito e é capaz de sentir o quanto fui ferido em minha dignidade. E isso não se apaga.

Nada nem ninguém vai devolver o pedaço arrancado da minha existência, mas quero dizer que aproveitei esses 580 dias para ler, estudar, refletir e reforçar meu compromisso com o Brasil e com nosso povo sofrido. Voltei com muita vontade de falar sobre o presente e principalmente sobre o futuro do Brasil.

Mas logo depois da minha primeira fala, de volta ao sindicato onde passei o último momento de liberdade, disseram que eu deveria ter cuidado para não polarizar o país. Que seria melhor calar certas verdades para não tumultuar o ambiente político, para o PT não provocar uma ameaça à democracia.

Vamos deixar uma coisa bem clara: se existe um partido identificado com a democracia no Brasil é o Partido dos Trabalhadores. O PT nasceu lutando pela

liberdade durante a ditadura. Não tentem negar essa verdade porque nós apanhamos da repressão, fomos perseguidos, presos e enquadrados na Lei de Segurança Nacional por defender essa ideia.

Desde que foi criado, há quase 40 anos, o PT disputou dentro da lei e pacificamente todas as eleições neste país. Quando perdemos, aceitamos o resultado e fizemos oposição, como determinaram as urnas. Quando vencemos, governamos com diálogo social, participação popular e respeito às instituições.

Outros partidos mudaram as regras da reeleição em benefício próprio. Nós rejeitamos essa ideia, mesmo gozando de uma aprovação que nenhum outro governo jamais teve, porque sempre entendemos que não se pode brincar com a democracia.

Não fomos nós que falamos em fechar o Congresso, muito menos o Supremo, com um cabo e um soldado. Em nossos governos, as Forças Armadas foram respeitadas e os chefes militares respeitaram as instituições, cumprindo estritamente o papel que a Constituição lhes reserva. Nenhum general deu murro na mesa nem esbravejou contra líderes políticos.

Não fomos nós que pedimos anulação do pleito só para desgastar o partido vencedor; que sabotamos a economia do país para forçar um impeachment sem crime; que sustentamos uma farsa judicial e midiática para tirar do páreo o candidato líder nas pesquisas.

Não fomos nós os responsáveis, ativos ou omissos, pela eleição de um candidato que tem ojeriza à democracia; que foi poupado de enfrentar o debate de propostas, que montou uma indústria de mentiras com dinheiro sujo, sob a complacência da mesma Justiça Eleitoral que, desacatando uma decisão da ONU, cassou o candidato que poderia derrotá-lo.

São essas pessoas que agora nos dizem para não polarizar o país. Como se polarização fosse sinônimo de extremismo político e ideológico. Como se o Brasil já não estivesse há séculos polarizado entre os poucos que têm tudo e os muitos que nada têm. Como se fosse possível não se opor a um governo de destruição do país, dos direitos, da liberdade e até da civilização.

Aos que criticam ou temem a polarização, temos que ter a coragem de dizer: nós somos, sim, o oposto de Bolsonaro. Não dá para ficar em cima do muro ou no meio do caminho: somos e seremos oposição a esse governo de extrema-direita que gera desemprego e exige que os desempregados paguem a conta.

Somos e seremos oposição a um governo que rasga direitos dos trabalhadores e reduz o valor real do salário mínimo. Que aumenta a extrema pobreza e traz de volta o flagelo da fome. Que destrói o meio ambiente. Que ataca mulheres, negros, indígenas e a população LGBT; ataca qualquer um que ouse discordar.

Somos, sim, radicais na defesa da soberania nacional, da universidade pública e gratuita, do Sistema Único de Saúde, público, gratuito e universal. Nós não somos meia oposição; somos oposição e meia aos inimigos da educação, da cultura, da ciência e da tecnologia. Nós não aceitamos mais censura, tortura, AI-5 e perseguição a adversários políticos.

Andam negando essa verdade científica, mas a Terra é redonda e nós estamos, sim, em polos opostos: enquanto eles semeiam o ódio, nós vamos mostrar a eles o que o amor é capaz de fazer por este país.

Companheiras e companheiros,

Já foi dito que o PT nasceu para mudar o Brasil. E mudou. Porque trazemos na origem o compromisso com os trabalhadores, com os mais pobres, com os que carregaram ao longo de séculos o peso da exclusão e da desigualdade. Porque pela primeira vez fizemos um governo para todos os brasileiros e brasileiras, e isso fez toda a diferença em nosso país.

Se fosse para governar apenas para uma parte da população, o Brasil não precisaria do PT.

Para o mercado decidir quem pode e quem não pode se aposentar, quanto vai custar o gás de cozinha, o combustível, a energia elétrica, visando somente o lucro, o Brasil não precisaria do PT.

Se fosse para entregar ao estrangeiro as riquezas naturais, o petróleo, as águas, as empresas que o povo brasileiro construiu, o Brasil não precisaria do PT.

Se fosse para queimar a floresta, envenenar a comida com agrotóxicos, deixar impunes crimes como os de Marielle, Mariana, Brumadinho, ignorar desastres como o óleo no litoral do Nordeste, quem precisaria do PT?

Para o filho do rico estudar nas melhores universidades do mundo e o filho do trabalhador ter de largar a escola pra sustentar a família, o Brasil não precisaria do PT.

Se é para alguns terem mansão em Miami e muitos viverem debaixo do viaduto; para o rico ficar isento até do imposto de herança e o trabalhador carregar o peso do imposto de renda, o Brasil não precisaria do PT.

Para manter a mais escandalosa concentração de renda do planeta Terra, para o rico continuar cada vez mais rico e o pobre ficar cada dia mais pobre, aí mesmo é que o Brasil não precisaria do PT.

Porque o maior inimigo do Brasil hoje e desde sempre é a desigualdade, esse vergonhoso fosso em que 1% da população detém 30% da renda nacional e para a metade mais pobre sobram 17%, as migalhas de um banquete indecente.

Mas se este país quer superar a chaga imensa da desigualdade, recuperar a soberania e o seu lugar no mundo, se quer voltar a crescer em benefício de

todos os brasileiros e brasileiras, o Partido dos Trabalhadores é mais do que necessário: ele é imprescindível.

Esta é a enorme responsabilidade que estamos recebendo. O Brasil nunca precisou tanto do PT. E o PT tem de ser grande o bastante para corresponder ao que o país espera de nós. Tem de estar unido, forte e cada vez mais conectado com o povo brasileiro.

Temos a responsabilidade de renovar o partido, compreender o que mudou na sociedade brasileira nesses 40 anos e buscar as respostas para os novos desafios. Fomos forjados na luta em defesa da classe trabalhadora.

O peso da injustiça recai hoje sobre os motoristas de aplicativos, os jovens que perdem a saúde e arriscam a vida fazendo entregas em motos, bicicletas, ou mesmo a pé. Os que não têm a quem recorrer por seus direitos, porque a única relação de trabalho que conhecem não é a carteira profissional, mas um telefone celular que ele precisa recarregar desesperadamente.

Esse é o lugar que resta aos deserdados de um modelo neoliberal excludente, cada vez mais desumano. Um mundo em que o mercado é deus e em que a solidariedade deixa de ser um valor universal, substituída por uma competição individualista feroz.

É com esse mundo novo que o PT precisa dialogar, sem abrir mão de nossos compromissos históricos, mantendo os pés firmes no presente e mirando sempre o futuro. Se as formas de exploração mudaram, a injustiça e a desigualdade permanecem e são cada vez mais cruéis. Temos de estar mais organizados, mais fortes, conscientes e mais decididos do que nunca a construir um país mais generoso, solidário e mais justo. É por isso que o Brasil precisa tanto do PT.

Companheiras e companheiros,

Salvar o país da destruição e do caos social que este governo está produzindo não é tarefa para um único partido. Fomos eleitos e governamos em aliança com outras forças do campo popular e democrático. Por mais que tentem nos isolar, estamos juntos na oposição com partidos da centro-esquerda e estamos com os movimentos sociais, as centrais sindicais e importantes lideranças da sociedade.

Embora tantos tenham cometido erros antes e depois dos nossos governos, é somente do PT que exigem a autocrítica que fazemos todos os dias. Na verdade, querem de nós um humilhante ato de contrição, como se tivéssemos de pedir perdão por continuar existindo no coração do povo brasileiro, apesar de tudo que fizeram para nos destruir. Preciso dizer algumas verdades sobre isso.

O maior erro que nós cometemos foi não ter feito mais e melhor, de uma forma tão contundente que jamais fosse possível esse país voltar a ser governado contra o povo, contra os interesses nacionais, contra a liberdade e a democracia, como está sendo hoje.

Deveríamos ter feito mais universidades do que fizemos, mais reforma agrária, mais Luz Pra Todos, mais Minha Casa Minha Vida, mais Bolsa Família e mais investimento público.

Teríamos de ter conversado muito mais com o povo e com os trabalhadores, conversado mais com os jovens que não viveram o tempo em que o Brasil era governado para poucos e não para todos.

Também tínhamos de ter trabalhado muito mais para democratizar o acesso à informação e aos meios de comunicação, apoiado mais as rádios comunitárias, fortalecido mais a televisão pública, a imprensa regional, o jornalismo independente na internet.

Antes que a Rede Globo me acuse outra vez pelo que não disse nem fiz, não ousem me comparar ao presidente que eles escolheram. Jamais ameacei e jamais ameaçaria cassar arbitrariamente uma concessão de TV, mesmo sendo atacado sem direito de resposta e censurado como sou pelo jornalismo da Globo.

Eu sempre disse que jamais teria chegado onde cheguei se não tivesse lutado pela liberdade de imprensa. Hoje entendo, com muita convicção, que liberdade de imprensa tem de ser um direito de todos, não pode ser privilégio de alguns.

Não pode um grupo familiar decidir sozinho o que é notícia e o que não é, com base unicamente em seus interesses políticos e econômicos.

Entendo que democratizar a comunicação não é fechar uma TV, é abrir muitas. É fazer a regulação constitucional que está parada há 31 anos, à espera de um momento de coragem do Congresso Nacional. É fazer cumprir a lei do direito de resposta. E é principalmente abrir mais escolas e universidades, levar mais informação e consciência para que as pessoas se libertem do monopólio.

Enfim, penso que teríamos de ter lutado com mais vontade e organização, fortalecido ainda mais a democracia, para jamais permitir que o Brasil voltasse a ter um governo de destruição e de exclusão social como voltou a ter desde o golpe de 2016.

A autocrítica que o Brasil espera é a dos que apoiaram, nos últimos três anos, a implantação do projeto neoliberal que não deu certo em lugar nenhum do mundo, que vai destruir a previdência pública e que ao invés de gerar os empregos que o povo precisa está implantando novas formas de exploração.

A autocrítica que a democracia e o estado de direito esperam é daqueles que, na mídia, no Congresso, em setores do Judiciário e do Ministério Público, promoveram, em nome da ética, a maior farsa judicial que este país já assistiu.

O mundo hoje sabe que, ao contrário de combater a impunidade e a corrupção, a Lava Jato corrompeu-se e corrompeu o processo eleitoral e uma parte do sistema judicial brasileiro. Deixou impunes dezenas de criminosos confessos que Sérgio Moro perdoou e que continuam muito ricos.

Como podem dizer que combateram a impunidade se soltaram pelo menos 130 dos 159 réus que ele mesmo havia condenado? Negociaram todo tipo de benefício com criminosos confessos, venderam até o perdão de pena que a lei não prevê, em troca de qualquer palavra que servisse para prejudicar o Lula.

Que ética é essa que condena 2 milhões de trabalhadores, sem apelação, destruindo empresas para salvar os patrões acusados de corrupção?

Não tem moral, não tem autoridade para discutir ética quem deu cobertura aos procuradores de Deltan Dallagnol e Rodrigo Janot quando eles entregaram a Petrobrás aos tribunais dos Estados Unidos, um crime de lesa-pátria que já custou quase 5 bilhões de dólares ao povo brasileiro.

Temos muito o que falar sobre ética, sobre combate à corrupção e à impunidade. Mas acima de tudo temos que falar a verdade.

Meus amigos e minhas amigas,

Alguns professores de deus defendem um modelo suicida de austeridade fiscal e redução do estado, que não deu certo em nenhum lugar do mundo. Tiveram o apoio da mídia e das instituições para culpar os governos do PT por tudo de ruim que havia no Brasil. Mentiram que tirando o PT do governo tudo se resolveria, por obra do mercado e do ajuste fiscal. E os problemas se agravaram ainda mais.

Os indicadores econômicos do Brasil pioraram: a balança comercial em queda, a economia paralisada, setores da indústria destruídos, o investimento público e privado inexistente, o rombo nas contas aumentado irresponsavelmente por

razões políticas. O custo de vida dos pobres aumentou e as pessoas voltaram a cozinhar com lenha porque não podem comprar um botijão de gás.

É preciso dizer umas verdades sobre isso também.

A primeira delas é que o Brasil só não quebrou ainda por causa da herança dos governos do PT. Por causa dos 370 bilhões de dólares em reservas internacionais que acumulamos e querem queimar na conta dos juros. Por causa dos mercados internacionais que abrimos e que uma política externa irresponsável está fechando. Por causa do pré-sal que descobrimos e que estão vendendo na bacia das almas.

O Brasil só não está passando por uma convulsão social extrema por causa da herança dos governos do PT. Porque não conseguiram acabar com o Bolsa Família, último recurso de milhões de deserdados. Porque milhões de famílias ainda produzem no campo, para onde levamos água, energia, tecnologia e recursos em nosso governo. E também porque não conseguiram destruir ainda os sistemas públicos de saúde, educação e segurança, mas fatalmente isso irá ocorrer pela criminosa política de cortes do investimento público.

Sempre acreditei que o povo brasileiro é capaz de construir uma grande Nação, à altura dos nossos sonhos, das nossas imensas riquezas naturais e humanas, neste lugar privilegiado em que vivemos. Já provamos que é possível enfrentar o atraso, a pobreza e a desigualdade, desafiando poderosos interesses contrários ao país e ao povo.

Soberania significa independência, autonomia, liberdade. O contrário é dependência, servidão, submissão. É o que está acontecendo hoje. Estão entregando criminosamente a outros países as empresas, os bancos, o petróleo, os minerais e o patrimônio que pertence ao povo brasileiro. Trair a soberania é o maior crime que um governo pode cometer contra seu país e seu povo.

A Petrobrás está sendo vendida em fatias a suas concorrentes estrangeiras.

Fiquem alertas os que estão se aproveitando dessa farra de entreguismo e privatização predatória, porque não vai durar para sempre. O povo brasileiro há de encontrar os meios de recuperar aquilo que lhe pertence. E saberá cobrar os crimes dos que estão traindo, entregando e destruindo o país.

Tão importante quanto defender o patrimônio público ameaçado é preservar os recursos naturais e nossa riquíssima biodiversidade. Utilizar esse patrimônio, fonte de vida, com responsabilidade social e ambiental.

Um país que não garante educação pública de qualidade a todas as suas crianças, adolescentes e jovens não se prepara para o futuro.

Mas parece que enfiaram o Brasil à força numa máquina do tempo e nos enviaram de volta a um passado que a gente já tinha superado. O passado da escravidão, da fome, do desemprego em massa, da dependência externa, da censura, do obscurantismo.

O Brasil precisa embarcar de volta para o futuro. E não tem ninguém melhor para pilotar essa máquina do tempo do que a juventude desse país. Porque essa juventude, seja ela branca, negra ou indígena, ela quer ensino de qualidade, quer adquirir conhecimento, quer de volta as oportunidades de trabalho digno, sem alienação e sem humilhações.

Essa juventude quer e merece um mundo melhor do que este em que estamos vivendo.

Hoje me coloco à disposição do Brasil para contribuir nessa travessia para uma vida melhor, vida em plenitude, especialmente para os que não podem ser abandonados pelo caminho.

Sem ódio nem rancor, que nada constroem, mas consciente de que o povo brasileiro quer retomar a construção de seu destino; de que temos de fazer

juntos um Brasil soberano, democrático, justo, em que todos e todas tenham oportunidades iguais de crescer e sonhar.

O futuro será nosso, o futuro será do Brasil!

Muito obrigado!

Luiz Inácio Lula da Silva

Ciro volta a atacar Lula na primeira aparição após ex-presidente deixar prisão



43. Xadrez da marcha acelerada para o fascismo

<https://jornalggn.com.br/noticia/xadrez-da-marcha-acelerada-para-o-fascismo-por-luis-nassif/>

Há possibilidade, dentro em breve, do Brasil se transformar no caso mais emblemático, por mais selvagem, das ditaduras de direita que passaram a proliferar pelo planeta. E não há sinal da resistência das instituições.

Luis Nassif 22/11/2019

O fascismo caminha em marcha acelerada.

Há possibilidade, dentro em breve, do Brasil se transformar no caso mais emblemático, por selvagem, das ditaduras de direita que passaram a proliferar pelo planeta. E não há sinal da resistência das instituições.

PUBLICIDADE

São nítidos os sinais de agravamento do clima político.

Peça 1 – O Partido 38 de Bolsonaro

A partir de sua formalização, haverá a articulação nacional e a ampliação das milícias armadas espalhadas pelos quatro cantos do país. A violência difusa se tornará articulada.

Reedita-se o fenômeno das SSs nazistas. No início, era uma organização paramilitar incumbida de proteger as lideranças nazistas, mas já tendo como método infundir terror nos adversários. No auge do nazismo, as SSs chegaram a ter um milhão de filiados e passaram a controlar a Gestapo, a polícia, os serviços de inteligência. Moviam-se pela bandeira única de exterminar as minorias, políticas ou étnicas.

Só um cego absoluto para não enxergar esse modelo, dos camisas negras do fascismo, na construção do Partido 38 de Bolsonaro.

Peça 2 – a distribuição de armas

Além das milícias propriamente ditas, há ampla aceitação de Bolsonaro entre os seguintes grupos armados:

- Baixa patente das Polícias Militares em vários estados.
- Clubes de tiro
- Ruralistas
- Desajustados de toda espécie, organizados em torno de grupos de “cidadãos de bem”, espalhados por todo o país, com apoio das Igrejas evangélicas.

Desde o primeiro dia de governo, Bolsonaro tratou de ampliar o armamento para a população. Ou através de medidas econômicas, como a liberação da importação e do porte de armas. Ou através de manobras explícitas pró-contrabando, como foi o caso de sua ofensiva sobre a fiscalização no porto de Itaguaí, no Rio de Janeiro, entrada principal das armas no país.

Leia também: [Bolsonaro é a revanche do homem comum, por Luis Nassif](#)

Peça 3 – Aparelhamento das instituições

Existe ampla simpatia por Bolsonaro nas principais instituições do país, Judiciário Estadual, Federal, Eleitoral, Ministérios Públicos, Justiça Eleitoral, Polícia Federal e associações empresariais em geral. O novo partido irá dar organicidade a essa atuação.

Atualmente, já está em curso um amplo *lawfare* contra críticos do governo, denúncias e ações a granel, tanto no âmbito do Judiciário quanto dos Conselhos profissionais da Justiça e do Ministério Público. Há juízes, procuradores, delegados da Polícia Federal, uma minoria legalista submetida a constrangimentos e ameaças de sanção.

Peça 4 – a blindagem de Bolsonaro

O caso Marielle é o exemplo mais escarrado da manipulação dos principais órgãos de controle do país – do Ministério Público e Polícia Federal à mídia. No caso da mídia, tenta-se um equilibrismo temerário, de acuar Bolsonaro sem ir às últimas consequências.

Em suma, com o Partido 38 Bolsonaro começa sua Marcha Sobre Brasília – repetindo a Marcha Sobre Roma que consagrou Mussolini como o imperador da Itália. A última barreira é a investigação sobre a morte de Marielle Franco. E, no momento, o inquérito está sendo alvo de uma manipulação escandalosa e aceita como natural pela imprensa.

O depoimento do porteiro do Condomínio, que registrou a entrada de Élcio Queiroz na casa de Bolsonaro, foi manipulado publicamente. Antes mesmo de analisar o inquérito, o Ministro da Justiça Sérgio Moro ameaçou invocar a Lei de Segurança Nacional contra o porteiro. A revista *Veja* o expos de forma

temerária. E a Polícia Federal o interrogou de forma intimidatória, para que revisse sua declaração inicial. Procuradores do Ministério Público Estadual trataram de desqualificar o depoimento, com uma falsa perícia no equipamento.

Leia também: Marina: “Bolsonaro quer entregar a Amazônia à destruição”

Finalmente, os jornais escondem o fato central de toda a investigação: na hora em que Élcio e Ronnie Lessa se reuniam no Condomínio, o vereador Carlos Bolsonaro estava lá, conforme ele próprio mostrou, no segundo vídeo que gravou sobre o sistema de registro das chamadas do condomínio.

Lá, em um vídeo que o país inteiro assistiu, ele mostra que às 17:58 horas estava de saída do condomínio e pediu um Uber que foi busca-lo. Se Élcio chegou às 17:10, é óbvio que ficaram ao mesmo tempo no condomínio por no mínimo 48 minutos.

Inexplicavelmente, no seu balanço sobre o caso Marielle, **a Folha teima em ignorar uma informação pública.**

Segundo a matéria:

Onde ele estava naquele dia?
Segundo o Diário da Câmara do Rio, Carlos participou de sessão no plenário e votou em um projeto por volta das 16h30. A sessão terminou às 17h30, mas não é possível precisar o horário de saída do vereador. Nesta faixa de horário, leva-se de 45 minutos a 1h40 para percorrer o caminho entre a Câmara e o condomínio de Bolsonaro na Barra da Tijuca. Assim, seria improvável que Carlos estivesse em casa quando Élcio chegou ao condomínio, por volta das 17h10. No mesmo dia, Carlos também fez um post nas redes sociais em que dava uma entrevista no seu gabinete para a Federação Israelita.

Se o vídeo apresentado por Carlos era, de fato, do dia 14 de março, dia da morte de Marielle, ele estava presente no condomínio no mesmo momento que os assassinos. Mais que isso, deixou uma sessão da Câmara exclusivamente para ir ao Condomínio e sair 48 minutos após a chegada de Élcio. Se ele comprovar que estava, de fato, na Câmara, significa que o arquivo do dia 14 de março foi manipulado. E aí as suspeitas voltam novamente para o pai Jair.

Leia também: [Xadrez do pacto: pequeno histórico dos pactos políticos, comentário de Wilson Ramos](#)

Como é que se ignora uma evidência desse porte?

O que parece estar em jogo é uma aposta temerária do mercado: manter Bolsonaro sob fogo brando enquanto o Congresso aprova as tais reformas e se concretizam os grandes negócios de Paulo Guedes. É uma aposta contra o demônio.

Ontem, Bolsonaro enviou ao Congresso um decreto estendendo o excludente de ilicitude a todo militar ou policial que matar em serviço. Se a onda de protestos que varre a América Latina chegar ao Brasil, seria um morticínio da população civil.

Provavelmente o caso Marielle é a última oportunidade para se barrar essa escalada para o fascismo à brasileira. Se as instituições falharem na apuração de um crime óbvio como esse, não haverá força que resista a Bolsonaro.

O que mais incomoda é que, no maior furacão, no momento mais decisivo da história do Brasil, esses movimentos recentes, que tiraram o PT momentaneamente do jogo político, não revelaram uma liderança de peso sequer. E o futuro do democracia continua a depender de um sapo barbudo que se tornou referência mundial dos direitos humanos.

44. No terreno da Exceção

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-boghossian/2019/11/antes-de-propor-protecao-a-militares-bolsonaro-discutiui-reprimir-protestos.shtml?fbclid=IwAR3gPqx3OPpEErDTWm6mxxsDbAclRUJTxBfC0hAh75yGnFwNN4QX-DKJYe8>

Bruno Boghossian - Folha de S Paulo

Governo mostra estar propenso a tratar medidas de exceção como atos corriqueiros

No fim de outubro, Jair Bolsonaro disse que havia conversado com o ministro da Defesa sobre a possibilidade de convocar as Forças Armadas caso a onda de protestos vista no Chile se repetisse no Brasil. "A gente se prepara para usar o artigo 142, que é pela manutenção da lei e da ordem", afirmou o presidente.

Menos de um mês depois, o governo enviou ao Congresso um projeto de lei, elaborado pelo Ministério da Defesa, que pode isentar militares de punições por fatos que ocorram justamente em operações desse tipo.

A sucessão desses dois episódios mostra como o governo está propenso a tratar medidas que deveriam ser excepcionais como atos corriqueiros. Embora estabeleça regras aparentemente específicas, a proposta pode autorizar integrantes das Forças Armadas a usarem meios letais de modo quase rotineiro.

A ideia do governo é expandir as circunstâncias em que agentes podem atirar e até matar sem sofrer punição. Sob a alegação de legítima defesa, o militar só seria punido se ficasse provado que ele cometeu excessos de maneira intencional.

A medida é basicamente uma autorização indiscriminada para atirar sem calcular as consequências. No contexto apresentado por Bolsonaro, ela ainda põe em risco liberdades básicas dos cidadãos.

Como apontou Alberto Kopittke, diretor do Instituto Cidade Segura, em artigo publicado na Folha, o projeto lembra o decreto editado na Bolívia para conter os atos ocorridos após a derrubada de Evo Morales. Lá, ficam isentos de responsabilidade militares que atuem no "restabelecimento da ordem interna". Dezenas de pessoas já foram mortas na repressão aos protestos.

O texto do governo brasileiro é tão abrangente que permite as mais criativas interpretações. Além de não especificar que tipo de reação excessiva pode ser considerada intencional, abre a porta para que praticamente qualquer manifestante seja considerado perigoso, por ser "capaz de gerar lesão corporal". O Congresso faria bem se engavetasse esse plano.

45. O AI-5 que, sim, nos assusta

https://www.huffpostbrasil.com/entry/ai5-governo_br_5ddd5a8ae4b0913e6f74c69b?ncid=fbklnkbrhpmg00000004&fbclid=IwAR0hRp05QY5Vo50S_rEsIctZa7PbDp3khc1x5ZDARCRY6gy6Q_OqW6VQOsU

2019 tem um quê de nostálgico para os aprisionados ao passado ditatorial.

• **Diego Iraheta** Editor-Chefe, HuffPost Brasil

AI-5, ditadura, militarismo: Palavras constam do vocabulário do governo Bolsonaro.

Mais uma vez o **AI-5** volta à pauta neste governo, mais de 50 anos depois do capítulo mais sombrio e dramático da ditadura militar.

Depois de Eduardo Bolsonaro levantar a hipótese de desenterrar o ato institucional que fechou o Congresso Nacional e cassou direitos políticos de quem pensava de maneira diferente, no final dos anos 1960, agora o ministro da Economia referiu-se à sigla.

“Não se assustem então se alguém pedir o AI-5. Já não aconteceu uma vez? Ou foi diferente? Levando o povo para a rua para quebrar tudo. Isso é estúpido, é burro, não está à altura da nossa tradição democrática”, disse Paulo Guedes nesta segunda-feira (25) em Washington, nos EUA.

O contexto da frase: as convulsões sociais como as que ocorrem na América Latina (Chile e Bolívia tiveram as manifestações mais relevantes nos últimos meses).

E, claro, **uma tentativa de “normalizar” um pedido de AI-5 no Brasil** caso se intensifiquem os protestos de rua convocados pela esquerda. “Quando o outro lado [Bolsonaro] ganha, com dez meses você já chama todo mundo para quebrar a rua?”, questionou, em referência aos discursos inflamados de Lula. Mesmo que tenha chamado os opositores a “praticar democracia”, Guedes, como representante do governo federal, jamais poderia ter passado esse pano para uma declaração completamente equivocada de Eduardo Bolsonaro.

Ainda que se saiba da ingerência do filho 03 sobre o governo — diga-se de passagem, o presidente da República —, Eduardo não é do Executivo. Guedes é! É o chefe da economia, um ministro de Estado.

Ele não poderia minimizar que pensemos em um cenário como o da ditadura, com o silenciamento das divergências e sem os direitos políticos a opositores (*nem mesmo os luláticos!*).

O ministro “voltou atrás” e disse posteriormente que o AI-5 é inconcebível. Não importa; é evidente que sua primeira opinião ecoa. É de uma irresponsabilidade atroz uma declaração como essa.

Cumprimentem-se as prontas reações de chefes dos poderes Legislativo e Judiciário. Ambos condenaram, ainda que indiretamente, a fala do ministro.

“Tem uma manifestação de rua e a gente fecha as instituições democráticas?”, rebateu o presidente da Câmara, Rodrigo Maia. “[Esse discurso] acaba gerando em todos nós insegurança sobre qual o intuito por trás da utilização dessa palavra [AI-5]”, disse, completando que declarações como essa geram insegurança tanto na população quanto em investidores.

“Não se constrói o futuro com experiências fracassadas do passado”, resumiu o presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), Dias Toffoli.

É necessário repudiar essa referência ao passado, uma das paixões do atual presidente da República.

Para avançar do ponto de vista econômico, social e civilizatório, o Brasil precisa de estabilidade institucional e respeito à diversidade.

E não esse olhar reacionário que só gera instabilidade aos cidadãos e à própria economia.

46. As tentações autoritárias

<http://blogs.correiobraziliense.com.br/azedo/as-tentacoes-autoritarias/?fbclid=IwAR3as2uJW07gFn58nZ8pKMoHQcdlOnR4dOvfsbPzxvh6SKtyTOozW-8gqgg>

Publicado em 27/11/2019 - 07:50 Luiz Carlos Azedo

“São governos falidos, eleitores ressentidos, pagadores de impostos que querem mais benefícios e poderosos sindicatos que querem manter privilégio. Impossível atender a todos”

Não foi a primeira vez — provavelmente, não será a última — que alguém próximo ao presidente Bolsonaro ameaça a oposição com o espectro do AI-5. Mas, desta vez, a coisa foi mais grave, porque se tratou do ministro da Economia, Paulo Guedes. Foi um raciocínio político com começo, meio e fim: “É irresponsável chamar alguém pra rua agora pra fazer quebradeira. Pra dizer que tem que tomar o poder. Se você acredita numa democracia, quem acredita numa democracia espera vencer e ser eleito. Não chama ninguém pra quebrar nada na rua. Ou democracia é só quando o seu lado ganha? Quando o outro lado ganha, com 10 meses você já chama todo mundo pra quebrar a rua? Que responsabilidade é essa? Não se assustem, então, se alguém pedir o AI-5. Já não aconteceu uma vez? Ou foi diferente?”, disse o ministro. “É inconcebível, a democracia brasileira jamais admitiria, mesmo que a esquerda pegue as armas, invada tudo, quebre e derrube à força o Palácio do Planalto, jamais apoiaria o AI-5, isso é inconcebível. Não aceitaria jamais isso”, remendou Guedes, depois.

A declaração do ministro da Economia sobre o AI-5 provocou reações do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli, durante Encontro

Nacional do Poder Judiciário, em Maceió: “O AI-5 é incompatível com a democracia. Não se constrói o futuro com experiências fracassadas do passado”. O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, também criticou o ministro Guedes: “Não dá mais para usar a palavra AI-5 como se fosse bom-dia, boa tarde, oi, cara, não dá”. Deu uma mão no cravo e outra na ferradura, ao se dizer assustado com o comportamento dos políticos, que parecem estar “mais se preparando para uma briga campal do que pra uma disputa eleitoral no futuro”, uma alusão ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O raciocínio de Guedes merece uma reflexão mais profunda. Não teria a mesma dimensão se não estivéssemos vivendo uma conjuntura complexa e de grande instabilidade na América do Sul, que os investidores estão acompanhando com apreensão. Ninguém deseja uma convulsão política e social no Brasil, que, de fato, tem um presidente da República que não completou um ano de mandato. Entretanto, no momento, apesar do apoio do Congresso à reforma da Previdência e da blindagem da política econômica pelas suas lideranças, o governo tem avaliação negativa do seu desempenho, por razões que não são decorrentes apenas do quadro de desigualdades sociais profundas e desemprego em massa que encontrou. Parte do desgaste decorre de atitudes que confrontam a opinião pública em relação a temas que contam com um certo consenso social, mas o governo afronta, principalmente, em áreas onde as políticas públicas precisam de mais eficiência e menos ideologia.

Crise do Estado

Ademais, a criação do Aliança pelo Brasil pelo presidente Jair Bolsonaro, com um programa político ultraconservador, dobrou a aposta na radicalização política e ideológica, com repercussão muito negativa na imprensa internacional, que identifica o novo partido como uma organização de ultradireita alinhada com outros partidos congêneres da Europa. Por isso mesmo, o posicionamento do governo brasileiro não é visto como um fenômeno isolado, mas como parte de um processo com viés autoritário em curso, principalmente no Leste Europeu e na Ásia, e que seduz setores da sociedade na Europa Ocidental e até nos Estados Unidos.

Há uma crise de financiamento do Estado democrático em todo o Ocidente. Quase todos os governos arrecadam menos do que gastam, a começar pelos Estados Unidos, que só teve cinco superávits desde 1960, e a França, que não produz um superavit desde 1975. A primeira-ministra alemã, Angela Merkel, costuma dizer que a União Europeia abarca 7% da população, 25% do PIB mundial e 50% dos gastos sociais. No caso dos países da América Latina, essa crise é agravada pelo desemprego em massa e a ampliação da miséria. Ou seja, a vida não está fácil para ninguém, é preciso fazer reformas para que o Estado volte a gastar menos do que arrecada e tenha condições de investir, aqui e no mundo.

São governos falidos forçados a cortar serviços públicos, eleitores ressentidos querendo manter seus direitos sociais, pagadores de impostos que querem mais benefícios com o dinheiro que dão ao governo e poderosos sindicatos de servidores públicos que querem manter seus privilégios. Impossível atender a todos. Nessa crise, que põe em xeque as democracias representativas, surgem

ideias totalitárias, principalmente na Europa e na Ásia. O modelo chinês desafia valores do Ocidente, como o sufrágio universal, mas obtém resultados econômicos impressionantes. Nesse mundo em transformação, no qual as novas tecnologias são uma ferramenta importante para enxugar o Estado e melhorar o desempenho dos governos, porém, é preciso responder a duas questões. Primeiro, para que serve o Estado? Segundo, como modernizá-lo na democracia? As tentações autoritárias vêm das dificuldades para responder a essas perguntas.

47. Nem Bolsonaro, nem Lula, nem Centrão. Como faz?

[Mauricio RH](#)

Narrador visual · 5 h

Se eu critico Bolsonaro, sou acusado de ser petista, esquerdista, comunista, defensor de corrupto. Se eu critico Lula e o PT, sou tachado de bolsonarista, direitista, antipetista, conservador, retrógrado. Se eu me oponho a ambos ao mesmo tempo, sou rotulado de isentão, alienado, tucano ou jogado no balaio do velho Centrão - e ainda me mandam sair de cima do muro. Mas, e se eu não me identifico com nenhuma dessas três vias tradicionais, como faz?

Pior que a polarização habitual, uma divisão pura e simples da política em bolhas ideológicas de direita e de esquerda, é a polarização burra e idiotizada que toma conta do Brasil (e das redes sociais). Nos dois extremos há intolerância, ignorância, ódio, preconceito e aversão à democracia. Mas o centro também não está isento de todos esses defeitos, somados ao oportunismo, ao fisiologismo e à hipocrisia típica desses políticos e partidos que vivem leiloando apoio ao governo da ocasião.

Defender uma solução política fora dos extremos, uma saída equidistante da confrontação entre direita e esquerda, alheia às torcidas pró-Lula ou pró-Bolsonaro, com mais diálogo, racionalidade, responsabilidade, convergência e total respeito ao estado democrático de direito, não me iguala à massa amorfa e fisiológica do Centrão. (Por favor, me inclua fora dessa!)

Afinal, o que me afasta de partidos como o PSL ou a Aliança pelo Brasil, de um lado, e do PT, do PSOL ou do PCdoB, no lado oposto, também não me aproxima de PP, DEM, PSD, Solidariedade, PTB, PL e outras tantas legendas que transitam pelo poder desde a chegada do Cabral (do navegador, Pedro Álvares, ao Sérgio, ex-governador condenado e preso).

Até porque essa balança político-ideológica no Brasil (e no mundo) pende para os dois lados, alternando de tempos em tempos. Os movimentos entre liberais e conservadores, entre progressistas e reacionários, são cíclicos. O eleitorado é volúvel. A maioria é relativa, eventual, pontual, passageira.

Não parece à toa que assistimos a constante inversão de papéis entre governo e oposição. Basta notar como aqui no Brasil já predominaram forças distintas, todas com amplo apoio popular: da ditadura militar ao movimento das diretas;

de Sarney a Collor; de FHC a Lula; de Dilma a Bolsonaro. Todos já surfaram na onda da popularidade, viveram seu auge e o declínio. Até chegar a vez do próximo. A fila anda.

Bolsonaro é a bola da vez. Que o fim vai chegar, é inevitável (graças a Deus!). O que não sabemos é quanto vai durar esse ciclo retrógrado (e o tamanho do estrago). Que resultados terá o bolsonarismo nas eleições de 2020? E em qual situação chegará Bolsonaro para a reeleição em 2022 (se chegar)? Quem será seu principal oponente à esquerda? E como vai se recompor o tal centro democrático?

A vantagem do surgimento dessa Aliança pelo Brasil, aberração populista, fundamentalista e autoritária desses nossos tristes tempos, é o filtro natural que instala na política ao reunir sob a nova legenda grande parte dos lunáticos e inimigos da democracia. Isso é bom: o carimbo na testa, que não deixa dúvidas.

Do lado inverso está a tentativa insana de manter o monopólio da esquerda em torno de Lula, avesso à autocrítica e incapaz de reconhecer todos os erros que levaram à ojeriza ao PT e conseqüentemente à eleição de um inepto, irresponsável, desqualificado e boçal direitista, o meme que virou presidente. Resultado: estão preservados os dois polos que apostam na repetição do "nós x eles".

O bolsonarismo e o lulismo são fenômenos que se retroalimentam. A relação é simbiótica, interdependente. Um mito só sobrevive se o outro for o seu antagonista. Daí que essa polarização burra e idiotizada une para sempre Lula e Bolsonaro, bem como arrasta e mantém seus exércitos e milícias de fanáticos e lunáticos nas redes, nas ruas e nas urnas.

Qualquer tentativa de quebra dessa polarização será atacada igualmente por lulistas e bolsonaristas. Em 2018 funcionou: eles simplesmente aniquilaram qualquer opção de alternativa aos dois extremos. As candidaturas de Ciro Gomes, Marina Silva, Geraldo Alckmin, Álvaro Dias, Henrique Meirelles e João Amoedo foram trucidadas. Outras cogitadas, como as de Joaquim Barbosa, João Doria e Luciano Huck, nem foram adiante.

Agora o movimento se repete: Doria e Huck, principalmente, despontam como possíveis candidatos do centro, que tenta se realinhar. Nomes como Ciro, Marina e Barbosa serão sempre lembrados. Ainda no topo de todas as pesquisas aparece Sérgio Moro, que enfim precisa definir se passará à história como herói da Lava Jato ou serviçal do bolsonarismo. São as peças colocadas hoje no tabuleiro eleitoral. Isso dá jogo? Qual o seu lado?

Mauricio Huertas é jornalista, líder RAPS (Rede de Ação Política pela Sustentabilidade), editor do [#Suprapartidário](#), idealizador do [#CâmaraMan](#) e apresentador do [#ProgramaDiferente](#).

www.suprapartidario.com

48. A DIVISÃO POLARIZADA

Milton Saldanha NOV 2019

A estratégia da divisão polarizada
Milton Saldanha, jornalista

Bolsonarista pobre, ou remediado que pensa que é rico, é caso patológico. Não tento convencê-los de nada, seria tempo perdido. Nem mesmo quando todas as evidências provam as ligações da família Bolsonaro com milicianos, que são bandidos, eles não mudam de opinião. Sequer desconfiam de que algo está errado.

Só com o tempo, e quando doer no bolso, eles vão perceber o engodo em que caíram. Já está começando, com os alimentos subindo de preço, dólar e euro nas alturas, filas intermináveis para qualquer trabalho, até mesmo para coletor de lixo. Um trabalho necessário e honrado como outro qualquer, mas que por sua natureza e sacrifícios que exige não justificaria a enorme fila que se viu em São Paulo, caso existissem outras opções. Só o governo não acha isso uma situação dramática. Nunca vai achar. Eles estão mais preocupados com o que acontece com suas ações na Bolsa. Incapaz de produzir um projeto de País, e de vislumbrar soluções para os problemas que se avolumam nas cidades e também no campo, o governo se alimenta de crises.

Quando não é Bolsonaro & filhos, agora é também o Guedes, extrapolando de suas funções para lançar provocações, como esta do Ato-5, que foi condenado até por apoiadores da ditadura, em 1968. Isso mantém o Brasil sob tensão permanente. O governo precisa disso para manter a divisão polarizada e alimentar de rancor seus supostos 30% de eleitores, inflexíveis.

Na paz e harmonia, e com sua imobilidade habitual, como se viu no episódio do óleo nas praias (45 dias para começar a agir), a militância bolsonarista acabaria pulverizada. A frase provocadora de cada dia, vinda de alguém do governo, cuida para que isso não aconteça. Em tal cenário, de necessidade de polarização permanente, e surfando no anti-petismo ainda latente, a saída de Lula da prisão serviu bem a Bolsonaro. Ambos alijam do debate outras correntes alternativas. O mutismo só não é total porque Ciro Gomes tem ocupado alguns espaços, ainda que sem maior ressonância, batendo numa tecla onde Lula e Bolsonaro teriam dificuldades técnicas: o lucro escandaloso do mercado financeiro, leia-se bancos, sem paralelo no mundo, e a responsabilidade deles na crise nacional. Partidos como MDB e PSDB parecem lobos à espreita, ocultos na montanha, apostando no processo autofágico da polarização, para depois avançar sobre os restos. É uma tática oportunista que enfraquece o debate político, que seria salutar. Com o risco de que fique tarde demais e não sobre resto algum. O problema é que tal estratégia de polarização induzida, que também interessa ao PT, transforma nossas vidas num inferno. Para todos os lados. Neste momento, por exemplo, eu gostaria de estar escrevendo sobre amenidades, como a dança de salão, meu hobby e paixão desde garoto. Quando Bolsonaro ganhou até pensei numa possibilidade da sua mudança de postura, com inflexão incorporando o cargo como uma missão pacificadora, para a governabilidade.

Estava enganado. Ele não mudaria. Nunca vai mudar. É como o escorpião da fábula, que ferroa o sapo que lhe dá carona no lombo para atravessar o rio. “É da minha natureza” – justificou o crime e a ingratidão – mesmo sabendo que iria se afogar.

49. Em editorial, Folha diz que Bolsonaro veste fantasia de imperador

<https://dercio.com.br/blog/em-editorial-folha-diz-que-bolsonaro-veste-fantasia-de-imperador/>
29 de novembro de 2019 por Dercio



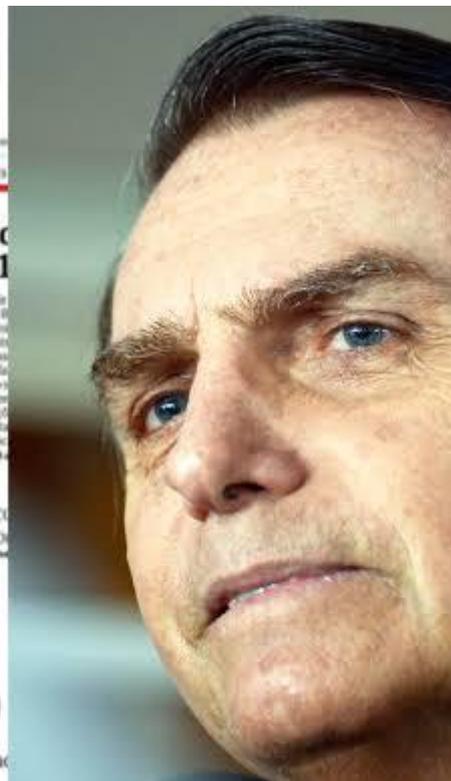
FOLHA DE S. PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
DOMINGO, 7 DE JANEIRO DE 2018

Morre no Rio o escritor Carlos Heitor Cony, 91
O escritor e jornalista Carlos Heitor Cony morreu na noite de sexta-feira (5), no Rio de Janeiro, aos 91 anos. O colunista da *Folha*, que escrevia aos domingos na página A2, sofreu falência múltipla de órgãos. Notabilizou-se como romancista de sexto conceito e cronista de estilo agudo e lúcido, assim como Bernardo Alperberg.

Na política, Bolsonaro multiplica o patrimônio
Família do presidencialista tem 13 imóveis, alguns adquiridos por valores abaixo do mercado

TRÍSSIMA
Benjamin de projeto tirar o Brasil da crise

TRADA
Meryl Streep



Fantasia de imperador

Bolsonaro é incapaz de compreender a impessoalidade da administração republicana

Jair Bolsonaro não entende nem nunca entenderá os limites que a República impõe ao exercício da Presidência. Trata-se de uma personalidade que combina leviandade e autoritarismo.

Será preciso então que as regras do Estado democrático de Direito lhe sejam impingidas de fora para dentro, como os limites que se dão a uma criança. Porque ele não se contém, terá de ser contido —pelas instituições da República, pelo sistema de freios e contrapesos que, até agora, tem funcionado na jovem democracia brasileira.

O Palácio do Planalto não é uma extensão da casa na Barra da Tijuca que o presidente mantém no Rio de Janeiro. Nem os seus vizinhos na praça dos Três Poderes são os daquele condomínio.

[
x
] A sua caneta não pode tudo. Ela não impede que seus filhos sejam investigados por deslavada confusão entre o que é público e o que é privado. Não transforma o filho, arauto da ditadura, em embaixador nos Estados Unidos.

Sua caneta não tem o dom de transmitir aos cidadãos os caprichos da sua vontade e de seus desejos primitivos. O império dos sentidos não preside a vida republicana.

Quando a Constituição afirma que a legalidade, a impessoalidade e a moralidade governam a administração pública, não se trata de palavras lançadas ao vento numa “live” de rede social.

A Carta equivale a uma ordem do general à sua tropa. Quem não cumpre deve ser punido. Descumpri-la é, por exemplo, afastar o fiscal que lhe aplicou uma multa. Retaliar a imprensa crítica por meio de medidas provisórias.

Ou consignar em ato de ofício da Presidência a discriminação a um meio de comunicação, como na licitação que tirou a Folha das compras de serviços do governo federal publicada na última quinta (28).

Igualmente, incitar um boicote contra anunciantes deste jornal, como sugeriu Bolsonaro nesta sexta-feira (29), escancara abuso de poder político.

A questão não é pecuniária, mas de princípios. O governo planeja cancelar dezenas de assinaturas de uma publicação com 327.959 delas, segundo os últimos dados auditados. Anunciam na Folha cerca de 5.000 empresas, e o jornal terá terminado o ano de 2019 com quase todos os setores da economia representados em suas plataformas.

Prestes a completar cem anos, este jornal tem de lidar, mais uma vez, com um presidente fantasiado de imperador. Encara a tarefa com um misto de lamento e otimismo.

Lamento pelo amesquinamento dos valores da República que esse ocupante circunstancial da Presidência patrocina. Otimismo pela convicção de que o futuro do Brasil é maior do que a figura que neste momento o governa.

Folha de São Paulo

50. O Brasil ao lado das ditaduras mais cruéis do mundo

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/18/opinion/1563485645_650175.html?fbclid=IwAR1EaKGh9SiRu9PAscPEBtukh-9aAH0MfgrDpDShizCucidO78mogonD1FY

No Conselho de Direitos Humanos da ONU, o nome do Brasil já não acompanha a Europa ou mesmo a América Latina, mas príncipes árabes, em nome da suposta defesa da família

JAMIL CHADE 20 JUL 2019 - 07:55 BRT

No final de junho, uma diplomata latino-americana que preparava uma declaração conjunta com o Brasil na [ONU](#) submeteu ao Itamaraty o texto que iria ler, dias depois, ao Conselho de [Direitos Humanos](#).

No dia seguinte, ao abrir seu email, levou um susto ao ver a resposta do Governo brasileiro. O texto tinha sido devolvido com vetos a termos que, pelos últimos 25 anos, eram considerados como consensos internacionais e assinados [até mesmo pelo Brasil](#).

Expressões como “igualdade de gênero”, direitos sexuais e reprodutivos e várias outras frases foram literalmente riscadas e substituídas por termos escolhidos para deixar claro uma visão de mundo em que direitos eram limitados, e não ampliados.

A diplomata estrangeira, surpreendida, apenas respondeu que aqueles termos originalmente colocados no texto não seriam modificados e, lamentando, notava que a postura da tradicional diplomacia brasileira sofria uma transformação inédita.

Nos bastidores da política externa, o Brasil de [Jair Bolsonaro](#) dava um claro sinal de que o posicionamento baseado em orientações religiosas, de restrições ou ultraconservadoras não se limitaria à retórica. Nas salas de negociação, nos corredores e trocas de telegramas, a guinada passara a ser uma realidade. E, com ela, novas alianças improváveis, sempre com governos marcados por posições polêmicas.

Nas semanas que se seguiram ao email entre o Brasil e o governo latino-americano, o que as delegações estrangeiras ocidentais descobriram era um novo país, distante daquele que havia liderado um movimento progressista desde o final dos anos 90 no campo dos [direitos humanos](#).

Nas fichas de votações publicadas ao final de cada resolução, o nome do Brasil já não acompanhava a Europa ou mesmo a [América Latina](#). Mas sim algumas das ditaduras mais cruéis do mundo. Ali, o grupo de Bolsonaro e príncipes árabes encontraram um ponto em comum: a suposta defesa da família e valores.

Assim, o Brasil apoiaria propostas da Organização de Cooperação Islâmica para excluir educação sexual de textos da ONU, criticaria o uso do termo gênero, e até passou a concordar com sauditas sobre a necessidade de se manter em resoluções uma referência explícita à defesa do papel dos pais em casos em que se combatia o casamento forçado de meninas, muitas vezes patrocinados pelos próprios pais.

À medida que abandonavam suas tradicionais posições de ampliação de direitos, delegados brasileiros começaram a ser procurados por grupos do lobby anti-gay, que passaram a se sentir confortáveis em trocar impressões com a nova administração brasileira. Eventos com a presença do Brasil ainda foram patrocinados por ongs ultraconservadoras para falar da perseguição que cristãos estariam sofrendo.

Dias depois, o Itamaraty resistiria à ideia de que a ONU promovesse um maior espaço para que grupos indígenas pudessem se expressar e tomar posição, uma proposta apoiada por escandinavos e vários governos latino-americanos.

O Brasil ainda não apoiaria uma resolução amplamente patrocinada pelo Ocidente solicitando que a ONU iniciasse investigações sobre a [campanha de Rodrigo Duterte](#), nas Filipinas, contra a suposta criminalidade. Em três anos, foram mais de 27.000 mortos, além de propostas como a redução da idade penal para apenas nove anos de idade.

Meses antes, o governo Bolsonaro havia abandonado sua tradição e votado em resoluções que condenam as violações de direitos humanos por parte de Israel.

Em todas as votações de emendas e mesmo no caso das [Filipinas](#), o Brasil se aliou ao lado derrotado. Nenhuma das emendas foi aprovada e Duterte será investigado. Para completar, o governo de Jair Bolsonaro passou a receber cartas de protesto da ONU, denúncias e cobranças em relação a diversas políticas públicas de sua gestão.

Eleição?

Mas é exatamente neste contexto que o Brasil se apresentará à eleição para mais um mandato de três anos no Conselho de Direitos Humanos da ONU. A votação ocorre em outubro e a verdade é que dificilmente Bolsonaro será derrotado. Afinal, são oferecidas duas vagas para a América Latina e apenas dois candidatos se apresentaram: Brasil e, ironicamente, a [Venezuela](#). Um espelho de uma região dividida e sem direção, para nenhum dos lados.

Para ser eleito, basta o país ter 97 dos 194 países da Assembleia Geral. Mas o teste será outro. Nas urnas, o Governo Bolsonaro vai descobrir até que ponto é aceito pela comunidade internacional e, no fundo, a votação se transformará em uma espécie de termômetro da popularidade do país.

Ao longo dos últimos anos, o Brasil viu de fato essa popularidade despencar. Depois de acumular 175 voto em 2008 e 184 em 2012, o governo brasileiro viu o apoio internacional cair na gestão de Michel Temer. Visto com hesitação, o Itamaraty perdeu quase 50 votos e, na eleição de 2016, ficou com apenas 137 apoios.

Para a campanha de 2019, o programa brasileiro tem uma linha clara: a delimitação de direitos, e não sua expansão.

Em seu programa apresentado aos demais governos, o centro das propostas brasileiras é a proteção à família, entendida apenas como aquela composta entre um homem e uma mulher.

Entre suas prioridades, nenhuma referência foi feita ao combate à tortura, ao direito à verdade, a processos de reconciliação, à garantia de direitos para imigrantes ou à educação. Em toda a campanha brasileira, a menção ao combate à homofobia ou direitos de LGBTs foi simplesmente omitida.

Bolsonaro, assim, caminha para a eleição em outubro em Nova Iorque fazendo acenos não a uma expansão de direitos. Mas a governos que, abertamente, buscam ampliar o número de aliados dentro do Conselho da ONU para enfraquecer uma tendência de abrir novas fronteiras nos direitos fundamentais no mundo.

Assim, quando os sauditas, egípcios e paquistaneses derem seu voto por Bolsonaro, não estarão aplaudindo os avanços na proteção à vida no Brasil. Mas sim considerando que terão, a seu lado, mais um governo hostil a investigações internacionais, a homossexuais e às eventuais violações ao carácter sacro da soberania.

Quando Duterte der seu voto ao Brasil, não estará apostando em uma nova forma de lidar com as drogas e nem uma visão mais humana do combate ao crime. Mas por ter tido, em Bolsonaro, um aliado contra a ingerência da ONU em assuntos domésticos.

Quando poloneses e húngaros derem seu voto ao Brasil, não será por sua abertura de fronteiras. Mas por sua recusa em assinar pactos de migração, assim como fizeram os governos do leste-europeu.

Quando o Itamaraty se apresentar para a eleição na ONU, portanto, sua bandeira não será a da expansão de direitos. Mas justamente a de impedir que as fronteiras das liberdades fundamentais sejam cada vez mais amplas.

Poderia parecer uma contradição o Brasil de Bolsonaro se candidatar ao Conselho de Direitos Humanos. Mas não o é, especialmente se o objetivo for o de formar uma aliança contra qualquer ideia de direitos internacionais que se sobreponham à soberania.

Minando esses direitos por dentro, o Brasil se alia a outros governos que, de forma hipócrita, usam as tribunas internacionais para desmontar um sistema criado há 70 anos e que serve de bússola moral ao mundo.

Entre as delegações ocidentais, o dia de votação promete ser um momento amargo: os diplomatas estarão entre dar seu voto a Bolsonaro ou a [Nicolas Maduro](#), reconhecido pela própria ONU como violador de direitos humanos.

Mas, nos corredores da entidade, não faltam ironias diante da situação constrangedora. “Tem horas que dá uma enorme vontade de votar pela Venezuela”, debocha uma diplomata europeia.

51. O Chile é aqui: Bolsonaro e grande mídia inflam o balão de ensaio da esquerda nas ruas, por Wilson Ferreira

https://jornalggn.com.br/artigos/o-chile-e-aqui-bolsonaro-e-grande-midia-inflam-o-balao-de-ensaio-da-esquerda-nas-ruas-2/?fbclid=IwAR0B_gWyixaORL_XMi7U9pcslsjqLgzTbbZluGdM2MVJZKy4hKMTOLqzW8E

Bolsonaro precisa urgentemente de um oponente, uma crise, uma situação de urgência para mobilizar seu núcleo duro de fundamentalistas.

Wilson Roberto Vieira Ferreira 28/11/2019

"Esquerda pode pegar nas armas"... "alguma resposta terá que ser dada"... "se a esquerda radicalizar?"... "novo AI-5"... Mas quem falou que as esquerdas secretamente planejam tomar as ruas? Logo agora que os movimentos sociais estão enfraquecidos e desorganizados? Logo agora que a esquerda está dividida e o povo apático, apenas de olho nos aplicativos para fazer seus corres e ver se o ano termina? O clã Bolsonaro e o super ministro Paulo Guedes se dizem preocupados com uma possível contaminação do Brasil pelos protestos do Chile, Equador e Colômbia. Mas na verdade estão morrendo de inveja: simplesmente, a inércia, passividade e a incapacidade da esquerda em mobilizar as ruas estão incomodando Bolsonaro. Ele precisa urgentemente de um oponente, uma crise, uma situação de urgência para mobilizar seu núcleo duro de fundamentalistas. Principalmente quando o dólar dispara e a grana dos fundos de investimentos estrangeiros fogem do País. Por isso a grande mídia começa a inflar o balão de ensaio dos Bolsonaros –

eles anseiam um incêndio do Reichstag que justifique o punho de ferro sobre as instituições democráticas. É a economia, estúpido!

Nos anos 1990 o técnico Wanderley Luxemburgo conheceu o auge com títulos no Palmeiras e Corinthians, até chegar ao comando da seleção brasileira. Mas foi marcado por polêmicas como sonegação fiscal, falsidade ideológica e intermediação ilegal na venda de jogadores.

Porém, o que marcou mesmo o vitorioso técnico foi a sua habilidade em criar acontecimentos junto à imprensa especializada, ao sabor dos seus interesses. Por exemplo, no final de uma partida em uma das suas passagens pelo Palmeiras, Luxemburgo participou da tradicional coletiva com jornalistas. No final, após às perguntas de praxe, o técnico disparou: "quero aproveitar a oportunidade para dizer que são inverídicas as informações de que o Corinthians andou me sondando... sou técnico do Palmeiras!".

Os jornalistas se entreolharam atônitos. "Quem disse isso!" Pronto! Estava aceso o rastilho que incendiaria os debates das mesas redondas de futebol no final de domingo na TV. Luxemburgo era hábil em criar balões de ensaio que, prontamente, eram inflados pela mídia esportiva. Uma espécie de marketing de guerrilha, explorando contrainformações deliberadas para abrir novas oportunidades.

A guerra criptografada comandada pelo clã Bolsonaro está colocando diariamente em prática essa tática de contrainformação. Se crise significava para Wanderley Luxemburgo a criação de especulações que abriam novas oportunidades, para Bolsonaro é a oportunidade de criar uma situação bem icônica historicamente para a extrema-direita: o incêndio do Reichstag – a criação de um estado de exceção que justifique o punho de ferro sobre as instituições democráticas.

Para aqueles desavisados, o Reichstag era o parlamento alemão que incendiou em 1933. Oportunidade que Hitler soube muito bem aproveitar para ampliar e consolidar o poder, jogando a culpa nos comunistas. Aproveitou a insegurança da população e o medo de burocratas, militares e políticos de que os comunistas chegassem ao poder. E liberou as tropas de assalto nazistas (as chamadas "SA") a prender deputados comunistas e funcionários do partido em prisões provisórias, para torturar um número incontável de pessoas.



Esquerda nas ruas é o incêndio do Reichstag de Bolsonaro

O plot da radicalização de esquerda

Não mais que de repente o plot da radicalização de esquerda vem ganhando espaço na pauta midiática, na esteira dos protestos que ocupam as ruas na América Latina – Equador, Chile, Bolívia e agora Colômbia. Desde que Lula foi solto dos cárceres de Curitiba, editoriais e capas de revistas estampam a ameaça da radicalização de esquerda “tumultuar o ambiente político”.

Essa foi a deixa para o clã Bolsonaro inflar o balão de ensaio. O exposto Ipiranga promovido a super-ministro da Economia Paulo Guedes fala em “esquerda pegar nas armas”, possibilidade de “contágio dessas manifestações em solo brasileiro” e que “ninguém se espante se vier um AI-5” porque “alguma resposta terá que ser dada”.

O deputado Eduardo Bolsonaro diz que “se esquerda radicalizar, pode vir um novo AI-5”... enquanto o pai insistentemente tenta sancionar o “excludente de ilicitude” agora em GLO (Garantia da Lei e da Ordem), para ser utilizado contra manifestações sociais – permitir a agentes repressivos que eventualmente cometam crimes não sejam punidos.

A grande mídia destaca que o ministro Paulo Guedes e Bolsonaro recuaram e deixaram para 2020 o “projeto de modernização administrativa” – porque Bolsonaro “teme o fantasma das manifestações que têm feito tremer cidades latino-americanas”, segundo lamentoso editorial de O Globo de 21/11.

Aqui e ali a grande mídia vem dando destaque aos “temores” de Bolsonaro, como num evento na Vila Militar no Rio: “Nós temos que nos preparar sempre para não sermos surpreendidos pelos fatos. Até o momento não tem motivo nenhum, nós entendemos dessa forma, daquele movimento vir para cá”, disse o “preocupado” presidente.

Globo News emplaca: “Guedes fala sobre possível crescimento de manifestações de rua” e o presidente Rodrigo Maia retruca pelo mesmo canal noticioso: “o que tem a ver AI-5 com manifestações de rua?”. Pronto! Está incendiado o debate, igual a daquelas mesas redondas de futebol dos domingos, inflamadas pelo esperto técnico.

Mas... Opa! Espera aí! Quem falou que a esquerda está secretamente tramando grandes protestos nas ruas das principais capitais brasileiras? Logo agora que os movimentos sociais estão fragmentados e enfraquecidos? Logo agora que vemos uma oposição parlamentar coadjuvante dos partidos de centro e uma esquerda que se limita a fazer ataques virtuais e inconsequentes ao Governo?

E logo agora que a esquerda é incapaz de convocar atos de protestos nas ruas? – as poucas resultaram em “marolas” como, por exemplo, o chamado “terceiro tsunami da educação”.

Tudo isso faz lembrar a velha estratégia marota da raposa Wanderley Luxemburgo: soltar balões de ensaio para esperar a mídia inflá-lo. No caso de Bolsonaro, não só a mídia, mas também a esquerda.



Lá e aqui: extrema-direita alimenta-se da crise

Alimentar-se da crise

Por que de repente Bolsonaro começa a inflamar o temor do contágio de protestos na América Latina? Qual oportunidade o Governo pretende criar?

É evidente que o *modus operandi* do populismo de extrema-direita é a produção artificial de crises – é a essência da guerra criptografada: estratégia diversionista para ocupar diariamente a pauta midiática com ataques, provocações ideológicas, viver em um constante estado de urgência com informações dissonantes, “caneladas” via redes sociais entre ministros, militares, políticos da base de apoio no Congresso etc. Estratégia semiótica para criar uma percepção de que o governo está à beira do colapso e em desmoronamento.

Enquanto Trump nos EUA convive com a “ameaça” do impeachment no qual parece se alimentar de um ambiente de crise política para arregimentar sua base e ocupar a pauta da imprensa corporativa, aqui no Brasil Bolsonaro vai e vem convive também com as “graves denúncias” da CPI das fake news ou de que a proposta de governo usar as forças armadas no campo pode resultar em impeachment por improbidade...

Depois de onze meses de guerra criptografada com produção ininterrupta de crises (da polêmica do “golden shower”, passando pelo “ecóidio” das queimadas na Amazônia até chegarmos na crise do PSL e as ligações perigosas

de Carlucho com a morte de Marielle), Bolsonaro presente uma ameaça dessa vez real.

Após o ano inteiro de diversionismo para tirar a atenção da opinião pública da agenda neoliberal que tranquilamente vai sendo tocada pelo Congresso, ele e seu super ministro foram pegos de surpresa por um efeito colateral que não imaginavam que chegaria tão cedo: a grana dos fundos de investimentos globais estão abandonando o País e o dólar dispara.

Até que o jornalismo corporativo está se esforçando em maquiagem a realidade: sorridentes jornalistas tentam convencer o distinto público que o único problema é que o brasileiro não viajará tão cedo ao Exterior e as reformas logo logo trarão credibilidade e investimentos de volta para o Brasil.

Mas a curto prazo Bolsonaro sabe que isso não será suficiente. Na verdade, não teme tanto possíveis manifestações de rua contra ele. Afinal, foi eleito para ser o boi de piranha de toda a estratégia diversionista colocada em ação desde o primeiro dia de governo. O problema é a agenda neoliberal ser deixada nua, colocando em xeque todo o discurso que diariamente a grande mídia reforça: os valores sagrados do empreendedorismo, das reformas, das flexibilizações etc.



Economia vai mal? Que tal um balão de ensaio para a imprensa...

Ajudar a inflar o balão de ensaio

Por isso a necessidade semiótica de, com a ajuda da mídia corporativa, inflar o balão de ensaio de uma suposta radicalização da esquerda, AI-5, especulações sobre Operações de Garantia de Lei e Ordem...

Simplesmente, a inércia, passividade e a incapacidade da esquerda em mobilizar as ruas está incomodando Bolsonaro. Ele precisa urgentemente de um oponente, uma crise, uma situação de urgência para mobilizar seu núcleo duro de fundamentalistas.

52. Esquerda urbana perdeu a conexão com o Brasil real, comentário de Leandro A.

<https://jornalggn.com.br/crise/esquerda-urbana-perdeu-a-conexao-com-o-brasil-real-comentario-de-leandro-a/>

O Brasil real não está nos campi das federais ou nas classes médias intelectualizadas das grandes cidades

Jornal GGN 24/11/2019 **Por Leandro A.**

Comentário no post [O fim da democracia e os homens-bambus, por Luis Nassif](#)

Oportunismo e arrivismo sempre existiram, são apenas prismas do grande poliedro chamado egoísmo.

O que está em jogo neste grande xadrez (para nos valer da terminologia nassifiana), é a capacidade de traduzir a mentalidade em voga para fins eleitorais, em tempos de modernidade líquida, captando o simbolismo político que traduza a voz da maioria.

A esquerda urbana, gestada no academicismo das grandes universidades públicas e movimentos sociais de trabalhadores, perdeu a conexão com o Brasil real. Não consegue mais traduzir em seu discurso as plataformas variadas dos cidadãos que vivem nesse país imenso.

A direita, pelo contrário, incorporou a percepção do homem comum do interior. O apelo sertanejo, a bandeira do agro, a destruição ambiental como simples

pedágio para o progresso, a teologia da prosperidade neopentecostal, que transmuta o desejo de vencer na vida à qualquer custo como uma cruzada divina. Enfim, todo um simbolismo arcaico, construído sobre as necessidades primárias do homem, sem o verniz da sofisticação da noção de convívio e civilidade que se aprimora nas grandes metrópoles.

PUBLICIDADE

O Brasil real não está nos campi das federais ou nas classes médias intelectualizadas das grandes cidades. São apenas bolhas num universo de primarismo e ignorância. Na realidade do interior não existem comunidades LGBT, não existem direitos humanos como direitos fundamentais inatos. Não existem direitos trabalhistas, mas encargos trabalhistas. Existe propriedade privada e poder econômico como condição “sine qua non” de cidadania, é a mentalidade do que “você vale o que você tem” em seu prisma mais escancarado.

Uso de armas, preconceito contra gays e lésbicas, são tônicas comuns nesses núcleos sociais. Grupos de minoria nunca tiveram direitos nesses ambientes, portanto, todo esse discurso moderno e inclusivo das esquerdas apenas refrata os valores do “homem do campo”. Praticamente não existem universidades públicas no interior profundo, e, por tabela, não há valorização do ensino superior gratuito, visto como uma das causas pela formação de “comunistas, maconheiros e gays” nas grandes cidades.

Leia também: Conselho de Ética abre processos contra Eduardo Bolsonaro por fala sobre AI-5 e ataques contra parlamentar

Há um tempo atrás, quando a influência do americanismo (globalização) não se fazia sentir tanto, predominava aquela clássica visão utópica do caipira, do sorocabano, do gaudério no sul, como sendo a mentalidade comum no interior. Isso fabulou. É preciso ter em vista que a internet mudou o paradigma de mudança dos valores. Hoje, numa cidade de cinco mil habitantes, o descoladinho da hora consegue imitar a barbearia da Quinta Avenida. As

peessoas não têm como parâmetro de vida uma pessoa de existência honesta, digna, honrada etc. Seus novos tipos ideais são pessoas ricas, magras, brancas, caucasianas, bem sucedidas financeiramente. Não importa como se chegou lá, pois se chegou é porque o Senhor prosperou! Poder aquisitivo lava qualquer mácula neste novo estilo de mentalidade rural. O Sertão mítico de Guimarães Rosa é uma fábula perto das paisagens de lavouras de soja, Round Up e Hilux.

A elite rural sempre teve viés conservador e provinciano, mas assim como se verifica nos EUA, podemos falar que no Brasil interiorano predomina agora uma ideologia “Tea Party”. O fator evangélico agregou uma agressividade que não havia na exposição de tais valores como virtudes do cristão. A intolerância com as religiões afro é apenas a primeira ponta desta visão de imposição à força dos valores conservadores judaico/cristãos. A Igreja Católica é a bola da vez. Ser católico nas pequenas cidades começa a soar como sinônimo de permissivo e “idolatria”. Pastores bem sucedidos, casados com belas esposas, com seus SUV começa a influenciar mais o imaginário do povão que o Padre, “homem que veste saia”, “pedófilo”.

Leia também: Paulo Guedes, Bolsonaro e a lei que mata, por Bruno Reikdal Lima

Poderia dizer mais, abordar outras facetas dessa nova mentalidade caipira, mas fica nítido que o discurso de Bolsonaro, do desprezo pelo meio ambiente à defesa da embaixada em Israel, passa pela adoção irrestrita desses valores do Brasil Real do interior. A eliminação do outro como “modus operandi” político sempre foi a principal plataforma política do interior. É costume nas pequenas cidades que a família dos derrotados busque um exílio forçado, assim como seus principais apoiadores.

Enquanto assistimos à essa mentalidade tacanha adquirir formas concretas de manifestação política, num contexto de fechamento de fábricas e indústrias e abertura de novas fronteiras agrícolas, resta evidente que o modelo da grande

metrópole como trampolim para ascensão social perdeu apelo junto ao imaginário comum. Os filhos da terra agora querem lavouras de soja e criação de boi, querem viver num Texas que fala português e não em São Paulo, essa Nova York do mundo bizarro, retratada pelo Cidade Alerta.

E Lula solto envereda pela mesma miopia da esquerda, num discurso para convertidos. Desconsiderando que o operário não quer melhor salário, quer apenas garantia de ter seu emprego, não importa que tenha que abrir mão de domingos, feriados. Afinal, o que é o domingo se comparado à perda da fonte de renda (e de cidadania)?

Sou morador – forçado – do interior. O que procurei descrever é o que vivo, tendo passado por umas oito cidades até sessenta mil habitantes, por força de concurso público. Ser à favor de políticas públicas contra a desigualdade, graduado em universidade federal, e ainda por cima entusiasta de Lula, me tornam portador da letra escarlate.

53. As aberrações nos governam

"Aberrações como a do negro que odeia negro só reafirmam que a aberração maior, a que sustenta o bolsonarismo, é isso que ainda definem com certa pompa como 'a sociedade brasileira'", escreve o colunista Moisés Mendes.

"Bolsonaro é uma invenção das nossas patologias sociais e morais"
29 de novembro de 2019, 16:55 h

•

Não basta que o presidente da Fundação Palmares seja um racista. Para o bolsonarismo, era preciso encontrar um racista negro. Aberrações humanas, que convivem com todos nós, muitas vezes quase caladas, agora têm poder político e falam em voz alta, em todos os escalões.

PUBLICIDADE

Um negro que defende a escravidão não é apenas alguém exercendo o direito de se expressar. É um descendente de povos escravizados falando em liberdade de opinião e defendendo a supressão de todas as liberdades. Na

escravidão, ele não diria nada do que diz hoje, nem se fosse para bajular seus algozes.

Mas no Brasil de Bolsonaro já não basta ser uma aberração, como as que circulam por aí, algumas tão próximas que não há como mantê-las à distância, porque são da família. Assim é a nossa vida torta, diversa e imperfeita. Agora as aberrações avançam e chegam à gestão de políticas públicas.

O negro racista em cargo público de comando é um problema e provoca indignações entre brancos do grupo de apoio do bolsonarismo, mas é um problema pequeno, um dos custos a serem pagos pelo antilulismo e pelo antiesquerdismo. O que importa é o projeto macro de Bolsonaro e esse projeto é “liberal”.

A elite brasileira aceita Bolsonaro em nome das reformas e do trabalho sujo que é preciso ser feito para destruir a educação pública, o SUS, os direitos sociais, as leis trabalhistas, a indústria nacional, a Amazônia.

Aberrações como a do negro que odeia negro só reafirmam que a aberração maior, a que sustenta o bolsonarismo, é isso que ainda definem com certa pompa como “a sociedade brasileira”. Bolsonaro é uma invenção das nossas patologias sociais e morais.

Sem a aberração coletiva que o elegeu, Bolsonaro não existiria, seria apenas um reacionário amigo do Queiroz e vizinho do Ronnie Lessa, ou continuaria sendo um deputado sem expressão e sem turma.

Bolsonaro é a aberração institucionalizada. Não é resultado de uma ditadura, nem uma imposição dos militares, não é um monarca. Bolsonaro é um déspota eleito.

A direita atrofiada descobriu que pode produzir figuras públicas repulsivas no atacado explorando medos, mentiras, desalentos e ignorâncias.

Às vezes, é preciso aplicar um golpe, como aplicaram na Bolívia. Mas são acidentes. A extrema direita foi mais competente, na manipulação da

democracia, do que a direita clássica dita conservadora liberal. Perdemos o direito à normalidade.

As pessoas em cargos públicos que condenam tudo o que deveriam defender (o negro, o meio ambiente, a Justiça, o patrimônio público, a educação) são o Brasil representado nesses altos escalões.

Sim, o negro racista é uma exceção. Mas uma exceção com potência máxima. O negro racista está lá por ter poder político, e que poder. Ele é mais uma expressão dos descaminhos da democracia. As aberrações nos governam.

54. **Vaza Jato: reprovação a Moro vai a 91% nas redes e Lava Jato cria farsa judicial**

[https://pt.org.br/massacrada-pela-opinio-publica-lava-jato-reage-com-mentira-contra-](https://pt.org.br/massacrada-pela-opinio-publica-lava-jato-reage-com-mentira-contra-lula/?fbclid=IwAR1HkaX_3iRhOMBYq8Iw92FpvCziyq5BZswzqs4RthFev-QgR8suCirhwOg)

[lula/?fbclid=IwAR1HkaX_3iRhOMBYq8Iw92FpvCziyq5BZswzqs4RthFev-QgR8suCirhwOg](https://pt.org.br/massacrada-pela-opinio-publica-lava-jato-reage-com-mentira-contra-lula/?fbclid=IwAR1HkaX_3iRhOMBYq8Iw92FpvCziyq5BZswzqs4RthFev-QgR8suCirhwOg)

Monitoramento feito pela Agência PT mostra que manifestações de apoio à Operação caíram de 58% para 9%; avaliação negativa do Moro é ainda pior: saltou de 20% para 91%

11/09/2019 11h03 - atualizado às 13h45 Lula Marques

[Leia mais](#)

- [Nota do PT: Lava Jato quer esconder seus crimes com mais mentiras contra Lula](#)
 - [Lava Jato ignorou relato de fraude na cassação de Eduardo Cunha](#)
 - [Lava Jato escondeu provas para ilegalmente incriminar Lula](#)

A Lava Jato levou no domingo (8) o seu mais duro **golpe** desde o início da série de denúncias reveladas pelo [The Intercept](#), primeiro site a escancarar, com o uso de provas materiais, os métodos inescrupulosos de Sergio Moro e agentes da operação. A mais recente reportagem, publicada em parceria com a [Folha de S. Paulo](#), mostra que **o ex-juiz escondeu a totalidade das conversas das escutas ilegais para tentar incriminar Lula.**

No dia seguinte, sem qualquer pudor ou justificativa plausível, o braço da operação em [São Paulo](#) decidiu reagir à falta de credibilidade crescente para inventar mais uma mentira contra o ex-presidente, acertadamente chamada de nova “farsa judicial” pelo Partido dos Trabalhadores por meio de nota oficial.

“O flagrante abuso de autoridade, a agressão ao estado de direito e a repetida denúncia caluniosa constituem crimes continuados por parte dessa organização política que há muito deveria estar respondendo aos órgãos de controle interno do [Ministério Público](#) e à própria [Justiça](#)”, diz trecho do documento assinado pela presidenta do partido, [Gleisi Hoffmann](#).

Com o viés político da força-tarefa mais do que sabido, **agora é a opinião pública que reage aos crimes e abusos cometidos pela Operação**. Segundo levantamento feito pela [Agência PT](#), conforme você verá no vídeo a seguir, o apoio à Operação caiu de 59% para 9% entre o dia 1º e 8 de setembro. No mesmo período, a avaliação negativa do juiz/ministro Sergio Moro atingiu níveis impressionantes: saltou de 20% para quase 91%.

APERTE O PLAY

Tocador de vídeo

00:00

00:13

Os dados acima apenas comprovam uma tendência que se confirmava desde que o The Intercept publicou a primeira reportagem da série há exatos três meses. Em julho, pesquisa [Datafolha](#) mostrou que a maioria (58%) dos brasileiros já reprovava a conduta de Moro em conluio com procuradores da Lava-Jato. Também foram 58% os que disseram acreditar que, caso comprovadas irregularidades, eventuais decisões de Moro na Lava Jato deveriam ser revistas.

Relembre os principais crimes e abusos da Lava Jato

Antes da grave denúncia de que Moro escondeu parte das gravações ilegais (por si só suficientes para tornar o ex-juiz réu) para incriminar [Lula](#), muitos outros crimes já haviam sido revelados, tanto pela defesa do ex-presidente Lula quanto por publicações como The [Intercept](#) e Folha de S. Paulo. A seguir, confira 11 delas:

1 – Moro sugeriu a troca de ordem das fases da Lava Jato, cobrou novas operações, deu conselhos e pistas e testemunhas aos procuradores, além de antecipar decisões.

2 – Após [Lula](#) prestar depoimento na 13ª Vara Federal, [Sérgio Moro](#) sugeriu ao [MPF](#) a publicação de uma nota “esclarecendo as contradições do depoimento [de Lula] com o resto das provas ou com o depoimento anterior dele”, porque a defesa já teria feito o “showzinho dela”.

3 – Dallagnol acerta reunião com Moro para, junto à Polícia Federal, definir planejamento da força-tarefa. Mais uma vez, é comprovado que Moro era o chefe da [Operação Lava Jato](#) e atuava ao lado da parte de acusação dos processos que sentenciou.

4 – Dallagnol revelou no diálogo com Moro que eles poderiam “contar” com o ministro [Luiz Fux](#) do [STF](#), ao passo que o ex-juiz celebrou “In Fux We Trust” (em Fux, nós confiamos). Em 13 de julho de 2015, o procurador comemorou o encontro com outro ministro do Supremo: [Edson Fachin](#). As conversas aprofundam ainda mais a crise institucional do país e jogam o STF no centro do debate.

5 – Dallagnol mostrava-se inseguro quanto às acusações contra Lula horas antes da denúncia no caso do tríplex. A própria acusação tinha noção que não havia e não há nenhuma prova contra Lula.

6 – Lava Jato fingiu investigar [Fernando Henrique Cardoso](#) ([PSDB](#)) apenas para criar percepção pública de ‘imparcialidade’, mas Moro repreendeu: ‘Melindra alguém cujo apoio é importante’. Muito longe da imparcialidade, parte do [Judiciário](#) brasileiro foi usado para proteger “parceiros” e criminalizar adversários.

7 – Moro mentiu a [Teori Zavascki](#) para manter os casos da Lava-Jato em seu poder, em Curitiba. Ele orientou a PF a esconder um documento que atrapalharia suas pretensões de ter o controle sobre a Operação Lava Jato.

8 – Moro agiu para evitar que o ex-deputado [Eduardo Cunha](#) fizesse um acordo de colaboração premiada. Além disso, o ex-juiz interferiu diretamente na negociação de outros acordos de delação.

9 – Dallagnol pede para que os colegas acelerem ações contra o hoje senador [Jaques Wagner](#) ([PT-BA](#)) para tentar incriminar o petista, poucos dias antes da realização do segundo turno da disputa presidencial entre [Fernando Haddad](#) e [Jair Bolsonaro](#) ([PSL](#)).

10 – [Deltan Dallagnol](#) montou um plano de negócios que envolvia eventos e palestras para poder lucrar financeiramente com a fama obtida por meio da operação Lava Jato.

11 – Dallagnol sugere a Moro usar R\$ 38 mil de dinheiro público para produzir vídeo a favor da Lava Jato. Moro concordou. Isso configurar crime de Peculato, previsto no artigo 312 do Código Penal, com pena de até 12 anos de prisão.

55. A crise de representação dos partidos políticos

GLOBONEWS PAINEL

<https://globosatplay.globo.com/globonews/v/8131018> - Dia 30 nov

Renata Lo Prete e seus convidados analisam a crise de representação dos partidos X o controle do processo político-eleitoral. Eles debatem a questão a partir da tentativa do presidente Jair Bolsonaro de tomar o PSL de Luciano Bivar. O programa trata ainda da definição do TSE em aceitar ou não assinaturas eletrônicas para a criação do novo partido do presidente.

O Assunto #69: Excludente de ilicitude, o que é o projeto de Bolsonaro, as chances de aprovação no Congresso e os efeitos práticos da medida

<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2019/11/28/o-assunto69-excludente-de-ilicitude-o-que-e-o-projeto-de-bolsonaro-as-chances-de-aprovacao-no-congresso-e-os-efeitos-praticos-da-medida.ghtml>

No episódio #69, Renata Lo Prete conversa com a repórter da TV Globo em Brasília Marina Franceschini, que explica o que tem no projeto que livra de punições policiais e militares que estejam atuando em operações de Garantia da Lei e da Ordem. Participa também Tânia Pinc, ex-policia militar que pesquisa temas relacionadas à segurança pública e responde a perguntas como: o que leva um policial a usar arma de fogo? A criminalidade cai quando os policiais têm mais incentivo para atirar?

Por Renata Lo Prete

28/11/2019 00h14 Atualizado há 3 dias

O Assunto #68: AI-5, o que é o ato que endureceu a ditadura, e o que significa o termo voltar ao vocabulário de quem está no poder

<https://g1.globo.com/podcast/>

No episódio #68, Renata Lo Prete conversa com Demétrio Magnoli, que relembra o que aconteceu no Brasil depois da assinatura do AI-5 em 1968, durante a ditadura militar. Demétrio fala também sobre a sequência de declarações de integrantes do governo sobre a volta de um AI-5 caso haja 'quebradeira' nas ruas.

56. Marta, Lula, Guedes e a conjuntura

https://marcoanogueira.pro/marta-lula-guedes-e-a-conjuntura/?fbclid=IwAR1OH6W9wEhcwP2MNEb_QVFbcmjEmnL87VXTchlHikR1C6DZxerHyul2ww8

- 29/11/2019 – Marco Aurélio Nogueira

A política democrática não fabrica inimigos ocultos, nem atribui à combatividade retórica um poder de criação que ela não tem.

Carimbar é desses verbos marotos, com vários sentidos. Pode significar “aprovar” e “marcar”, mas também “assinalar” e “dar visibilidade”. Uma pessoa marcada é alguém estigmatizado, convertido em alvo.

Nas últimas semanas circulou a informação de que o PT – leia-se, Lula – estaria cogitando de incluir Marta Suplicy na cabeça da chapa do partido às eleições municipais de 2020. A ex-prefeita paulistana foi carimbada.

A justificativa seria dupla. Marta teria sido “a melhor prefeita de São Paulo” (Lula) e está disposta a “trabalhar por uma frente para enfrentar a extrema direita” (Jilmar Tatto). A primeira razão é subjetiva, ainda que se deva considerar que Marta de fato foi uma governante bem avaliada, que realizou ações importantes para a cidade e especialmente para a população da periferia. A segunda razão é factual.

Mas a questão está longe de ser simples. Não foi por acaso que Gleisi Hoffmann, presidente nacional da legenda, se apressou em dizer que Marta poderia “compor a chapa do partido”, mas que entre ela e o PT “não dá muita liga”.

Dadas as altas taxas de rejeição de que o PT desfruta em São Paulo, a chapa por ele projetada, com Marta na cabeça ou não, terá de dar nó em pingo d’água para vencer.

Ao mencionarem o nome da ex-prefeita, os setores petistas tentam passar a ideia de que o PT disputará as eleições em um esquema de alianças ampliadas. Isso, porém, contradiz o que Lula tem proposto, qual seja, de

que o partido deve encabeçar as chapas para “fazer a defesa da legenda, de seus dirigentes e do legado dos governos petistas”.

Marta Suplicy militou no partido, dele se afastou e passou a criticá-lo com atos e palavras (votou a favor do impeachment de Dilma, por exemplo). É intrigante o que ela faria numa disputa que se desenha como repleta de dissonância e sem uma base de sustentação bem definida.

Tanto que Marta já sinalizou ter dúvidas a respeito e passou a conversar com o PDT e o PSB, além de reforçar sua agenda de contatos amplos, focada na construção de uma frente democrática que seja efetivamente ampla.

Obsessões autoritárias

O ministro Paulo Guedes tentou se defender, mas só conseguiu atizar o fogo. Ao responder às promessas de Lula de que mobilizaria o povo para contestar a política econômica do governo, saiu-se com a frase infeliz: “Não se assustem se alguém pedir o AI-5”. Foi durante entrevista coletiva em Washington, no último dia 25 de novembro.

Pode não ter querido defender a medida que, durante a ditadura militar, permitiu que o regime suspendesse direitos, cassasse mandatos parlamentares, reprimisse manifestações de oposição e perseguisse quem o contestasse. Mas a frase, ambígua e provocativa, foi suficiente para tumultuar um pouco mais o já deteriorado ambiente político. Inflamado, o ministro esclareceu que jamais defenderia medidas de repressão. Só fez piorar. A impressão que ficou é que ele não tem apreço pela democracia e acha “natural” um eventual endurecimento. Deixou claro que o governo está disposto a dobrar a aposta diante das bravatas de Lula.

A declaração veio se somar a outras semelhantes, que nos últimos meses têm integrado a narrativa governamental e buscam compor um cenário repleto de inimigos imaginários.

Guedes é ministro de um governo politicamente retrógrado e que não disfarça sua vocação autoritária. Procura se encaixar nesse arranjo com uma política econômica fortemente liberal, que deseja “desregulamentar” a economia e abri-la completamente ao mercado. Acredita que o liberalismo econômico leva automaticamente ao liberalismo político. Atropela a lógica teórica liberal e está sempre pronto para ecoar as obsessões do próprio governo que integra, fazendo com que sua política econômica liberal se acomode ao autoritarismo tacanho do atual presidente.

Com o episódio, Guedes exacerbou a combatividade oposicionista, que ele despreza, e aumentou a desconfiança dos investidores que tanto preza. Mostrou que quer distância da política, não sabe assimilar críticas e é intolerante com a contestação.

Atitudes que não cabem em uma república democrática e espalham toxinas que empurram o País de volta aos anos de chumbo.

Vozes da polarização

Ouve-se, de forma recorrente, nas redes e fora delas, frases categóricas afirmando que a polarização Lula x Bolsonaro é uma “invenção da mídia”, ou da grande imprensa, feita sob medida para prejudicar o PT e apoiar o “centro democrático”.

Do mesmo modo, com idêntica veemência, e principalmente à esquerda, fala-se que Lula é, sim, o oposto perfeito de Bolsonaro – o contrário dele – e deve

combatê-lo sem tréguas, ou seja, deve com ele polarizar. É uma contradição, mas as pessoas seguem em frente.

Amigos e seguidores de Bolsonaro procedem da mesma maneira, com uma dose adicional de fanatismo e violência.

Não deixa de ser curioso que a acusação contra a mídia e a apologia da polarização caminhem abraçadas nos mesmos discursos, cujos autores não se dão conta da contradição lógica em que se envolvem.

Tal incongruência é fruto de uma visão torta da política e do processo político em curso. Ver a mídia como conspiradora permanente mistura-se com a defesa de uma polarização que não estaria dada pela vida, mas precisaria ser criada. Ou seja, seria fruto de uma escolha, em parte unilateral (a polarização do bem) e em parte artificial (a polarização do mal). A ausência de dialética é total.

A deputada Gleisi Hoffmann, reeleita para a presidência nacional do PT, tem contribuído sistematicamente para generalizar essa incongruência e, por extensão, para disseminar confusão. Seu recente discurso no congresso do partido, por exemplo, reiterou a acusação às “invencionices” da mídia e o “desejo de luta” da esquerda, sugerindo que o PT deve estar preparado para o que der e vier.

O próprio PT saiu do congresso oscilando entre polarizar com a extrema-direita, formar uma “frente ampla” e fortalecer a aliança com os partidos de esquerda.

Polarizar e explorar o conflito são ações inerentes à política. Quem não vê isso não sabe bem do que está falando. Mas da política democrática não fazem

parte a fabricação de inimigos ocultos e a atribuição à animosidade retórica um poder de criação que ela não tem. Qualquer “enfrentamento positivo”, ou seja, destinado a solucionar problemas e a promover avanços civilizatórios, precisa de mais, muito mais.

57. Nas entrelinhas: Era uma vez em... Alter do Chão

http://blogs.correiobraziliense.com.br/azedo/nas-entrelinhas-era-uma-vez-em-alter-do-chao/?fbclid=IwAR3z2hogKpetAz5-5cJE6L-lcnE7W1ZKNp6MU6zl_D45S7h2TTgrxsg3zl0

Publicado em 01/12/2019 - 03:44 Luiz Carlos Azedo

“No caso de DiCaprio, Bolsonaro comprou mais uma briga gratuita, que queima o filme do Brasil na opinião pública mundial. É difícil explicar o que se ganha com isso”

Nono filme de Quentin Tarantino, Era uma vez em...Hollywood estreia nesta semana na tevê a cabo brasileira. É o filme com melhor bilheteria do diretor norte-americano no Brasil, com uma dupla de astros de primeiro time contracenando nos papéis principais: Leonardo DiCaprio e Brad Pitt. Todos os filmes de Tarantino (Cães de aluguel, Pulp fiction, Kill Bill, Bastardos inglórios, Jack Brown, Os oito odiados, Django livre), com antológicas e sutis recriações nos remetem a outros grandes cineastas que o diretor admira, como Martin Scorsese, Francis Ford Copolla, William Friedkin, Peter Bogdanovich, Steven Spielberg, George Lucas e Roman Polanski.

O filme retrata o ambiente da virada dos anos 1960 para 1970, quando o cinema passou por uma mudança radical, com as megaproduções dos grandes estúdios sendo ultrapassadas por filmes mais autorais e baratos, como Sem destino, um road movie americano de 1969, escrito por Peter Fonda, Dennis Hopper e Terry Southern. Produzido pelo primeiro e dirigido pelo segundo, ambos estrelando a película, revelou Jack Nicholson, que roubou a cena. Era o auge do movimento hippie e do “paz e amor”, cuja aura foi abalada pelo famoso caso da Família Manson, uma seita de fanáticos transgressores liderada por Charles Manson, que ordenou a seus seguidores uma série de assassinatos, entre os quais, o da atriz Sharon Tate.

A história de Rick Dalton pode render outro Oscar para Leonardo DiCaprio, por sua magnífica atuação. O personagem é protagonista de uma série de faroeste de sucesso na tevê, mas fracassa no cinema. Sobrevive encenando pontas em outras séries na telinha, enquanto busca a grande chance. Tem ao seu lado o amigo e alter ego Cliff Booth, interpretado por Brad Pitt, seu duplê em cenas de perigo e braço direito no dia a dia. Simultaneamente, nasce uma nova estrela em Hollywood: Sharon Tate, no filme O bebê de Rosemary, encenada por Margot Robie. Casada com Roman Polanski, o diretor do filme, a atriz se torna vizinha de Dalton. É um filme sobre os bastidores do cinema e seus

protagonistas num momento de revolução dos costumes, com contradições tipicamente norte-americanas.

Tiro no pé

Pois não é que Bolsonaro resolveu comprar uma briga gratuita com Leonardo DiCaprio, acusando-o de financiar queimadas criminosas na Amazônia por meio de doações à WWF, organização governamental que atua na área ambiental. “Agora, o Leonardo DiCaprio é um cara legal, não é? Dando dinheiro para tacar fogo na Amazônia”, disse. Bolsonaro já havia atacado o ator durante live nas redes sociais, na qual o acusava de financiar quatro jovens integrantes da Brigada de Incêndio de Alter do Chão presos, na terça-feira, por suspeita de incêndio criminoso na Área de Proteção Ambiental de Alter do Chão.

“O pessoal da ONG, o que eles fizeram? O que é mais fácil? Botar fogo no mato. Tira foto, filma, a ONG faz campanha contra o Brasil, entra em contato com o Leonardo DiCaprio, e o Leonardo DiCaprio doa 500 mil dólares para essa ONG. Uma parte foi para o pessoal que estava tocando fogo, tá certo? Leonardo DiCaprio tá colaborando aí com a queimada na Amazônia, assim não dá”, disse Bolsonaro. O ator negou as acusações, reiterou apoio ao movimento ambientalista, mas negou ter financiado os quatro jovens, cuja prisão foi relaxada pelo próprio juiz que os mandou prender, por falta de provas conclusivas. No comunicado, Di Caprio disse ter orgulho de colaborar com grupos que protegem ecossistemas e saiu por cima: “o povo brasileiro está trabalhando para salvar seu patrimônio natural e cultural”.

Bolsonaro gosta de atirar primeiro e perguntar depois. Tudo indica que tirou suas conclusões de uma coletiva de imprensa do delegado de Polícia Civil do Interior, José Humberto Melo Jr, já afastado do cargo. “Percebemos que a pessoa jurídica deles conseguiu um contrato com a WWF, venderam 40 imagens para a WWF para uso exclusivo por R\$ 70 mil, e a WWF conseguiu doações, como a do ator Leonardo DiCaprio, no valor de US\$ 500 mil, para auxiliar as ONGs no combate às queimadas na Amazônia”, disse Melo Jr.

A WWF Brasil informou que tem contrato de técnico-financeiro com o Instituto Aquífero Alter do Chão, e que o valor de pouco mais de R\$ 70 mil foi destinado à compra de equipamentos para as atividades de combate a incêndios florestais pela Brigada de Alter do Chão. Presidente da República não pode tirar conclusões precipitadas. No caso de DiCaprio, Bolsonaro comprou uma briga gratuita, que queima o filme do Brasil na opinião pública mundial. É difícil explicar o que se ganha com isso. Ademais, como no filme de Tarantino, entramos no túnel do tempo. Revivendo polêmicas dos anos 1960 e 1970 cujos traumas estão sendo resgatados da pior forma possível. Sempre haverá uma parcela da população que sonha com a volta ao passado, porém, essa é uma agenda regressiva de governo, um fator de desagregação nacional.

PARTE III . Artigos autores Torres/Passo T

• BOLSONARO E GLOBO AUTO CONTENÇÃO COMO SINAL DE MATURIDADE

Paulo Timm – Pub. A FOLHA Torres RS -- Publicado 01 novembro e revisado em 03 de novembro.

"Hitler falava, ou melhor, gritava em convulsões. Até mesmo no máximo da exaltação é possível manter certa dignidade e algum bem-estar interior, um sentimento de autoconfiança e de estar em harmonia consigo mesmo e com os demais. Esses aspectos faltavam a Hitler, que desde o começo era um retórico consciente, retórico por princípio. Não se sentia seguro nem mesmo em uma situação de triunfo, fustigava com seu linguajar os adversários e as ideias contrárias. Não tinha compostura, sua voz não possuía musicalidade, o ritmo de suas frases açoitava a si mesmo e aos demais. Sua trajetória, pelo menos durante os anos de guerra, transitou de agente provocador a vítima de provocações, de fanático convulsivo a alguém que ia às raias do desespero, demonstrando uma raiva impotente. Nunca fui capaz de compreender como conseguiu conquistar as massas, cativá-las e mantê-las presas sob seu jugo por tanto tempo com uma voz desafinada e esganiçada, com frases mal construídas na sintaxe alemã, empregando uma retórica claramente contrária ao caráter da língua alemã." (Victor KLEMPERER, LTI - A linguagem do terceiro Reich)

A flecha lançada, a pedra atirada e a palavra proferida não têm volta. Direção única... Se a flecha for envenada, a pedra for pontiaguda e a retórica, furiosa, muito pior. Alguém já disse, até, que há três coisas que falecem a melhor das razões: a falsa premissa, o excesso de argumentos e a falta de jeito, na qual se insere a ira, sempre carregada de impropérios ofensivos.

O assunto vem à baila à propósito da explosão pública do Presidente Bolsonaro, no último dia 27, ao saber, alta madrugada, no Oriente Médio, que seu nome havia sido divulgado pela Rede Globo como implicado no assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes. Um vazamento da investigação policial sobre o assunto, que deveria estar protegido por segredo de Justiça, dava conta que o Porteiro do Condomínio, onde reside o Presidente Bolsonaro, o indicara, por reconhecimento de sua voz, de ter autorizado um

dos assassinos de Marielle e Anderson a entrar no referido Condomínio, de onde sairia minutos depois, acompanhado de outro comparsa – ambos já presos –, para cometer o bárbaro crime. A matéria da Globo indicava a contradição do depoimento do porteiro visto que, na data, o então deputado Bolsonaro se encontrava em Brasília. O Presidente ficou chocado e explodiu em improperios contra a Rede Globo advertindo-a sobre os riscos de não renovar sua concessão em 2022. Um horror. Logo depois, a referida Rede emitia Nota de Esclarecimento lamentando não conseguir o Presidente entender o papel da emissora na divulgação de notícias precisas de interesse público. Um dia antes, aliás, a emissora condenara, repercutindo diversas críticas ao Presidente, inclusive do Ministro Celso de Mello, do STF, a publicação de um vídeo, de péssimo gosto, no qual um leão, denominado patriótico, era açoitado por um bando de hienas famintas, todas identificadas com instituições respeitáveis do País, inclusive o próprio Supremo. Bolsonaro, ao perceber o grotesco do vídeo o retirou do ar, desculpando-se, apenas, com o Supremo. Mas ficaram os registros: do vídeo, das escusas do Presidente, do vazamento do depoimento do porteiro e, pior de todas, do surto presidencial, inenarrável.

Não vale entrar a fundo no mérito da questão, embora, com as informações posteriores fique evidente que, ou a Globo cometeu uma baita barrigada, que deve custar o emprego do responsável, ou a Direção sabia o que estava fazendo e tinha “outras intenções” ao divulgar a matéria. Barrigada, no jargão jornalístico, é uma mancada: notícia divulgada sem a devida checagem e avaliação de conveniência. “Outras intenções” diz respeito à oportunidade de trazer à público uma notícia. Essa última questão foi muito bem tratada num clássico do bang-bang, “O homem que matou o facínora”, quando um jovem jornalista, depois de muitos anos descobre que um homem, cuja carreira na cidade o torna influente político depois de matar em duelo um famoso bandido, na verdade não o matara. Outro, escondido, o havia feito para poupá-lo. No fundo, sempre, uma história de amor... Faceiro com a revelação, contada em “rápidas pinceladas”, o jornalista corre ao Editor, que a rejeita com a seguinte desculpa: -“No Velho Oeste, entre a verdade e a lenda, ficamos com a lenda”.

Jornais experientes, como o Jornal Nacional, da Rede Globo, sabem o que publicam, mas o tiro, desta vez, talvez saia pela culatra, como a facada durante as eleições. Bolsonaro prova que é “perseguido”, embora tudo ainda esteja muito nebuloso como se vê nesta matéria da UOL – , mormente depois que Bolsonaro afirmou que, ele próprio, pegou as fitas da Portaria do Condomínio Vivendas, onde mora:

https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/02/marielle-peritos-do-rj-apontam-falha-em-laudodo-mp-que-contrapos-porteiro.htm?fbclid=IwAR2QCabn_dTzQnENxIJ41PyIYeXFS6bH-PCREHM4c-RydBqXUYsjTqMJ2TI .

Lamentavelmente, porém, nada o desculpa pela falta de civilidade com que reage às adversidades. Civilidade é o conjunto de formalidades, palavras e atos, não sujeitos à Lei, que os cidadãos adotam na sua convivência como

animais sociais, tais como boas maneiras, cortesia, polidez e palavras limpas. Um Presidente da República ainda está sujeito às servidões do cargo público que ocupa, exigindo-lhe redobrada urbanidade. A isso tudo se dá o nome de auto-contenção, sinal de maturidade frente aos limites físicos, legais e convencionais da vida. Mas Bolsonaro é um homem de confronto, bruto, não gosta nem de boas maneiras, nem muito menos de perder. Estranha que tenha sido um bom esportista na juventude. Mas isso explica porque não foi longe na carreira militar. Militares são brutos em combate, não em casa. Meu velho pai, por exemplo, militar de carreira, jamais falou um palavrão junto à família e era, por todos, tido como um gentleman, o que, modestamente, tento copiar-lhe.

- **A CONSTITUIÇÃO É A ALMA DO ESTADO
REPUBLICANO**

- **Paulo Timm** – Publicado A FOLHA, Torres RS -08 nov 2019

"Hobbes não é um aliado nem objetivo nem subjetivo de Maquiavel, cuja razão de Estado é ..apenas uma razão estatal. Sem dúvida, é necessário reduzi-los para conservá-los. Sem dúvida, é necessário mentir para cativá-los. Mas esses meios não são fins. A ambição de Hobbes é de outra ordem, é a que institui a eternidade no instante, a legitimidade na palavra, a força na justiça. A obra científica e a preocupação moral de Hobbes demandam uma interpretação mais nobre que esta da eficácia política"
(Anne-Laure Angoulvent in HOBBS E A MORAL POLITICA, Ed. Papyrus, pg118)

Nos turbulentos dias que correm no Brasil , abundantes ou tópicas mudanças na Constituição contribuem para deixar o clima político ainda mais carregado. Refiro-me, particularmente, aos três Projetos de Emenda à Constituição – PECs - de iniciativa do Poder Executivo, com as digitais do já denominado “PEC MAN”, Ministro Paulo Guedes, que reorganizam o Setor Público no país (à sua imagem) e à controvertida discussão no Supremo Tribunal Federal – STF -, que deverá decidir sobre em qual instância da Justiça se considerará alguém “culpado”. Esta última questão reveste-se de maior melindre porque poderá tirar da cadeia, onde cumpre sentença da Lavajato, homologada pelo Tribunal Federal da 4ª. Região, o ex-presidente Lula da Silva. Ambos os assuntos, altamente controvertidos, propostos nestas reavaliações da Constituição de 1988, tendem a ser mais tratados em função de preferências ideológicas do que pelos argumentos que os sustentam. Com efeito, são temas controvertidos e polarizados. Devo dizer, sem rodeios, que também sou suspeito para apreciá-los, pois tenho posição de princípio de que Lula não deveria estar preso e de que mercados devam ser regulados pelo Estado. Não obstante, quero aqui advertir não para posições ideológicas, mas para conceitos.

Comecemos pelo mais fácil: O Supremo deveria entender que todo sentenciado pode ser considerado culpado e preso antes da apreciação em última instância, isto é, o Supremo? Apelo à Constituição que frisa, explicitamente, que só será considerado culpado quem tiver sentença transitada em julgado, cláusulas que se refletem na legislação infra-constitucional:

- Constituição - Artigo 5º - Inciso LIV:
- “Ninguém será privado da liberdade ou de seus bens sem o devido processo legal.
- Constituição – Artigo 5º - Inciso LVII:

- Ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória.
- Código Penal – Artigo 283:
- Ninguém pode ser preso, exceto em flagrante ou se houver sentença condenatória transitada em julgado.

Para mim, ponto final. Acate-se a Constituição, ou, se não gostar desta dicção, encaminhe-se uma mudança em seu texto. Pode ser difícil, mas não é impossível alterar a Carta Magna. Sei que há muitos argumentos que justificam uma condenação em segunda instância, alguns deles superficiais, como a que diz que só os ricos teriam meios para se defender em tribunais superiores. Extenso relatório da Defensoria Pública, que é a Justiça ao alcance dos mais pobres revela uma intensa atividade da mesma, com índices de sucesso maiores que a dos advogados dos ricos, em suas demandas junto a tribunais superiores. Outro argumento afirma que cruéis assassinos seriam postos em liberdade com o entendimento constitucional ao pé da letra. Quem o afirma, porém, esquece de dizer que a Justiça teria, nestes casos, outros institutos legais para os manterem na prisão. Na verdade, a grande defesa da prisão em segunda instância tem mais a ver com uma questão circunstancial: a defesa da Lavajato como instrumento de purificação da Política Nacional (missão impossível) e, porque não dizer, do destino do Presidente Lula no curto prazo. É uma resposta à consigna do “Lula Livre”.

Quantos às três PECs de Paulo Guedes, ainda que desidratadas, deverão ser aprovadas, sem maiores debates com a Sociedade Civil, graças à ampla tendência liberal dos parlamentares no Congresso Nacional, grande parte dos quais, aliás, estigmatizados pela opinião pública. Contra o PEC MAN, se colocarão, em bloco, os 150 deputados de Oposição na Câmara e alguns poucos senadores. Mas, também aqui, o julgamento do mérito estará substituído pelo da preferência ideológica. A esquerda até poderia apoiar um ou outro ponto, como a transferência dos R\$ 400 bilhões em dez anos a Estados e Municípios à título de reforço do Pacto Federativo, mas dificilmente acalantarão a “mão que afaga”, por horror ao escarro que lhe acompanha...

Isso tudo nos deveria remeter mais profundamente à discussão sobre o que é o Estado e o que representa uma Constituição. Mas a essas alturas da polarização isso soa à Cântico dos Cânticos. Vale registrar, entretanto, que o Estado não é um mecanismo, como o mercado. Além de suas razões técnicas, ele se reveste de uma transcendência, que outrora era encarnada pelos Príncipes. O grande teórico do Estado Moderno, Tomaz Hobbes, deu-lhe, a propósito o nome bíblico de Leviatã, demandando-lhe uma função mais nobre do que a da mera razão estatal ou eficácia política. “Sua ambição é de outra ordem, é a que institui a eternidade no instante, a legitimidade na palavra, a força na justiça”, numa reedição que Santo Agostinho já o pressentia lá no século IV DC. (1)E se o Estado Republicano é o espírito do corpo social, a Constituição é a sua alma. Se o Absolutismo se nutria da origem divina dos soberanos para justificar-se como elo de ligação entre o sagrado e o profano a República, hoje, colocou na Constituição o selo sagrado do novo Pacto pelo

Estado de Direito Democrático . Não se mexe na Constituição como quem troca de roupa de baixo. Exige maior circunspeção e respeito. Como diz Cesar Cantu:

“Ao longo dos tempo, a transgressão ao Estado de Direito tem sito a porta aberta para as grandes tragédias humanitárias (contemporâneas)”.

Devagar com o andor, quando o santo se faz em barro...

(1) Anna Laure Angoulvent – Hobbes e a Moral Política, Conclusão, pg.118 – Ed. Papirus.

O Advento.

Paulo Timm – Especial A FOLHA, Torres RS – 07/14 dezembro 2018

<https://www.facebook.com/inacio.haunss/videos/2275789815973138/?t=35>

Todos os anos trago aos leitores desta coluna em A FOLHA ,de Torres, na expectativa de ecoar nas curvas do Mampituba, minha mensagem de BOAS FESTAS, através da lembrança do “Advento”. Tivemos mais um ano de disseminação de ódios no mundo inteiro, com a manutenção de dois grandes conflitos armados, na Síria e no Yemen, com milhões de vítimas civis e mais de cinco milhões de refugiados, além da tragédia humanitária na vizinha Venezuela. No Brasil tivemos uma ampla campanha eleitoral, cheia de contratemplos e dissonâncias ideológicas radicalizadas, que, afinal, depositou suas esperanças de redenção numa espécie de renovação conservadora. Na verdade, ainda vivemos a incógnita de uma crise sem precedentes que nos remete ao passado. O futuro é incerto. Mas sobreviveremos.

O "advento" é o período, na tradição cristã, de quatro semanas, que antecede o Natal. Inicia-se no primeiro domingo deste interregno e vai até o dia 25 de dezembro. Trata-se de um período de reflexão e espera, na expectativa da “Boa Nova”, como mensagem de paz e amor a todos os homens, sem distinções. É um momento de preparação para a reunificação das famílias, de todos os povos do mundo, sem rancores , sem preconceitos, sem outro sentimento que aquele ocupado pelo Amor. A grande ceia da noite de Natal não é, senão, um artifício para a celebração da concórdia entre todos nós. É a confirmação do laço afetivo que sela o ponto final de uma peregrinação que mobiliza passos ao longo de milhares de quilômetros em direção ao encontro natalino. -“Para onde voltamos sempre? , indagava um famoso filósofo: Para casa”. É em casa, no amplexo familiar, que renovamos as energias para enfrentar as adversidades de um ano novo que se anuncia na fatia dos tempos. Um ritual, mas que contribui para quebrar a corrida do cotidiano. É em casa, enfim, que a dor dói menos e a alegria se alegra ainda mais.

Aproveitemos, pois, o Advento, para meditar sobre o Brasil que queremos: Tolerante, pluri-cultural, multi-étnico, democrático, laico: A Boa Nova, que sendo em Cristo, pelo proselitismo de São Paulo, converteu-se na primeira consigna universal da espécie humana. Somos todos irmãos.

Vivemos, por certo, momentos difíceis de nossa História. As esperanças de um mundo melhor parecem soterradas na multiplicação sem par da miséria, na destruição do Planeta, na disseminação do vício e confrontos religiosos, étnicos e políticos e, por último, mas não menos importante, na depressão, esta epidemia irreversível do século XXI.

O Advento contribui para reforçar a resistência no bom caminho da virtude. O homem, enfim, é o começo e o fim de tudo. Ainda há tempo, mas há que refletir. Pensar com coragem.. E não apenas só por orações ou, o que é pior: compras de Natal... “ Falar e agir”, que eram, para os antigos gregos, os requisitos do heroísmo. . Em todo caso, oremos com os poetas neste belo Poema atribuído erroneamente a Mário Quintana mas de autoria de Maria Beatriz Marinho dos Anjos. :

O Laço e o Abraço

Eu nunca tinha reparado como é curioso um laço...
Uma fita dando voltas.
Enrosca-se, mas não se embola, vira, revira, circula e
pronto: está dado o laço.
É assim que é o abraço: coração com coração, tudo
cercado de braço.
E quando puxo uma ponta, o que é que acontece?
Vai escorregando...
Devagarzinho, desmancha, desfaz o abraço.
E saem as duas partes, iguais meus pedaços de fita, sem
perder nenhum pedaço.
Então o amor e a amizade são isso...
Não prendem, não escravizam, não apertam, não sufocam.
Porque quando vira nó, já deixou de ser um laço!

• O QUE FAZER?

Paulo Timm – A FOLHA, Torres 29 nov 2019

“O mundo enfrenta três crises existenciais: uma crise climática, uma crise de desigualdade e a crise da democracia. Seremos capazes de avançar sem ultrapassar os limites do planeta? A economia moderna poderá oferecer prosperidade compartilhada? As democracias resistirão, caso as economias fracassem? São questões críticas, e mesmo assim as medidas hoje aceitas para aferir o desempenho econômico não dão absolutamente nenhum sinal de que podemos estar enfrentando problemas. Cada uma dessas crises reforça o fato de que precisamos de ferramentas melhores para avaliar o desempenho econômico e o progresso social.”

Marilinda Marques Fernandes

https://outraspalavras.net/mercadovsdemocracia/pib-e-ilusao-perversa-diz-nobel-de-economia/?fbclid=IwARIP2xhOsvqa1d_hhm1O_-h_TDHRuNhMIU84jrTnEbCO-GhaNU7kvnktGIk

O ano de 2019 parece que está fadado a ficar marcado como o 1848 do século XXI. Multidões enfurecidas mundo afora. Naquela época, primórdios da modernidade industrial no Ocidente, diversas capitais europeias foram varridas por sangrentas insurreições

populares. Em Paris a agitação regurgitaria em 1871 quando a cidade foi engolfada pelas “comunas”. Teve como consequência as profundas mudanças na arquitetura urbana da cidade, com o advento das avenidas amplas e retas de M. Haussman. O que ocorria? Multidões afluíam do campo para as cidades, todas com estruturas ainda medievais, e lá moíam-se, homens, mulheres e crianças, em engenhocas industriais em turnos de até 12/14 horas, sem qualquer proteção social. Ruas infectas em bairros barrentos e fedorentos povoados por milhares de miseráveis, como o Beco do Gim, em Londres, cercados por bêbados, mulheres decaídas e meninos abandonados davam o cenário da Europa em meados do século XIX. Num dado momento explodiram. E acabaram abrindo espaço para a emergência de uma sólida consciência crítica contra tudo aquilo. Não por acaso o famoso “Manifesto Comunista”, de Karl Mark, viria a público justamente neste ano, abrindo caminho para insurreições ainda mais radicais. Anarquistas, jacobinos, socialistas utópicos, liberais reformistas e, doravante, marxistas, disputavam a liderança dos movimentos populares que acabariam se transformando em Partidos Políticos, como os Partidos Social Democratas, o da Alemanha, ainda sobrevivente desta era, organizações de solidariedade, que desembocariam nos Sindicatos de Trabalhadores outras instituições de apoio aos trabalhadores. Mas não os continham em seu desespero, às vezes os acompanhavam na expectativa de influenciá-los. A Europa, entretanto, paria, pela violência, o rumo de profundas mudanças, não sem antes mergulhar na I Guerra Mundial, em cujo rastro emerge a Revolução Bolchevique na Rússia, em 1917. Depois disso, a lição: O Estado deveria regulamentar as relações Capital/Trabalho, oferecer garantias sociais e caminhar, com o concurso da Sociedade Civil organizada para a gestão dos conflitos. Estava selado o caminho para a Sociedade do Bem Estar, afinal conquistada no século XX. A democracia consagrada.

Nos dias que correm, a industrialização já se consumou diante da Revolução 4.0 em escala global e que já aponta para Era de Gestão do Big Data, imbricada em vigorosa trama financeira que se constitui na maior fonte de enriquecimento, aliás fortemente concentrado em certos países e privilegiados segmentos sociais. Nesse contexto, “sobra” gente por todos os lados, tanto em países do centro, como os “Coringas” do recente filme em cartaz com este

nome, incapazes de acompanhar os requerimentos das sociedades tecnológicas, como nas multidões aglomerados nas megalópoles dos países menos desenvolvidos, estes depauperados, ainda mais, pelas exigências sociais sobre Estados debilitados, quando não sujeitos às formas predatórias do neocolonialismo sustentado por grupos armados, como na África Central.

Sobre este pano de fundo, por si mesmo inédito e complexo, novas formas de comunicação de massa condenam a democracia.. Não mais o Mass Mídia, ainda impessoal, embora direcionado, com alguma sobrevivência do jornalismo investigativo, mas a INTERNET, com forte controle dos manipuladores das Redes Sociais sobre a opinião pública. Um documentário, “Democracia Viglada”, na NETFLIX, e um vídeo de uma destacada jornalista britânica, Carole Jane Cadwalladr , do The Observer - https://www.ted.com/talks/carole_cadwalladr_facebook_s_role_in_brexit_and_the_threat_to_democracy?language=pt-br, evidenciam o escândalo do Facebook e Consultora Cambridge Analytic no Plebiscito do BREXIT. A Grã Bretanha se exclui da União Europeia sem um debate profundo e esclarecedor do que estava em jogo. Isso demonstra a falência dos processos eleitorais contemporâneos, mercê de seletiva composição de algoritmos nas Redes que acabam sujeitando a cidadania à modelagem de “fakenews”, tão esdrúxulos quanto convincentes. À insuficiência de informações adequadas sobre a realidade por parte de vastas camadas populacionais, distantes de um processo educacional apropriado ao desenvolvimento da consciência crítica, soma-se agora a disseminação da pós-verdade disseminada até por Líderes que preferem se comunicar com seus nichos eleitorais por sumária via eletrônica. Um horror! Verdadeiro corredor da morte do conceito de livre arbítrio sob os auspícios da liberdade. Aqui sim, o fim da História, pelo retrocesso à sua ante-sala primordial: A caverna, agora eletrônica...

Em meados do século XIX, um romance russo, de um certo Tchernchevski, sob o título de “O que fazer”, em meio à confusão reinante das Revoluções de 1848, fez época e influenciou as gerações que se seguiram num curso de intolerância. E nós...? Que faremos...?

POSTS

O ano do Coringa

2019 vai passar para a História como um novo 1968 ou reedição pós moderna do fatídico 1848 na Europa.

Equador, Chile, Colombia, Iraque, Irã, Barcelona, Hong Kong...

E ainda não terminou.

Autoridades temem que algo aconteça no Brasil dos grandes conglomerados humanos inundados pelo desemprego e pela precariedade das condições de vida, moradia, transporte e serviços públicos, além do domínio em suas regiões do tráfico e milícias.

Deus nos acuda!



- **‘Tentam criar fato político que desestabilize o País’, diz general Heleno sobre caso Marielle**

<http://a.msn.com/01/pt-br/AAJzJ6V?ocid=sf&fbclid=IwAR2FQzawJeZ5hgR5wyyv-hETxIFBCQrQoKx6gfUOo3VVMfP7IOXImpILDHc>

Paulo Timm : "Tentam", quem, como e onde, cara pálida? As principais tensões da conjuntura nacional têm se originado e desenvolvido no seio do próprio Governo, pra não dizer Palácio do Planalto. VEJA-SE

Marco Antonio Carvalho Teixeira - FB 03 nov

E o governo Bolsonaro segue autofágico. Cria suas próprias crises pelo Twitter ou pelas coletivas de imprensa. Se cair vai ser por mérito próprio. Está conseguindo organizar uma oposição para além dos parlamentares de oposição. Parece que nasceu para se conflagrar.

Anexo

O ROLO DO VIVENDAS

MP-RJ ignorou eventual adulteração em sistema de gravação em portaria de Bolsonaro

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/mp-rj-ignorou-eventual-adulteracao-em-sistema-de-gravacao-em-portaria-de-bolsonaro.shtml?fbclid=IwAR3UQibNbaW4mMVlrSpY68GwfQZqRDtPp1ts1McXSDCfljEnRnDUJMBnfas>

Entidade de criminalistas pede que Bolsonaro seja investigado

https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/entidade-de-criminalistas-pede-que-bolsonaro-seja-investigado/?fbclid=IwAR0ovxBapD-v5Xk04Y6nIreE1rPIAEAm2svQa_Boi9axpGks16QsH6TPY

Publicado em 3 novembro, 2019 De Henrique Gomes Batista na [Revista Época](#).

O Grupo Prerrogativas, que reúne cerca de 300 dos mais renomados advogados e juristas criminalistas do país, publicou nota no sábado criticando a declaração de Jair Bolsonaro de que teve acesso a eventuais provas da investigação sobre o assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes. O grupo classificou a fala do presidente como reconhecimento de crime e pede investigações. “A declaração do presidente Jair Bolsonaro de que se apoderou de provas da investigação dos homicídios que vitimaram Marielle Franco e Anderson Gomes assume máxima gravidade. Trata-se de reconhecimento de crime, de interferência ilícita em apuração criminal, voltada assumidamente a resguardar interesses pessoais e familiares, o que exorbita nitidamente das competências do cargo exercido”, afirmou a nota.

- **Juristas: autoridades devem reagir ao crime confessado por Bolsonaro no caso Marielle**

<https://www.brasil247.com/poder/juristas-autoridades-devem-reagir-ao-crime-confessado-por-bolsonaro-no-caso-marielle?fbclid=IwAR34LNY3zPVLIFBVK31DN8otAriqI44kUI188k88X7-ZielXLRovpB9-Ays#.Xb38qtHuRiQ.facebook>

"Trata-se de reconhecimento de crime, de interferência ilícita em apuração criminal, voltada assumidamente a resguardar interesses pessoais e familiares, o que exorbita nitidamente das competências constitucionais do cargo exercido", diz a nota do grupo Prerrogativas, que é formado por mais de 300 juristas,

que também cobraram reação das autoridades diante do crime confessado pelo político que ocupa a presidência do Brasil

2 de novembro de 2019, 17:13 h Atualizado em 3 de novembro de 2019, 08:58

Nota do grupo Prerrogativas – A declaração do presidente Jair Bolsonaro de que se apoderou de provas da investigação dos homicídios que vitimaram Marielle Franco e Anderson Gomes assume máxima gravidade.

Trata-se de reconhecimento de crime, de interferência ilícita em apuração criminal, voltada assumidamente a resguardar interesses pessoais e familiares, o que exorbita nitidamente das competências constitucionais do cargo exercido.

Tal revelação deve mobilizar imediata reação das autoridades competentes, para assegurar a imparcialidade das investigações, garantidas todas as condições institucionais para tal, a fim de esclarecer o ocorrido e, se caso for, tomar as providências cabíveis. Nesse sentido, o Estado Democrático de Direito possui diversos meios institucionais para investigar eventuais ilicitudes, por meio da Procuradoria Geral da República, além da necessária investigação da atuação do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, do Conselho Nacional do Ministério Público e dos órgãos correcionais respectivos.

O episódio evoca precedentes históricos em que a sociedade civil se fez ouvir, com a Ordem dos Advogados do Brasil à

frente, ao lado de instituições comprometidas com a Democracia e com o Estado de Direito. Grupo Prerrogativas

Nota de Esclarecimento - Caso

Marielle

<https://www.sindperj.org.br/post/nota-de-esclarecimento>

O SINDPERJ, entidade representante dos Peritos Oficiais do Estado do Rio de Janeiro, vem por meio desta esclarecer que a Perícia Oficial do Estado do Rio de Janeiro, atualmente subordinada à Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, conta com Peritos Criminais e setor especializados em perícias de informática e de áudio e imagem, a disposição e qualificados para o devido seguimento de perícia, como definido no Código de Processo Penal.

Esclarecemos que a Perícia Técnica Oficial não foi acionada para periciar a mídia apreendida no condomínio Vivendas da Barra. Segundo os fatos amplamente divulgados, o exame foi feito por técnicos do Ministério Público, e teve como objeto um CD apresentado pelo síndico do condomínio, não havendo assim a apreensão dos equipamentos do sistema de portaria.

Lamentamos que um evento de grande importância criminal para o país, que envolveu até o Presidente da República, venha a ser apresentado sem o devido processo de comprovação científica. Uma prova técnica robusta e incontestável só pode ser produzida com respeito à cadeia de custódia e com a devida Perícia Oficial da mídia original e do equipamento original no qual foi gravada.

- **Os milicianos dominaram**

Cleusa Slaviero FB1 de novembro

E assim, em poucas horas, a ditadura instalada no governo federal, melou o processo do assassinato de Marielle, sendo que o governador do Rio já havia vazado pra Bolsonaro que, em seguida, encontrou-se pessoalmente com

Toffoli que tem atendido os pedidos dos Bolsonaros. Nada como ter a PGR e o ministro da Justiça, que conduz a PF, a serviço de interesses pessoais do presidente.

Tumultuaram tanto o processo que até apontados como envolvidos no assassinato, entraram com pedido de suspensão do processo. Como confiar no MP do Rio, depois de ontem? Na PF nem se fala. A polícia diz que perdeu as imagens que identificam os assassinos. Acreditam? Agora um impasse com os áudios do condomínio. Se tiver um jornalismo que queira esclarecer isso, ajudará, vamos ver se com o país entregue ao crime organizado, vão ter a decência de reportar a realidade. O assassinato de Marielle e Anderson está sendo acobertado, os criminosos têm relação direta com os Bolsonaros o que por si, não prova envolvimento, mas é preciso investigar. Tem a reportagem do Fernando Brito do Tijolaço dizendo que as votações que teriam na Câmara no dia da entrada do miliciano Elcio Queiroz no condomínio, foram suspensas e Bolsonaro comprou passagens para retornar ao Rio, citou o número das passagens. Independe se Bolsonaro estava ou não no condomínio. O que não vejo é motivo do porteiro mentir, mas pode ter mentido, só que tem de investigar vastamente em vez de arquivar. E o que mais impacta é que esses milicianos que mataram Marielle são próximos dos Bolsonaros. Por quê eles mataram Marielle? No meio de tudo isso o herói da direita e da extrema direita, o Sergio Moro, tornou-se capanga de milícia. Ou o país retira as milícias do governo federal antes de o aparelhamento geral, ou nos tornaremos o país mandado por milícias por décadas. E, o porteiro corre risco de morte, sim. Quem matou Marielle e Anderson e por quê?

- **Bolsonaro cometeu crime de responsabilidade**

<https://www.plantaobrasil.net/news.asp?nID=106305&fbclid=IwAR28z76upmfOvLfHWexuNjDO8LOPQUnXca6EWwnSn4i10dIrwgQDstpgtY>

É gravíssima a revelação feita neste sábado pelo presidente Bolsonaro em conversa com jornalistas. Ele confessa que pegou as gravações da secretária eletrônica de seu condomínio, “antes que fossem adulteradas”, e o faz na primeira pessoa do plural: “nós pegamos”. Sua declaração sugere a ocorrência de obstrução de investigações, e por isso terá consequências, Ou deveria ter. Tal como por ele apresentada, configura crime de responsabilidade, que dá impeachment.

Disse ele:

- ... e outra, nós pegamos antes que fosse adulterado, pegamos lá toda a memória da secretária eletrônica, que é guardada há mais de anos, a voz não é minha. Não é o seu Jair. Agora, que eu desconfio, que o porteiro leu sem assinar ou induziram ele a assinar aquilo. Induziram entre aspas, né? Induziram a assinar aquilo.

“Aquilo” é a afirmação do porteiro de seu condomínio na Barra, de que Elcio Queiroz, no dia da execução de Mariele Franco, apareceu no condomínio e pediu para ir à casa de Bolsonaro, a 58, mas dirigiu-se para a 65, do comparsa Ronnie Lessa. Eles foram, segundo a polícia, os executores do crime. Vendo isso pelo monitor de vídeo, o porteiro disse, e repetiu no segundo depoimento, que ligou de novo para a casa do hoje presidente, ouvindo que estava tudo bem. Se foi assim, por que raios o porteiro anotou, na planilha manuscrita, que Elcio foi à casa 58? Se ele mentiu, como disseram as procuradoras, porque mentiu no papel também, no dia 14 de março de 2018, sem saber que haveria um crime à noite?

É incompreensível que os repórteres, ouvindo a confissão de Bolsonaro, não lhe tenham perguntado quando foi que pegaram a tal memória, e quem exatamente fez isso. O filho Carlos Bolsonaro, na quarta-feira, exibiu a lista de chamadas da portaria, mostrando que só a casa 65 foi acionado, e que foi Ronnie quem atendeu e autorizou a entrada de Elcio. Era à ação do filho que Bolsonaro se referia? Carlos disse que obteve a memória eletrônica com o síndico, que não poderia tê-fornecido, pois se tornara objeto de investigação. Ou Bolsonaro disse que, há muito tempo, já haviam se apropriado da memória? Seja como for, ele confessa que se apropriou de um objeto sabendo que seria alvo de investigação, buscando antecipar-se a ela.

Os líderes da oposição que estão falando em crime de responsabilidade não exageram. A Lei 1079/50, que define tais crimes, enumera os atos do presidente da República que ser enquadrados como tais. No artigo 12, elenca os que chamados crimes contra o cumprimento de decisões judiciais. Entre

eles, diz o artigo no inciso I - "Impedir, por qualquer meio, o efeito dos atos, mandados ou decisões do Poder Judiciário". Foi isso que fez Bolsonaro, ao subtrair a memória da secretária eletrônica a portaria, "antes que fossem adulterada". Possivelmente quem pegou o foi seu filho Carlos, mas quando ele diz "nós pegamos", assume a autoria do ato.

Para entender melhor, vale recapitular a ordem dos acontecimentos recentes.

Manipulando o celular de Ronnie Lessa, os investigadores acharam uma mensagem de sua mulher, enviando foto da planilha manual em que o porteiro anotou como destino de Elcio a casa de Bolsonaro.

Em seguida, no dia 5 de outubro, foram ao condomínio e requisitaram a planilha manual. Souberam qual o porteiro estava de plantão naquele horário e o chamaram para depor.

O porteiro depôs no dia 7, e repetiu o depoimento no dia 9, mantendo a sua versão.

A reportagem do Jornal Nacional, exibida na terça-feira, dia 28, parece ter sabido da história só até aí.

Mas no dia 15 os investigadores souberam, pelo síndico do condomínio, da existência dos registros eletrônicos, e dele receberam um CD com as gravações. Não requisitaram os equipamentos que contêm os registros originais, nos quais pode ter havido adulterações. E nem mandaram periciar os dados do CD.

Só fizeram isso no dia 30, e depois que Carlos Bolsonaro divulgou o seu material. Supostamente aquele a que se refere Bolsonaro: "nós pegamos".

O que aconteceu entre o dia 15, quando o material foi obtido pela polícia com o síndico, e o dia 30, quando foi feita uma perícia rápida e discutível, pois realizada sobre uma cópia e não sobre o equipamento original, na qual se basearam as procuradoras do MP-RJ para desqualificar a matéria do Jornal Nacional e acusar o porteiro de ter mentido? Naqueles 15 dias, muita coisa pode ter acontecido. Foi neste período que Carlos Bolsonaro teve acesso aos registros?

Quando diz "nós pegamos", Bolsonaro está falando deste acesso do filho, que caracteriza a verdadeira ingerência nas investigações, ou Bolsonaro fala que, muito tempo antes, já tinham se apossado dos registros?

O que ele diz é muito grave e precisa ser esclarecido.

[Clique aqui para entrar no grupo de WhatsApp e receber imagens, vídeos e notícias contra Bolsonaro e o fascismo.](#)

[Follow @RealThiagoReis](#)

[APOIE O PLANTÃO BRASIL - Clique aqui!](#)

VÍDEO: Filho mais novo de Bolsonaro pode ter liberado entrada de Élcio Queiroz no condomínio?:

Se você quer ajudar na luta contra Bolsonaro e a direita fascista, inscreva-se no canal do Plantão Brasil no YouTube.

O **Plantão Brasil** é um site independente. Se você quer ajudar na luta contra o golpismo e por um Brasil melhor, **compartilhe com seus amigos e em grupos de Facebook e WhatsApp**. Quanto mais gente tiver acesso às informações, menos poder terá a manipulação da mídia golpista.

- *Fonte: Brasil247* -

<https://www.plantaobrasil.net/news.asp?nID=106305&fbclid=IwAR28z76upmfOvLfHWezXuNjDO8LOPQUxXca6EWwnSn4i10dlrWgQDstpqtY>

Rafael Guimaraens FB 3 NOVO – QUETEMPOS!

O pior é a passividade do Judiciário e da imprensa. O sujeito que ocupa indevidamente a presidência da República confessa ou se gaba de ter recolhido as gravações do condomínio onde é vizinho de um acusado de assassinato e o MP ficará quieto? Ninguém vai entrevistar algum jurista renomado pra saber que tipo de crime a criatura cometeu ao sequestrar provas relacionadas a um assassinato? E o porteiro? Ninguém vai atrás desse porteiro? Não tem um repórter que ache importante entrevistá-lo? Está de férias, mas certamente não foi a marte ou aos confins da Índia. Vão esperar que o porteiro se dirija a alguma redação e se ofereça pra dar entrevista? Que tempos!

Caso do porteiro não está resolvido

Milton Saldanha, jornalista - FB 4 nov

Quando uma questão deixa no ar mais perguntas do que respostas ela não

está resolvida.
É o caso do agora famoso, e ao mesmo tempo desconhecido, num teorema estranho, porteiro do condomínio Vivendas da Barra, onde o presidente Bolsonaro tem duas casas. E onde, inexplicavelmente, num caso inusitado, é vizinho de milicianos, sendo o ex-PM Lessa acusado de envolvimento no assassinato de Marielle e do seu motorista Anderson.
O caso, até aqui, mais se complicou do que se esclareceu. A começar pelo desaparecimento do cidadão, o porteiro, cujo rosto ninguém viu, cuja voz ninguém ouviu. Sequer se sabe o nome. Se alguém duvidar que esteja vivo ninguém poderá se escandalizar com isso, porque o maior escândalo é que ele se esconda, depois de armar este salseiro. Ou esteja sendo escondido por alguém.
Não existe desculpa aceitável para manter o porteiro longe da imprensa, por uma razão muito simples: não há nenhum processo em curso sobre o caso. Portanto, não está subjudice, quando não é recomendável que as partes se manifestem. Tudo quem se sabe, e foi dito pelo presidente, é que há uma investigação. Que sequer ainda resultou em inquérito. Logo, o porteiro pode falar. E deve. Bolsonaro deveria ser o primeiro a desejar isso, para não deixar o País perplexo e fazendo ilações infundadas, caso sejam mesmo infundadas. Também não existiu nenhuma acareação do porteiro com as pessoas que o chamam de mentiroso.
Mentiu o porteiro? Talvez. Mentem Bolsonaro e seus filhos? Talvez. Tudo parece no plano do talvez. Enquanto o País, com suas pessoas sensatas estarrecidas, se sente perdido e desamparado. Porque estamos falando de um crime brutal, cometido por bandidos sem qualquer traço de piedade. Com açodamento inaceitável em qualquer manual de bom jornalismo, e disso modéstia à parte entendo um pouco, a revista Veja desta semana (6 nov.) se apressou a colocar o carimbo de mentiroso na testa do porteiro. O mesmo açodamento das promotoras do Rio de Janeiro, que num tempo recorde jamais visto antes, se apressaram em dar tudo como resolvido. Declarando o porteiro mentiroso.
Com a diferença que elas são notórias bolsonaristas, enquanto a Veja não pode ser. Como também não pode ser lulista, nem dorista, nem qualquer outro ista. Porque isso depõe contra um jornalismo que deve induzir leitores às suas próprias reflexões e não a respostas fabricadas numa redação. Imagino que a revista já estava nas bancas quando o próprio Bolsonaro contou que pegou as fitas de controle de visitas ao condomínio. Não poderia. Esse material teria que ter ficado à disposição da Justiça. A atitude deixa o presidente exposto a todo tipo de suspeita, queira ele ou não, goste ou não. Sejam lógicas ou ilógicas. E não poderá reclamar. Tem mais: em que condomínio um morador tem essa falta de cerimônia para mexer em assuntos da administração? Seriam os bolsonaros os donos do condomínio e não apenas moradores?
A pergunta não pode ser interpretada como afronta. Tem todo sentido, tomando-se como jurisprudência os casos do triplex do Guarujá e do sítio de Atibaia. Não seria caso para investigação? Caso contrário esse condomínio Vivendas da Barra deve ser uma bagunça, sem nenhum regulamento.
Voltando à Veja e seu jornalismo precipitado: é muito cedo para se afirmar de forma tão categórica que o porteiro mentiu. Quando sequer ele

foi ouvido. Também não estou afirmado que não tenha mentido. O que estou afirmando é que nada está devidamente explicado e comprovado. Se mentiu, terá que responder judicialmente, na forma da lei, por sua irresponsabilidade. Um bom jornalismo daria tempo às investigações. Até que não reste nenhuma pergunta sem resposta. É o mínimo que se espera. Mas parece que a Veja carece de um manual de redação. No qual a gente aprende que todas as partes, em qualquer assunto, precisam ser ouvidas. Existindo algo chamado transito em julgado, uma decisão judicial consagrada depois de esgotados todos os recursos, com direito a ampla defesa. Tudo elementar demais, convenhamos, quando existe jornalismo qualificado. E gente decente avaliando.

- **Porteiro que aparece no áudio de Carlos Bolsonaro não é o mesmo que diz ter falado com 'seu Jair'**

<https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/porteiro-que-aparece-no-audio-de-carlos-bolsonaro-nao-e-o-mesmo-que-diz-ter-falado-com-seu-jair.html>

POR **LAURO JARDIM** 04/11/2019 16:56
Domingos Peixoto | Agência O Globo

A Polícia Civil do Rio de Janeiro já tem algumas novidades nas investigações sobre a portaria do **condomínio Vivendas da Barra**, onde Jair Bolsonaro morou até 31 de dezembro e onde mora Carlos, um dos filhos do presidente.

A Polícia já sabe que o porteiro que prestou depoimento e anotou no livro o número 58 (o da casa de Jair Bolsonaro) não é o mesmo que fala com o PM reformado Ronnie Lessa (dono da casa 65) no áudio divulgado por Carlos Bolsonaro e periciado em duas horas pelo Ministério Público.

Trata-se de outro porteiro.

O porteiro que prestou os dois depoimentos em outubro — e disse ter ouvido o o.k. do "seu Jair" quando Élcio Queiroz quis entrar no condomínio — ainda está de férias.

Queiroz é acusado pela polícia de ser o motorista do carro usado no assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes. E Lessa é suspeito de ter disparado os tiros.

LEIA MAIS:

[Afinal, cadê o porteiro?](#)

[A ordem que Bolsonaro deu a Queiroz](#)

[A conversa ao pé do ouvido entre Witzel e Bolsonaro](#)

[O contraditório Bolsonaro confia ou não na PF?](#)

(Atualização, às 20h01. A assessoria de imprensa do MP-RJ enviou a seguinte nota: "O MPRJ informa que a perícia realizada é conclusiva ao atestar que a voz que atende na casa 65 e autoriza a entrada de Elcio de Queiroz, no dia 14/03/18, é a voz de Ronnie Lessa. Qualquer outro dado, poderá ser quesitado em uma nova perícia complementar, o que nesse momento só pode ser feita pela esfera federal, já que envolve autoridade com foro especial no STF. A voz do porteiro não foi objeto de perícia na ação penal. Vale destacar que o MPRJ seguiu rigorosamente os protocolos e comando legal, respeitando sempre a atribuição federal quando se deparou com autoridade com foro em outra esfera.")

30 minutos com Tereza Cruvinel (5.11.19): Os impactos das novas revelações do caso Marielle

<https://www.youtube.com/watch?v=cw4IKOjUlkE>

Caso do porteiro não está resolvido

Milton Saldanha, jornalista FB 3 nov

Quando uma questão deixa no ar mais perguntas do que respostas ela não está resolvida. É o caso do agora famoso, e ao mesmo tempo desconhecido, num teorema estranho, porteiro do condomínio Vivendas da Barra, onde o presidente Bolsonaro tem duas casas. E onde, inexplicavelmente, num caso inusitado, é vizinho de milicianos, sendo o ex-PM Lessa acusado de envolvimento no assassinato de Marielle e do seu motorista Anderson. O caso, até aqui, mais se complicou do que se esclareceu. A começar pelo desaparecimento do cidadão, o porteiro, cujo rosto ninguém viu, cuja voz ninguém ouviu. Sequer se sabe o nome. Se alguém duvidar que esteja vivo ninguém poderá se escandalizar com isso, porque o maior escândalo é que ele se esconda, depois de armar este salseiro. Ou esteja sendo escondido por alguém.

Não existe desculpa aceitável para manter o porteiro longe da imprensa, por uma razão muito simples: não há nenhum processo em curso sobre o caso. Portanto, não está subjudice, quando não é recomendável que as partes se manifestem. Tudo quem se sabe, e foi dito pelo presidente, é que há uma investigação. Que sequer ainda resultou em inquérito. Logo, o porteiro pode falar. E deve. Bolsonaro deveria ser o primeiro a desejar isso, para não deixar o País perplexo e fazendo ilações infundadas, caso sejam mesmo infundadas. Também não existiu nenhuma acareação do porteiro com as pessoas que o chamam de mentiroso.

Mentiu o porteiro? Talvez. Mentem Bolsonaro e seus filhos? Talvez. Tudo parece no plano do talvez. Enquanto o País, com suas pessoas sensatas estarrecidas, se sente perdido e desamparado. Porque estamos falando de um crime brutal, cometido por bandidos sem qualquer traço de piedade. Com açodamento inaceitável em qualquer manual de bom jornalismo, e disso modéstia à parte entendo um pouco, a revista Veja desta semana (6 nov.) se apressou a colocar o carimbo de mentiroso na testa do porteiro. O mesmo açodamento das promotoras do Rio de Janeiro, que num tempo recorde jamais visto antes, se apressaram em dar tudo como resolvido. Declarando o porteiro mentiroso.

Com a diferença que elas são notórias bolsonaristas, enquanto a Veja não pode ser. Como também não pode ser lulista, nem dorista, nem qualquer outro ista. Porque isso depõe contra um jornalismo que deve induzir leitores às suas próprias reflexões e não a respostas fabricadas numa redação. Imagino que a revista já estava nas bancas quando o próprio Bolsonaro contou que pegou as fitas de controle de visitas ao condomínio. Não poderia. Esse material teria que ter ficado à disposição da Justiça. A atitude deixa o presidente exposto a todo tipo de suspeita, queira ele ou não, goste ou não. Sejam lógicas ou ilógicas. E não poderá reclamar. Tem mais: em que condomínio um morador tem essa falta de cerimônia para mexer em assuntos da administração? Seriam os bolsonaros os donos do condomínio e não apenas moradores? A pergunta não pode ser interpretada como afronta. Tem todo sentido, tomando-se como jurisprudência os casos do triplex do Guarujá e do sítio de Atibaia. Não seria caso para investigação? Caso contrário esse condomínio Vivendas da Barra deve ser uma bagunça, sem nenhum regulamento. Voltando à Veja e seu jornalismo precipitado: é muito cedo para se afirmar de forma tão categórica que o porteiro mentiu. Quando sequer ele foi ouvido. Também não estou afirmando que não tenha mentido. O que estou afirmando é que nada está devidamente explicado e comprovado. Se mentiu, terá que responder judicialmente, na forma da lei, por sua irresponsabilidade. Um bom jornalismo daria tempo às investigações. Até que não reste nenhuma pergunta sem resposta. É o mínimo que se espera. Mas parece que a Veja carece de um manual de redação. No qual a gente aprende que todas as partes, em qualquer assunto, precisam ser ouvidas. Existindo algo chamado transito em julgado, uma decisão judicial consagrada depois de esgotados todos os recursos, com direito a ampla defesa. Tudo elementar demais, convenhamos, quando existe jornalismo qualificado. E gente decente avaliando.

- **Surge prova de que Bolsonaro pode ter atendido porteiro**

<https://blogdacidadania.com.br/2019/10/surge-prova-de-que-bolsonaro-pode-ter-atendido->

[porteiro/?fbclid=IwAR0fhBq5Lx_8N5H0mZ8WZwoA52kMijYd-sj7A4mUxIq41NJuFNmTIY2jhmw](https://blogdacidadania.com.br/2019/10/surge-prova-de-que-bolsonaro-pode-ter-atendido-porteiro/?fbclid=IwAR0fhBq5Lx_8N5H0mZ8WZwoA52kMijYd-sj7A4mUxIq41NJuFNmTIY2jhmw)

31 de outubro de 2019

No impeachment de Fernando Collor, a peça chave foi o motorista Eriberto. Ele apareceu em uma reportagem da IstoÉ. Em seguida foi escondido por um jornalista em seu sítio, porque sabia-se que era personagem chave. Foi central no impeachment.

Os Organizações Globo cometeram seu segundo grande erro de cobertura, fruto do descuido com a própria força. O primeiro, foi a tentativa de derrubar Michel Temer no episódio JBS. O segundo, agora, em cima de uma cobertura descuidada. Fiam-se no inquérito que lhes foi vazado parcialmente. E não cuidaram sequer de checar os fatos com o próprio porteiro, e demais porteiros e moradores do condomínio de Bolsonaro.

É o vício do jornalismo prato pronto, herdado da Lava Jato, que transformou a imprensa em mera publicadora de releases. Agora, é tratar de ressuscitar o morto, o jornalismo.

Tem-se um ponto central de raciocínio.

Na visita de Élcio Queiroz ao condomínio, o porteiro colocou o número da casa de Bolsonaro na planilha antes de acontecer o assassinato de Marielle.

Há duas explicações para o cochilo de ter confundido as casas de Bolsonaro e de Ronnie Lessa, o suposto assassino.

Ou as reuniões foram programadas em conjunto. Ou havia um mesmo grupo de pessoas que visitava ambas as casas.

O caminho correto da reportagem deveria ter sido a de ouvir não apenas o porteiro, mas outros porteiros e moradores do prédio.

Aí, saberiam dos seguintes fatos, que me foram passados por fonte fidedigna, com acesso ao condomínio.

O condomínio abriu mão de interfones, por ser caro e por problemas de instalação. Optou-se por telefonar ou para o celular ou para o telefone fixo de cada proprietário.

No caso de Bolsonaro, as ligações são para o próprio celular de Bolsonaro. E é ele quem atende. O que significa que a versão do porteiro não era descabida. Ou seja, o fato de estar em Brasília não o impedia de atender o telefone.

Carlos Bolsonaro, o Carluxo, também recebe os recados pelo celular. Em geral, fica pouco no condomínio, pois prefere permanecer em seu apartamento na zona sul. Mas porteiros ouvidos por moradores sustentam que, naquele dia, ele estava no condomínio.

O porteiro do depoimento está de férias. Mas moradores do condomínio foram, por conta própria, conversar com os demais porteiros. E eles garantiram que a ligação foi feita para Bolsonaro mesmo.

O sistema eletrônico diz que a ligação foi para Ronnie Lessa. Tem que se buscar as razões para esse desencontro. O porteiro pode ter ligado para Bolsonaro, que lhe disse para ligar diretamente para Ronnie Lessa, por exemplo. O próprio Elcio Queiroz pode ter corrigido o porteiro.

Agora, uma reportagem mal feita colocou porteiro e porteiros à mercê de Sérgio Moro e Augusto Aras, que se transformaram no grande braço de Jair Bolsonaro

Há tempo de se tentar salvar a reportagem.

Jornal GGN

- **Perícia incompleta em áudios do condomínio de Bolsonaro expõe nova falha em caso Marielle**

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/01/politica/1572569951_432598.html?fbclid=IwAR2Oc5tvQyJPNxr4gmQQBuBPdHRS3eKJa7GldVj8bmUMPKYFKxunacO7K8

Laudo feito pela promotoria mostra que investigadores não auditaram material original, mas o recebido dos funcionários do complexo de luxo. Laudo ficou pronto no mesmo dia da coletiva de imprensa das promotoras, na quarta

DANIEL HAIDAR -RIO DE JANEIRO 01 NOV 2019 - 07:01 BRT

Em uma investigação marcada [por falsos testemunhos e versões conflitantes](#), um laudo produzido pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro escancarou nesta quinta-feira mais uma falha nos trabalhos de elucidação do [assassinato de Marielle Franco](#) e de seu motorista, Anderson Gomes. Documento anexado aos autos do caso mostra que a Promotoria não examinou a possibilidade de que os arquivos de áudio que tratam da entrada de visitantes no condomínio do presidente Jair Bolsonaro e do ex-policia! Ronnie Lessa, acusado de ser o atirador que matou a vereadora, tenham sido alterados antes de enviados às autoridades.

Foi com base nessas gravações que as promotoras do caso afirmaram, na quarta-feira, que um dos porteiros do condomínio de luxo mentiu em depoimento, quando afirmou em outubro, em duas oportunidades, que o ex-policia! Élcio Queiroz, preso acusado de envolvimento no crime, tinha solicitado autorização na portaria para visitar [a casa de Bolsonaro](#) no dia do assassinato de Marielle, em 14 de março de 2018, antes de se dirigir à casa de Ronnie Lessa. O porteiro disse ainda ter conversado com "seu Jair" a respeito do desvio de destino de Queiroz. As declarações do funcionário do condomínio coincidem com o que ele mesmo anotou em uma planilha manuscrita de controle de visitantes do local, mas não com os áudios da guarita de segurança em posse dos investigadores. Na data, Jair Bolsonaro estava em Brasília.

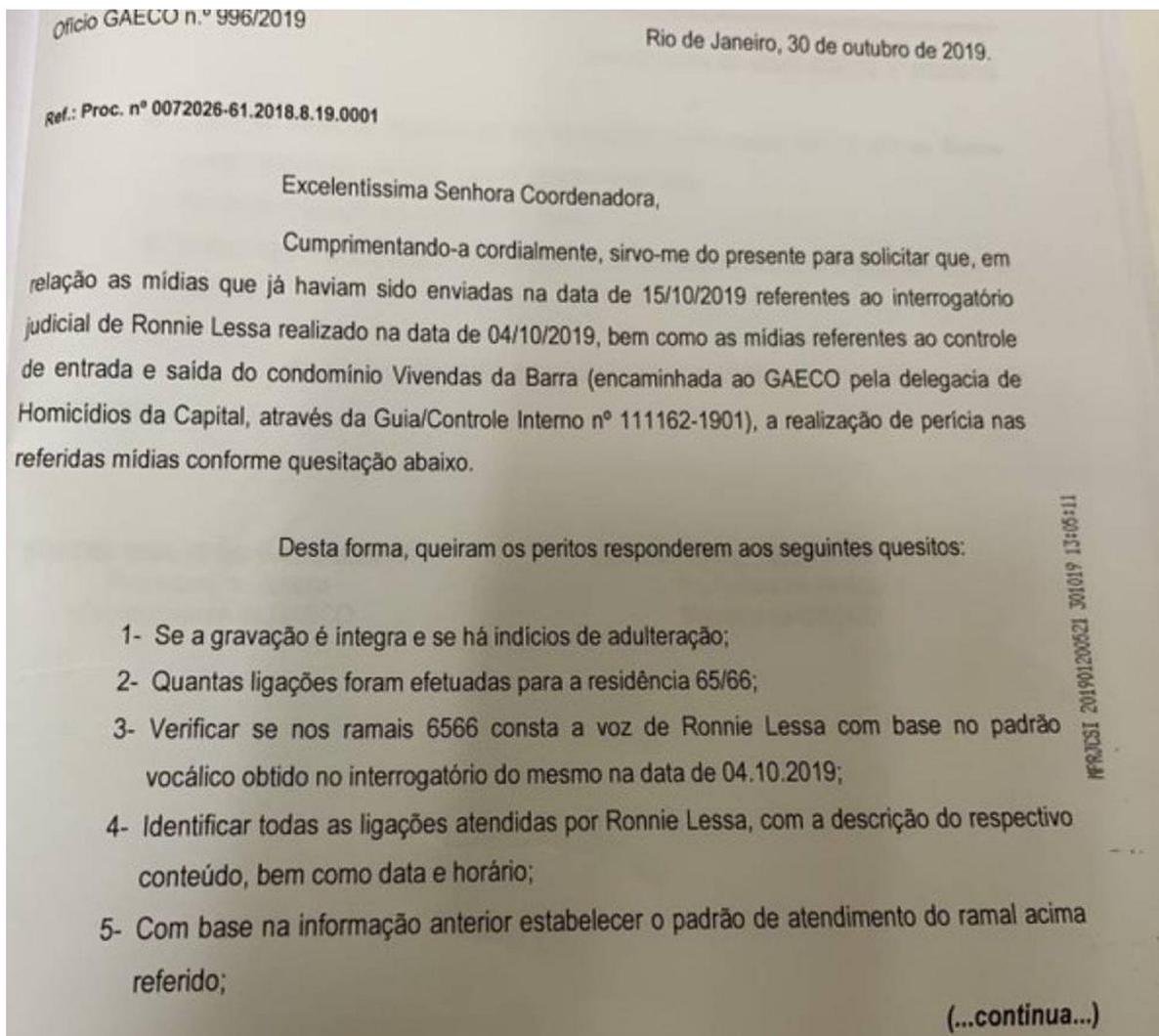
A revelação desse depoimento pelo *Jornal Nacional*, da TV Globo, na terça-feira desencadeou protestos agressivos de Bolsonaro, que se disse alvo de mentiras. Na quarta-feira, as promotoras do [caso Marielle](#) convocaram coletiva de imprensa para explicar o andamento das investigações com um laudo havia ficado naquele mesmo dia.

Na conversa com os jornalistas sobre o assunto, a promotora Simone Sábilio, uma das responsáveis pela investigação, disse que o porteiro mentiu e que sua versão não condizia com a prova técnica do caso. A promotora detalhou que nos áudios entregues pelo síndico do condomínio foi possível identificar que Lessa atendeu o interfone, e não "seu Jair" como disse o porteiro, e que, portanto, foi o ex-policia! quem autorizou a entrada do seu parceiro Élcio para, então, seguirem para o local do assassinato da vereadora.

já havia criticado a falta de um trabalho abrangente nos áudios para "sanar todas as dúvidas e impedir que, no futuro, prosperem teorias fantasiosas a respeito do episódio e da suposta menção ao nome do presidente da República". Questionada sobre essa questão na quinta-feira, o Ministério Público do Rio afirmou apenas que o "na mídia enviada pela Delegacia de Homicídios não há indícios de adulteração no dia 14/03 ou em qualquer outro dia entre os meses de janeiro e março".

Uma planilha que demorou a aparecer

Na planilha manuscrita de visitantes do condomínio, exibida no *Jornal Nacional* e a qual o EL PAÍS também teve acesso, o porteiro anotou que Élcio seguiu para a casa 58, de Bolsonaro, e não para a casa 65, de Lessa. A planilha revela 19 entradas de visitantes entre 15h e 18h42 no condomínio, mas o laudo do Ministério Público não expressa se cada acesso corresponde exatamente ao respectivo áudio do horário aproximado disponibilizado pelo condomínio.



A planilha, aliás, ilustra outra falha na investigação. Os investigadores só souberam da existência dela em outubro, depois que receberam os dados extraídos do celular de Ronnie Lessa em uma perícia feita [pela empresa israelense Cellebrite](#), solicitada pela Promotoria. Questionada se a planilha poderia ter sido apreendida antes, quando Lessa foi preso, a promotora Leticia Emile admitiu: "Foi um erro de análise".

Na análise das mensagens extraídas do celular de Lessa, os investigadores observaram que sua mulher, Elaine, enviou para ele uma foto da planilha de visitantes do condomínio referente ao dia do assassinato de Marielle, demonstrando preocupação com isso, e afirmou: "Fala com o Elcio". A foto da planilha foi enviada em fevereiro deste ano, praticamente um mês antes de Lessa ser preso acusado de matar Marielle.

Os investigadores ainda não esclareceram se Lessa e sua mulher tentaram fazer algo com a planilha do condomínio ou se agiram para cooptar alguém no local. [A mulher de Lessa também foi presa recentemente](#), acusada de obstrução de Justiça, porque foi identificado que ela estava ajudando a descartar no mar armas adquiridas pelo ex-policia.

As falhas e os erros da investigação do caso Marielle foram os argumentos usados pela então procuradora-geral da República, Raquel Dodge, para solicitar a federalização da investigação dos possíveis mandantes do assassinato de Marielle, em setembro. [Como mostrou o EL PAÍS nesta quarta-feira](#), ela argumentou que essa relação de promiscuidade” entre as forças de segurança e os milicianos que impede que se chegue aos mandantes do crime. “Tal contaminação, além de gerar óbvia ineficiência (...) indica que existirão com absoluta certeza atividades deletérias [prejudiciais] feitas por criminosos infiltrados na polícia”, escreveu.

ANEXO II

ESCALADA PARA O FASCISMO

Coletânea artigos recentes

P.Timm org. - (uso sala de aula)

INDICE

2. Xadrez da marcha acelerada para o fascismo - Luiz Nassif

<https://jornalggn.com.br/noticia/xadrez-da-marcha-acelerada-para-o-fascismo-por-luis-nassif/>

3.

2.No terreno da Exceção - Bruno Boghossian

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-boghossian/2019/11/antes-de-propor-protECAo-a-militares-bolsonaro-discuti-reprimir-protestos.shtml?fbclid=IwAR3gPqx3OPpEErDTWm6mxxsDbAcLRUJTxBfC0hAh75yGnFwNN4QX-DKJYe8>

3.0 Ur-Fascismo brasileiro e Bolsonaro como sua consequência - Sergio Saraiva

<https://jornalggn.com.br/artigos/o-ur-fascismo-brasileiro-e-bolsonaro-como-sua-consequencia/>

4. Editorial FSP -Ineptos e autoritários

<https://revistaforum.com.br/comunicacao/na-direcao-certa-folha-faz-editorial-historico-e-se-pinta-para-guerra-contra-bolsonaro/?fbclid=IwAR17JCiLVcmGQDvjwluqTpcDpljLTLbHXyce8-uGNvbQqX9a36TGZYKmpY>

5. OXFAM participa de ato Frente Democrática

<https://oxfam.org.br/noticias/oxfam-brasil-participa-de-evento-em-defesa-da-democracia-brasileira/>

6. Proposta de criar canal para denunciar professores é mais um instrumento de perseguição contra os educadores

<https://www.sinprodf.org.br/proposta-de-criar-canal-para-denunciar-professores-e-mais-um-instrumento-de-persegucAO-contra-os-educadores/>

7. As tentações autoritárias – L.C.Azedo

<http://blogs.correiobraziliense.com.br/azedo/as-tentacoes-autoritarias/?fbclid=IwAR3as2uJW07gFn58nZ8pKMoHQcdIONR4dOvfbPzvxh6SKtyTOozW-8qggg>

8. O erro da esquerda: M. Castels

MANUEL CASTELLS: “O GRANDE ERRO DA ESQUERDA É PENSAR QUE MOVIMENTOS SOCIAIS SÃO SEMPRE BONS”

<https://theintercept.com/2017/12/08/manuel-castells-e-a-crise-da-democracia-que-vai-de-trump-a-brexit-e-brasil/>

9. O Chile é aqui: Bolsonaro e grande mídia inflam o balão de ensaio da esquerda nas ruas, por Wilson Ferreira

https://jornalggn.com.br/artigos/o-chile-e-aqui-bolsonaro-e-grande-midia-inflam-o-balao-de-ensaio-da-esquerda-nas-ruas-2/?fbclid=IwAR0B_gWvixaORL_XMi7U9pcslsjqLgzTbbZluGdM2MVJZKy4hKMTOLqzW8E

Wilson Roberto Vieira Ferreira

10. Esquerda urbana perdeu a conexão com o Brasil real, comentário de Leandro A.- Jornal GGN Leandro A.

<https://jornalggn.com.br/crise/esquerda-urbana-perdeu-a-conexao-com-o-brasil-real-comentario-de-leandro-a/>

11. A entrada do darwinismo social no Brasil – Vídeo

https://www.youtube.com/watch?v=93f7nkbD7tY&feature=share&fbclid=IwAR2P-YkYVUIZE4lewK_PIs1ZE8kXkeSEBwuTjVOU3w2LMjNXm5P8BHcFxU

12. Uma semana de escalada fascista

https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-ppds/uma-semana-de-escalada-fascista?utm_source=isa&utm_medium=site&utm_campaign=Projeto+Sa%C3%BAde+e+Alegria&fbclid=IwAR0Zms4z8JgfMjlbztOFZ97p4eMo0HbdkS6MBJ-gEzJxKZgKLup2LPd9oBU

13. LENIO STRECK – 02.12.19 – DIREITO, A PRIMEIRA VÍTIMA, DEMOCRACIA É A SEGUNDA



1. Xadrez da marcha acelerada para o fascismo

<https://jornalggn.com.br/noticia/xadrez-da-marcha-acelerada-para-o-fascismo-por-luis-nassif/>

Há possibilidade, dentro em breve, do Brasil se transformar no caso mais emblemático, por mais selvagem, das ditaduras de direita que passaram a proliferar pelo planeta. E não há sinal da resistência das instituições.

Luis Nassif 22/11/2019

O fascismo caminha em marcha acelerada.

Há possibilidade, dentro em breve, do Brasil se transformar no caso mais emblemático, por selvagem, das ditaduras de direita que passaram a proliferar pelo planeta. E não há sinal da resistência das instituições.

São nítidos os sinais de agravamento do clima político.

Peça 1 – O Partido 38 de Bolsonaro

A partir de sua formalização, haverá a articulação nacional e a ampliação das milícias armadas espalhadas pelos quatro cantos do país. A violência difusa se tornará articulada.

Reedita-se o fenômeno das SSs nazistas. No início, era uma organização paramilitar incumbida de proteger as lideranças nazistas, mas já tendo como método infundir terror nos adversários. No auge do nazismo, as SSs chegaram a ter um milhão de filiados e passaram a controlar a Gestapo, a polícia, os serviços de inteligência. Moviam-se pela bandeira única de exterminar as minorias, políticas ou étnicas.

Só um cego absoluto para não enxergar esse modelo, dos camisas negras do fascismo, na construção do Partido 38 de Bolsonaro.

Peça 2 – a distribuição de armas

Além das milícias propriamente ditas, há ampla aceitação de Bolsonaro entre os seguintes grupos armados:

- Baixa patente das Polícias Militares em vários estados.
- Clubes de tiro
- Ruralistas
- Desajustados de toda espécie, organizados em torno de grupos de “cidadãos de bem”, espalhados por todo o país, com apoio das Igrejas evangélicas.

Desde o primeiro dia de governo, Bolsonaro tratou de ampliar o armamento para a população. Ou através de medidas econômicas, como a liberação da importação e do porte de armas. Ou através de manobras explícitas pró-contrabando, como foi o caso de sua ofensiva sobre a fiscalização no porto de Itaguaí, no Rio de Janeiro, entrada principal das armas no país.

Leia também: [Bolsonaro é a revanche do homem comum, por Luis Nassif](#)

Peça 3 – Aparelhamento das instituições

Existe ampla simpatia por Bolsonaro nas principais instituições do país, Judiciário Estadual, Federal, Eleitoral, Ministérios Públicos, Justiça Eleitoral, Polícia Federal e associações empresariais em geral. O novo partido irá dar organicidade a essa atuação.

Atualmente, já está em curso um amplo *lawfare* contra críticos do governo, denúncias e ações a granel, tanto no âmbito do Judiciário quanto dos Conselhos profissionais da Justiça e do Ministério Público. Há juízes, procuradores, delegados da Polícia Federal, uma minoria legalista submetida a constrangimentos e ameaças de sanção.

Peça 4 – a blindagem de Bolsonaro

O caso Marielle é o exemplo mais escarrado da manipulação dos principais órgãos de controle do país – do Ministério Público e Polícia Federal à mídia. No caso da mídia, tenta-se um equilibrismo temerário, de acuar Bolsonaro sem ir às últimas consequências.

Em suma, com o Partido 38 Bolsonaro começa sua Marcha Sobre Brasília – repetindo a Marcha Sobre Roma que consagrou Mussolini como o imperador da Itália. A última barreira é a investigação sobre a morte de Marielle Franco. E, no momento, o inquérito está sendo alvo de uma manipulação escandalosa e aceita como natural pela imprensa.

O depoimento do porteiro do Condomínio, que registrou a entrada de Élcio Queiroz na casa de Bolsonaro, foi manipulado publicamente. Antes mesmo de analisar o inquérito, o Ministro da Justiça Sérgio Moro ameaçou invocar a Lei de Segurança Nacional contra o porteiro. A revista Veja o expôs de forma temerária. E a Polícia Federal o interrogou de forma intimidatória, para que revisse sua declaração inicial. Procuradores do Ministério Público Estadual trataram de desqualificar o depoimento, com uma falsa perícia no equipamento.

Leia também: [Marina: “Bolsonaro quer entregar a Amazônia à destruição”](#)

Finalmente, os jornais escondem o fato central de toda a investigação: na hora em que Élcio e Ronnie Lessa se reuniam no Condomínio, o vereador Carlos Bolsonaro estava lá, conforme ele próprio mostrou, no segundo vídeo que gravou sobre o sistema de registro das chamadas do condomínio.

Lá, em um vídeo que o país inteiro assistiu, ele mostra que às 17:58 horas estava de saída do condomínio e pediu um Uber que foi busca-lo. Se Élcio chegou às 17:10, é óbvio que ficaram ao mesmo tempo no condomínio por no mínimo 48 minutos.

Inexplicavelmente, no seu balanço sobre o caso Marielle, [a Folha teima em ignorar uma informação pública.](#)

Segundo a matéria:

Onde ele estava naquele dia?

Segundo o Diário da Câmara do Rio, Carlos participou de sessão no plenário e votou em um projeto por volta das 16h30. A sessão terminou às 17h30, mas não é possível precisar o horário de saída do vereador. Nesta faixa de horário, leva-se de 45 minutos a 1h40 para percorrer o caminho entre a Câmara e o condomínio de Bolsonaro na Barra da Tijuca. Assim, seria improvável que Carlos estivesse em casa quando Élcio chegou ao condomínio, por volta das 17h10. No mesmo dia, Carlos também fez um post nas redes sociais em que dava uma entrevista no seu gabinete para a Federação Israelita.

Se o vídeo apresentado por Carlos era, de fato, do dia 14 de março, dia da morte de Marielle, ele estava presente no condomínio no mesmo momento que os assassinos. Mais que isso, deixou uma sessão da Câmara exclusivamente para ir ao Condomínio e sair 48 minutos após a chegada de Élcio. Se ele comprovar que estava, de fato, na Câmara, significa que o arquivo do dia 14 de março foi manipulado. E aí as suspeitas voltam novamente para o pai Jair.

Leia também: [Xadrez do pacto: pequeno histórico dos pactos políticos, comentário de Wilson Ramos](#)

Como é que se ignora uma evidência desse porte?

O que parece estar em jogo é uma aposta temerária do mercado: manter Bolsonaro sob fogo brando enquanto o Congresso aprova as tais reformas e se concretizam os grandes negócios de Paulo Guedes. É uma aposta contra o demônio.

Ontem, Bolsonaro enviou ao Congresso um decreto estendendo o excludente de ilicitude a todo militar ou policial que matar em serviço. Se a onda de

protestos que varre a América Latina chegar ao Brasil, seria um morticínio da população civil.

Provavelmente o caso Marielle é a última oportunidade para se barrar essa escalada para o fascismo à brasileira. Se as instituições falharem na apuração de um crime óbvio como esse, não haverá força que resista a Bolsonaro.

O que mais incomoda é que, no maior furacão, no momento mais decisivo da história do Brasil, esses movimentos recentes, que tiraram o PT momentaneamente do jogo político, não revelaram uma liderança de peso sequer. E o futuro do democracia continua a depender de um sapo barbudo que se tornou referência mundial dos direitos humanos.

2. No terreno da Exceção

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-boghossian/2019/11/antes-de-propor-protecao-a-militares-bolsonaro-discutiui-reprimir-protestos.shtml?fbclid=IwAR3gPqx3OPpEErDTWm6mxxsDbAcLRUJTxBfC0hAh75yGnFwNN4QX-DKJYe8>

Bruno Boghossian - Folha de S Paulo

Governo mostra estar propenso a tratar medidas de exceção como atos corriqueiros

No fim de outubro, Jair Bolsonaro disse que havia conversado com o ministro da Defesa sobre a possibilidade de convocar as Forças Armadas caso a onda de protestos vista no Chile se repetisse no Brasil. "A gente se prepara para usar o artigo 142, que é pela manutenção da lei e da ordem", afirmou o presidente.

Menos de um mês depois, o governo enviou ao Congresso um projeto de lei, elaborado pelo Ministério da Defesa, que pode isentar militares de punições por fatos que ocorram justamente em operações desse tipo.

A sucessão desses dois episódios mostra como o governo está propenso a tratar medidas que deveriam ser excepcionais como atos corriqueiros. Embora estabeleça regras aparentemente específicas, a proposta pode autorizar integrantes das Forças Armadas a usarem meios letais de modo quase rotineiro.

A ideia do governo é expandir as circunstâncias em que agentes podem atirar e até matar sem sofrer punição. Sob a alegação de legítima defesa, o militar só seria punido se ficasse provado que ele cometeu excessos de maneira intencional.

A medida é basicamente uma autorização indiscriminada para atirar sem calcular as consequências. No contexto apresentado por Bolsonaro, ela ainda põe em risco liberdades básicas dos cidadãos.

Como apontou Alberto Kopittke, diretor do Instituto Cidade Segura, em artigo publicado na Folha, o projeto lembra o decreto editado na Bolívia para conter os atos ocorridos após a derrubada de Evo Morales. Lá, ficam isentos de responsabilidade militares que atuem no "restabelecimento da ordem interna". Dezenas de pessoas já foram mortas na repressão aos protestos.

O texto do governo brasileiro é tão abrangente que permite as mais criativas interpretações. Além de não especificar que tipo de reação excessiva pode ser

considerada intencional, abre a porta para que praticamente qualquer manifestante seja considerado perigoso, por ser "capaz de gerar lesão corporal". O Congresso faria bem se engavetasse esse plano.

3. O Ur-Fascismo brasileiro e Bolsonaro como sua consequência

<https://jornalggn.com.br/artigos/o-ur-fascismo-brasileiro-e-bolsonaro-como-sua-consequencia/>

por Sergio Saraiva

Nada é mais poderoso que uma ideia cujo tempo chegou. E se essa ideia e seu tempo forem o fascismo?

Esse parece ser momento atual vivido pelo Brasil – e em grande parte pelo mundo, um retrocesso ao fascismo.

PUBLICIDADE

Nosso momento de fascismo, porém, não começa agora – antes, deveríamos marcá-lo em 2013 – a ressaca e a inflexão da nossa socialdemocracia – e atinge seu ápice com a chegada da família Bolsonaro ao poder.

Mas não nos deixemos iludir: Bolsonaro é consequência e não inspiração ou causa do Ur - Fascismo brasileiro.

Ur Fascismo e o momento brasileiro.

"Ur-Fascismo", é uma palestra que o filósofo Umberto Eco proferiu na Universidade Columbia, em abril de 1995. Já se vai há 25 anos. E relata acontecimentos vividos por Eco na Itália fascista de Benito Mussolini na década de 40 do século passado.

Mas como o fascismo é eterno, descreve a perfeição o Brasil de Bolsonaro de 2019.

Porém, antes, talvez devamos nos perguntar o que motiva o renascimento desse fascismo?

A explicação de Eco ajusta-se como uma luva ao momento brasileiro pós-Lula, ou antes, anti-Lula.

Explica Eco:

“O Ur-Fascismo provém da frustração individual ou social. O que explica por que uma das características dos fascismos históricos tem sido o apelo às classes médias frustradas, desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão dos grupos sociais subalternos”.

Não é preciso muito esforço de memória para lembrar de como nossas classes-médias reagiram em relação a melhoria da condição social dos pobres na era Lula. Dividir com eles espaço em aeroportos se tornou ofensivo e em shopping center chegou a virar caso de polícia.

Continua Eco:

“Em nosso tempo, em que os velhos “proletários” estão se transformando em pequena burguesia (e o lumpesinato se auto exclui da cena política), o fascismo encontrará nessa nova maioria seu auditório”.

E os que ascenderam com Lula tampouco deixaram de se aburguesar. Como explicou Mano Brown em uma entrevista ao Le Monde: *“Lula deu oportunidade para que as pessoas tivessem coisas; agora essas pessoas querem a polícia para proteger as coisas que elas têm”.*

Ou ainda:

“A primeira característica de um Ur-Fascismo é o culto da tradição. O tradicionalismo implica a recusa da modernidade. O iluminismo, a idade da Razão, é visto como o início da depravação moderna. Nesse sentido, o Ur-Fascismo pode ser definido como “irracionalismo”. Como consequência, não pode existir avanço do saber. A verdade já foi anunciada de uma vez por todas, e só podemos continuar a interpretar sua obscura mensagem – contida em alguma “verdade primitiva”.

Em um tempo de completa transformação como o atual, onde o que se chama de 4ª revolução industrial ou “economia 4.0” está transformando o mundo e as relações sociais e econômicas em algo que não sabemos o que será – mas não será o que conhecemos, até aqui – o apelo ao tradicionalismo é antes de mais nada um refúgio. E tome-se “menino veste azul e menina veste rosa”, “tradicional família brasileira”, “Deus e Pátria” e terraplanismo.

E ainda nesse campo, vejamos como Eco identifica no fascismo muitas das atitudes de Bolsonaro, dos seus filhos e dos seus seguidores:

“O Ur-Fascista transfere sua vontade de poder para questões sexuais. Esta é a origem do machismo (que implica desdém pelas mulheres e uma condenação intolerante de hábitos sexuais não-conformistas, da castidade à homossexualidade). Como o sexo também é um jogo difícil de jogar, o herói Ur-Fascista joga com as armas, que são seu Ersatz fálico: seus jogos de guerra são devidos a uma invidia penis permanente”.

Se Umberto Eco tentasse descrever o momento brasileiro, escreveria o mesmo.

Mas Umberto Eco também nos dá o ferramental lógico que nos permite entender como alguém medíocre e grosseirão como Bolsonaro pode ser apoiado por um leque tão diverso da sociedade brasileira – desde o semianalfabeto neopentecostal ao procurador do Ministério Público Federal.

A correia de transmissão do Ur Fascismo e os apoiadores de Bolsonaro

Sim, Bolsonaro tem apoio, e muito. Isso é algo que as força progressistas que lhe fazem oposição devem levar em consideração. Mas não, não por qualquer talento especial de Bolsonaro – que ele não os tem. Bolsonaro é só um ícone para personificar o “Ur-Fascismo brasileiro”.

Acompanhemos o raciocínio de Eco:

“Acontece com a noção de “fascismo” aquilo que, segundo Wittgenstein, acontece com a noção de “jogo”. Um jogo pode ser ou não competitivo, pode envolver uma ou mais pessoas, pode exigir alguma habilidade particular ou nenhuma, pode envolver dinheiro ou não. Os jogos são uma série de atividades diversas que apresentam apenas alguma “semelhança de família”:

1 – 2 – 3 – 4 – ou – abc bcd cde def

[Leia também: Bancos Digitais e Fintechs ameaçam os Big Five Bancos Brasileiros?, por Fernando Nogueira da Costa](#)

Suponhamos que exista uma série de grupos políticos.

O grupo 1 é caracterizado pelos aspectos “abc”, o grupo 2, pelos aspectos “bcd” e assim por diante.

2 (bcd) é semelhante a 1 (abc) na medida em que têm dois aspectos em comum. 3 (cde) é semelhante a 2 (bcd) e é semelhante a 1 (abc) – têm em comum o aspecto “c”.

O caso mais curioso é dado pelo 4 (def), obviamente semelhante a 3 (cde) e a 2 (bcd), mas sem nenhuma característica em comum com 1 (abc). Contudo, em virtude da ininterrupta série de decrescentes similaridades entre 1 e 4, permanece, por uma espécie de transitoriedade ilusória, um ar de família entre 4 e 1.

O termo “fascismo” adapta-se a tudo porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos, e ele continuará sempre a ser reconhecido como fascista”.

Genial.

Os apoiadores de Bolsonaro

Agora, vamos utilizar essa teoria – **1 – 2 – 3 – 4 – ou – abc bcd cde def** – para explicarmos o Ur-Fascismo brasileiro.

Para tanto, vamos nos valer do trabalho de Isabela Oliveira Kalil – doutora em antropologia pela USP e professora da Fundação Escola de Sociologia e Política e da PUC. Em suas pesquisas, ela identificou 16 grupos que formam o bolsonarismo.

O estudo foi – ou seria – publicado em uma edição da revista Veja que, contudo, não consegui localizar.

A saber:

Meritocratas – pessoas de classe média alta com elevado nível de escolarização. São empresários e profissionais liberais (médicos, advogados, engenheiros) e gostam de enfatizar que “venceram pelo mérito”. Têm um acentuado sentimento antipetista e clareza do que vem a ser um Estado liberal. Afirmam que as discussões em relação a gênero e sexualidade são secundárias.

Pessoas do bem – brasileiros de classe-média com mais de 35 anos e que aparentemente defendem as instituições de Estado. Acreditam que a Polícia Federal poderia substituir o Supremo Tribunal Federal e uma intervenção militar seria bem-vinda. São antipetista e apontam a corrupção e a impunidade como os maiores problemas do país.

Militares e ex-militares – homens e mulheres que têm ou tiveram carreiras dentro das Forças Armadas ou corporações policiais. Vinculam a ascensão das facções criminosas e a escalada da criminalidade ao sucateamento das instituições e à negligência dos governos de esquerda com a segurança pública.

Monarquistas – desprezam ideias à esquerda. Não reconhecem a proclamação da República, por não ter tido apoio popular. Defendem a divisão do poder entre o chefe de Estado, com o monarca da linhagem Orleans e Bragança, e o chefe de governo eleito. Apoiam Bolsonaro pelo discurso pró-militar.

Homes viris – defendem a ideia de que o cidadão deve ter o direito de fazer justiça com as próprias mãos. Formam um grupo majoritariamente jovem com idades entre 20 e 35 anos. Oriundo de diferentes classes sociais. Veem no porte de armas uma solução para a violência urbana – identificada como o maior dos problemas sociais.

Fiéis religiosos – fiéis de todas as faixas etárias que defendem a “família tradicional”- pai, mãe e filhos. Acreditam que esse modelo de família está ameaçado. Atribuem à esquerda –

principalmente ao PT – o motivo da inversão de “valores” no país em favor do que chamam de “ditadura gayzista”.

Líderes religiosos – são padres, pastores e cantores evangélicos. Figuras que exercem forte influência doutrinária. Arautos do que é considerado formas de conduta adequadas e integras. Repudiam o que chamam de “ideologia de gênero” e o “kit gay”. São críticos do feminismo, principalmente no que diz respeito ao aborto.

Femininas e “bolsogatas” – mulheres de 20 a 30 anos de classe-média alta ou classe alta. São independentes financeiramente e contra a “vitimização”. Usam o termo “feminina” em oposição à “feminista”. Repudiam o assédio e violência e se alinham ao discurso anticorrupção.

Etnias de direita – pessoas negras, indígenas, orientais e imigrantes. Acreditam que os governos de esquerda fragmentam a “unidade nacional” e que Bolsonaro poderia “unificar” o país com base na ideia de que “o Brasil é um só”. Defendem o fim das cotas em alguns casos e criticam o que consideram “vitimismo”.

Homossexuais conservadores – grupo essencialmente masculino. Não são uma grande base de apoio de Bolsonaro, embora sejam essenciais para afastar o discurso da homofobia. Opõem-se ao discurso LGBT e acham que temas como corrupção e combate à violência se sobrepõem aos seus direitos.

Periféricos de direita – são oriundos das classes sociais mais baixas e defensores do “Estado mínimo”. Incluem profissionais com carteira assinada, autônomos, pequenos empreendedores, desempregado e trabalhadores informais. Têm um discurso de revolta contra a violência e a impunidade

Mães de direita – mulheres de 30 a 50 anos de classe-média baixa, com filhos em idade escolar. Afirmam não ter preconceito de gênero nem ser contra a união de pessoas do mesmo sexo, mas acham que as crianças devem ser “protegidas” dessa realidade. Temem a “doutrinação marxista” na educação.

Estudantes pela liberdade – jovens universitários ou estudantes do ensino médio. Eles se veem privados da participação em grêmios e centros acadêmicos em razão de seus posicionamentos políticos. Criticam políticas afirmativas e vislumbram na “doutrina marxista” uma grande ameaça à educação.

Nerds, gamers, hackers e haters – grupo também majoritariamente masculino, formado por jovens com idades entre 16 e 34 anos. Foram os principais responsáveis pela construção da imagem do “mito”. Agem geralmente de forma organizada e costumam fazer campanhas de assédio on-line contra perfis progressistas, feministas, de lésbicas e gays.

Influenciadores digitais – liberais e conservadores. Produzem conteúdo para as redes sociais. Alguns se lançaram candidatos e foram eleitos. Não se veem inteiramente contemplados por

Bolsonaro, seja política, seja moral ou economicamente, mas acreditam que, no momento, ele representa a melhor alternativa.

Isentos – normalmente expressão suas opiniões políticas apenas em círculos mais restritos de amigos ou em reuniões familiares. Tem forte sentimento antipetista, anticorrupção e antissistema. A defesa de Bolsonaro é circunstancial por significar a “saída do PT”. É o grupo que tem apresentado as maiores defecções.

Todos esses grupos, minorias isoladamente, encontraram entre si e em Bolsonaro algum ponto em comum que lhes deu um sentimento de união. O antipetismo e antilulismo os maiores deles.

Quousque tandem abutere *Catilina patientia nostra*

Até quando viveremos sob a égide desse neofascismo ou Ur-Fascimo?

Pelo tempo em que ele for uma ideia força. Mas esse tempo deve ser breve.

Primeiro, porque o fascismo é antes de mais nada o momento dos medíocres. Não trará as soluções esperadas. Principalmente em relação aos interesses tão variados, quando não antagônicos, dos grupos que formam o bolsonarismo. O fascismo quando no poder é seu principal inimigo por si próprio.

Segundo, porque a revolução tecnológica em curso não pede autorização, ela simplesmente ocorre. E, se Marx estiver certo, ao mudar a infraestrutura, a superestrutura se altera como consequência. Alguém vê Bolsonaro ou o bolsonarismo como condutores de futuro?

Por fim, Maiakovski: “o mar da história é agitado. As ameaças e as guerras havemos de atravessá-las, rompê-las ao meio, cortando-as como uma quilha corta as ondas”.

===

4. EDITORIAIS FSP

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Ineptos e autoritários

Menções governistas ao AI-5 e incentivos ao uso da força letal provêm do mesmo substrato cesarista

Paranoia, incompetência e autoritarismo se combinam e se reforçam no recente surto de barbaridades oriundas da gestão Jair Bolsonaro.

Um círculo de assessores próximos ao presidente difunde a ideia de que o Brasil estaria ameaçado por uma convulsão social incitada por adversários do governo, que chegaria aqui por algum contágio em relação ao que ocorre no Chile.

A hipótese — sem respaldo neste contexto em que trabalhadores acabam de perder R\$ 800 bilhões na Previdência sem alarido — alimenta outro devaneio bolsonarista, de que seria necessário e possível ativar mecanismos cesaristas de defesa contra o perigo imaginário.

“Não se assustem se alguém pedir o AI-5”, disse durante passagem por Washington o ministro Paulo Guedes (Economia). À sua maneira atrapalhada e agressiva, deixou expostos os andaimes da teoria conspiratória que circula no Executivo.

Ali se trata o direito legítimo da oposição de organizar protestos de rua, desde que pacíficos, como “irresponsabilidade” e desejo de “quebrar tudo”. Guedes, além disso, tenta lançar na esquerda minoritária no Congresso a culpa, que é da inépcia parlamentar do ministro e do governo, pelas dificuldades na aprovação de novas reformas.

No dia seguinte, voltou ao tema numa espécie de remendo mal ajambrado às declarações anteriores. “Acho que devemos praticar

uma democracia responsável”, declarou, referindo-se mais uma vez a supostas quebraadeiras urbanas.

A alusão ao ato que em 1968 inaugurou a fase de violações mais brutais dos direitos humanos na ditadura militar conota o repertório autoritário de que Jair Bolsonaro e seguidores jamais se afastaram — outro exemplo recente foi a sugestão do mandatário de usar a Lei de Segurança Nacional contra Lula.

Ninguém compromissado com o Estado democrático de Direito deveria deixar passar manifestações desse tipo sem o devido repúdio. Foi o que fizeram, de modo contundente, os presidentes da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), e do Supremo Tribunal Federal, ministro Dias Toffoli, entre outras lideranças.

Oportuna também foi a abertura nesta terça (26) de processos no Conselho de Ética contra o deputado federal Eduardo Bolsonaro, primeiro a cogitar em público o recurso ao instituto ditatorial.

Menos tosca, mas igualmente preocupante, tem sido a ofensiva do presidente da República para incentivar o uso da força letal por policiais, militares e cidadãos.

Essas propostas brotam do mesmo substrato de ideias delirantes que vez ou outra expele uma menção ao AI-5 pela garganta dos mais desaforados. São todas filiadas ao arbítrio e por isso não têm guarida no pacto democrático de 1988.

Na direção certa, Folha faz editorial histórico e se pinta pra guerra contra Bolsonaro 29 nov

<https://revistaforum.com.br/comunicacao/na-direcao-certa-folha-faz-editorial-historico-e-se-pinta-para-guerra-contrabolsonaro/?fbclid=IwAR17JcLVcmGODvjwIqugTpcDpljLTLbHXvce8-uGNvbQqX9a36TGZYKmpY>

"Será preciso então que as regras do Estado democrático de Direito lhe sejam impingidas de fora para dentro, como os limites que se dão a uma criança", afirma o jornal, em duro editorial

Por Redação

A Folha de S.Paulo publicou, na noite desta sexta-feira (29), um editorial chamado "Fantasia de imperador", em que considera que o presidente Jair Bolsonaro "combina leviandade e autoritarismo" e não entende os "limites que a República impõe ao exercício da Presidência".

"O Palácio do Planalto não é uma extensão da casa na Barra da Tijuca que o presidente mantém no Rio de Janeiro. Nem os seus vizinhos na praça dos Três Poderes são os daquele condomínio", afirma a Folha, logo após dizer que "será preciso então que as regras do Estado democrático de Direito lhe sejam impingidas de fora para dentro, como os limites que se dão a uma criança".

Não é sócio Fórum? Quer ganhar 3 livros? Então clica aqui.

A Folha também critica diretamente as manobras feitas por Bolsonaro para privilegiar seus filhos, destacando que "a legalidade, a impessoalidade e a moralidade governam a administração pública, não se trata de palavras lançadas ao vento numa 'live' de rede social".

"A Carta equivale a uma ordem do general à sua tropa. Quem não cumpre deve ser punido. Descumpri-la é, por exemplo, afastar o fiscal que lhe aplicou uma multa. Retaliar a imprensa crítica por meio de medidas provisórias", diz ainda o veículo, citando a [retaliação promovida por Bolsonaro](#) contra o periódico e [seus anunciantes](#).

Outro lado da moeda

A mesma Folha fez um [editorial há 14 dias elogiando a política econômica comandada pelo ministro Paulo Guedes](#), em uma aparente tentativa de recomposição com o presidente. O título do texto é "Na direção certa". Diante da reafirmação de Bolsonaro em uma postura autoritária, o veículo foi para o embate.

“Prestes a completar cem anos, este jornal tem de lidar, mais uma vez, com um presidente fantasiado de imperador. Encara a tarefa com um misto de lamento e otimismo. Lamento pelo amesquinamento dos valores da República que esse ocupante circunstancial da Presidência patrocina. Otimismo pela convicção de que o futuro do Brasil é maior do que a figura que neste momento o governa”, finaliza o editorial.

5.Oxfam Brasil: #EmFrentePelaDemocracia

<https://oxfam.org.br/noticias/oxfam-brasil-participa-de-evento-em-defesa-da-democracia-brasileira/>

Ato em São Paulo reúne lideranças políticas, atividades e representantes da sociedade civil para reafirmar compromisso com os valores democráticos do país.

26/11/2019

A democracia brasileira está sob ameaça. Não foram poucos os ataques às instituições e valores democráticos nos últimos anos, mas nada que se compare ao que vivenciamos em 2019. É hora de promover forte a defesa da democracia brasileira.

Estamos num dos momentos mais desafiadores e conturbados de nossa história política, social e econômica, e sem espaço para isenções ou recuos. A defesa da democracia e o fortalecimento do compromisso com a defesa das liberdades e do Estado de Direito se faz necessária mais do que nunca.

Por isso ativistas, pesquisadores e lideranças da sociedade civil e de várias correntes políticas foram convidados pelo [Pacto pela Democracia](#) a refletir sobre os rumos da democracia no Brasil no [evento Em Frente Pela Democracia](#) no próximo dia 2 de dezembro no Teatro Fecap.

[Inscreva-se para participar!](#)

Entre os participantes estão Katia Maia, diretora executiva da Oxfam Brasil, e Oded Grajew e Helio dos Santos, ambos do Conselho Deliberativo da Oxfam Brasil.

Também participarão o economista Joel Pinheiro, o jornalista Juca Kfoury, Raul Santiago ([Coletivo Papo Reto](#)), Silvia Souza ([Conectas](#)), Oscar Vilhena ([FGV Direito SP](#)), Rogério Sotilli ([Instituto Vladimir Herzog](#)) e Marcio Black ([Fundação Tide Setubal](#)), entre muitos outros.

O encontro é gratuito e aberto ao público. O Teatro Fecap fica na avenida Liberdade, 532 – Liberdade, São Paulo. O evento será realizado das 18 às 22h.

Compartilhe nas redes sociais:

6. Proposta de criar canal para denunciar professores é mais um instrumento de perseguição contra os educadores

<https://www.sinprodf.org.br/proposta-de-criar-canal-para-denunciar-professores-e-mais-um-instrumento-de-perseguiacao-contr-os-educadores/>

22 DE NOVEMBRO DE 2019

A proposta da atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, de criar um canal de denúncia contra os professores do país é mais uma atrocidade que, de forma recorrente, os gestores públicos do Governo Bolsonaro cometem contra a educação e os/as educadores/as brasileiros/as. Um governo que valoriza a estupidez e a violência não poderia mesmo escolher outro alvo de seus ataques que não a educação!

A escola deve ser um ambiente de liberdade por parte dos/as educadores/as e educandos. Um espaço que garanta respeito, admiração, reciprocidade e trocas permanentes entre o/a professor/a em sala de aula e estudante. Assim é no mundo inteiro e, até aqui, esse é o melhor modo pelo qual a autoridade do/a docente se constrói junto às crianças e jovens. Mas o governo que se esmera em dar dignidade aos ignorantes e cargos aos indigentes não pode se prestar a valorizar a educação. Os ataques aos profissionais da educação, aos estudantes, às universidades, às escolas, ao livre pensamento e exercício profissional do magistério, que vem de todos os lados deste governo, só constroem desconfiança e minam qualquer relação positiva que se pode potencialmente ter na relação estabelecida dentro de um ambiente escolar.

Essa proposta da ministra ajuda a consolidar o caldo cultural a que estamos todos submetidos nos tempos de hoje, em que o/a professor/a parece ter virado o inimigo público da nação desde que este grupo político chegou ao poder em Brasília. Esse clima de animosidade que se instalou contra o exercício livre do magistério e da docência, que vai ao encontro de políticas defendidas por movimentos como o da “Escola sem Partido”, não favorece a educação e tampouco o processo de ensino-aprendizagem. Cria e constrói uma relação de suspeição permanente entre estudantes e pais com os seus professores/as. Estratégias como essas interdita o diálogo saudável que deve existir no ambiente escolar.

Nesse sentido, os/as educadores/as de todo o país repudiam a postura da ministra que, não pela primeira vez, demonstra claramente a sua relutância com o direito à educação, assegurado no texto de nossa Constituição de 1988. Não aceitaremos essa postura de criminalizar o exercício de nossa profissão e exigimos respeito!

7. As tentações autoritárias

<http://blogs.correiobraziliense.com.br/azedo/as-tentacoes-autoritarias/?fbclid=IwAR3as2uJW07gFn58nZ8pKMoHQcdlOnR4dOvfsbPzvxh6SKtyTOozW-8gggq>

Publicado em 27/11/2019 - 07:50 Luiz Carlos Azedo

“São governos falidos, eleitores ressentidos, pagadores de impostos que querem mais benefícios e poderosos sindicatos que querem manter privilégio. Impossível atender a todos”

Não foi a primeira vez — provavelmente, não será a última — que alguém próximo ao presidente Bolsonaro ameaça a oposição com o espectro do AI-5. Mas, desta vez, a coisa foi mais grave, porque se tratou do ministro da Economia, Paulo Guedes. Foi um raciocínio político com começo, meio e fim: “É irresponsável chamar alguém pra rua agora pra fazer quebradeira. Pra dizer que tem que tomar o poder. Se você acredita numa democracia, quem acredita numa democracia espera vencer e ser eleito. Não chama ninguém pra quebrar nada na rua. Ou democracia é só quando o seu lado ganha? Quando o outro lado ganha, com 10 meses você já chama todo mundo pra quebrar a rua? Que responsabilidade é essa? Não se assustem, então, se alguém pedir o AI-5. Já não aconteceu uma vez? Ou foi diferente?”, disse o ministro. “É inconcebível, a democracia brasileira jamais admitiria, mesmo que a esquerda pegue as armas, invada tudo, quebre e derrube à força o Palácio do Planalto, jamais apoiaria o AI-5, isso é inconcebível. Não aceitaria jamais isso”, remendou Guedes, depois.

A declaração do ministro da Economia sobre o AI-5 provocou reações do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli, durante Encontro Nacional do Poder Judiciário, em Maceió: “O AI-5 é incompatível com a democracia. Não se constrói o futuro com experiências fracassadas do passado”. O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, também criticou o ministro Guedes: “Não dá mais para usar a palavra AI-5 como se fosse bom-dia, boa tarde, oi, cara, não dá”. Deu uma mão no cravo e outra na ferradura, ao se dizer assustado com o comportamento dos políticos, que parecem estar “mais se preparando para uma briga campal do que pra uma disputa eleitoral no futuro”, uma alusão ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O raciocínio de Guedes merece uma reflexão mais profunda. Não teria a mesma dimensão se não estivéssemos vivendo uma conjuntura complexa e de grande instabilidade na América do Sul, que os investidores estão acompanhando com apreensão. Ninguém deseja uma convulsão política e social no Brasil, que, de fato, tem um presidente da República que não completou um ano de mandato. Entretanto, no momento, apesar do apoio do Congresso à reforma da Previdência e da blindagem da política econômica pelas suas lideranças, o governo tem avaliação negativa do seu desempenho, por razões que não são decorrentes apenas do quadro de desigualdades

sociais profundas e desemprego em massa que encontrou. Parte do desgaste decorre de atitudes que confrontam a opinião pública em relação a temas que contam com um certo consenso social, mas o governo afronta, principalmente, em áreas onde as políticas públicas precisam de mais eficiência e menos ideologia.

Crise do Estado

Ademais, a criação do Aliança pelo Brasil pelo presidente Jair Bolsonaro, com um programa político ultraconservador, dobrou a aposta na radicalização política e ideológica, com repercussão muito negativa na imprensa internacional, que identifica o novo partido como uma organização de ultradireita alinhada com outros partidos congêneres da Europa. Por isso mesmo, o posicionamento do governo brasileiro não é visto como um fenômeno isolado, mas como parte de um processo com viés autoritário em curso, principalmente no Leste Europeu e na Ásia, e que seduz setores da sociedade na Europa Ocidental e até nos Estados Unidos.

Há uma crise de financiamento do Estado democrático em todo o Ocidente. Quase todos os governos arrecadam menos do que gastam, a começar pelos Estados Unidos, que só teve cinco superávits desde 1960, e a França, que não produz um superávit desde 1975. A primeira-ministra alemã, Angela Merkel, costuma dizer que a União Europeia abarca 7% da população, 25% do PIB mundial e 50% dos gastos sociais. No caso dos países da América Latina, essa crise é agravada pelo desemprego em massa e a ampliação da miséria. Ou seja, a vida não está fácil para ninguém, é preciso fazer reformas para que o Estado volte a gastar menos do que arrecada e tenha condições de investir, aqui e no mundo.

São governos falidos forçados a cortar serviços públicos, eleitores ressentidos querendo manter seus direitos sociais, pagadores de impostos que querem mais benefícios com o dinheiro que dão ao governo e poderosos sindicatos de servidores públicos que querem manter seus privilégios. Impossível atender a todos. Nessa crise, que põe em xeque as democracias representativas, surgem ideias totalitárias, principalmente na Europa e na Ásia. O modelo chinês desafia valores do Ocidente, como o sufrágio universal, mas obtém resultados econômicos impressionantes. Nesse mundo em transformação, no qual as novas tecnologias são uma ferramenta importante para enxugar o Estado e melhorar o desempenho dos governos, porém, é preciso responder a duas questões. Primeiro, para que serve o Estado? Segundo, como modernizá-lo na democracia? As tentações autoritárias vêm das dificuldades para responder a essas perguntas.

8. O erro da esquerda: M. Castels

MANUEL CASTELLS: “O GRANDE ERRO DA ESQUERDA É PENSAR QUE MOVIMENTOS SOCIAIS SÃO SEMPRE BONS”

<https://theintercept.com/2017/12/08/manuel-castells-e-a-crise-da-democracia-que-vai-de-trump-a-brexit-e-brasil/>

“SOPRAM VENTOS MALIGNOS no planeta azul”.

É com essa sentença que o catalão Manuel Castells, um dos sociólogos mais citados do mundo, abre seu mais novo livro, do qual ele falou, pela primeira vez publicamente, no Rio de Janeiro esta semana.

O recém-lançado “Ruptura: La crisis de la democracia liberal” (Alianza Editorial, ainda sem tradução para o português) resume em 128 páginas um cenário mundial ainda vítima dos ecos da crise financeira global, assolado por mudanças climáticas, que enfrenta um terrorismo fanático e sofre inúmeras violações de direitos humanos. Além dessas crises, vive outra, talvez irreversível: a da democracia liberal. Um colapso, em várias nações, da relação entre governantes e governados.

“Meu ponto de partida é muito simples: se, mesmo em países com distintas características e especificidades próprias, surge o mesmo fenômeno, então podemos pensar como hipótese que é o modelo que está caindo”, resumiu no evento.

Professor celebrado em universidades de Estados Unidos, França, Espanha e Inglaterra, Castells é também leitura quase certa de cursos de ciências humanas no Brasil. Daí a lotação desta quarta (6) à noite do Teatro Oi Casa Grande, na zona sul do Rio de Janeiro, que recebeu quase mil pessoas para a sua palestra no seminário “Urbe – Perspectivas contemporâneas”.

Que crise é essa, afinal?

No seu livro anterior, “Redes de indignação e esperança – Movimentos sociais na era da internet”, lançado em 2012, Castells já alertava para como populações ao redor do mundo andavam descrentes de suas instituições, especialmente políticas; descrentes, inclusive, de movimentos contrários aos governos, como os partidos de oposição. Desiludidas, portanto, das instituições políticas que “não as representavam”.

Em linhas gerais, conforme mostram estudos como o [Trust Barometer](#), do Instituto Edelman, a maioria das pessoas, tanto no Brasil quanto no resto do mundo, acredita cada vez mais que os partidos priorizam apenas seus interesses e que os governos são corruptos, injustos, burocráticos e opressivos.

“Os movimentos recentes colocam a dignidade e a democracia como meta, mais do que o combate à pobreza. É um protesto democrático e moral, como a maioria dos outros recentes”

Segundo Castells, esse espírito geral acabou se traduzindo em grandes protestos de rua que, em comum, não tinham lideranças claras e eram gestados na internet. Na publicação de 2012, o pesquisador olhou para as manifestações surgidas a partir de 2010, como o Occupy Wall Street, nos Estados Unidos; o movimento dos indignados, na Espanha; e o início da

Primavera Árabe – a grande onda revolucionária que começou por Tunísia e Egito e percorreu outros países do Oriente Médio e Norte da África.

À época, essas manifestações estavam carregadas de um sentimento de indignação, mas também, como Castells ressaltou no próprio título, de esperança com relação a um futuro mais democrático, mais igualitário.

“De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois formaram-se redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando ideologias e a publicidade para se conectar com preocupações reais na experiência humana real que fora reivindicada”.

Em “Redes de indignação e de esperança”, o professor não incluiu o exemplo do Brasil, mas visitou o país bem no começo dos protestos de 2013, quando milhares de pessoas – da direita e da esquerda – ainda ocupavam a mesma Avenida Rio Branco, no Rio, e outras ruas país afora, num movimento cujos objetivos, até então, estavam bastante difusos. Ele enxergou as manifestações brasileiras como mais uma expressão da rede interconectada de que fala em seu livro.

“O grande erro da esquerda é pensar que movimentos sociais são sempre bons, porque não são.

“Os movimentos recentes colocam a dignidade e a democracia como meta, mais do que o combate à pobreza. É um protesto democrático e moral, como a maioria dos outros recentes”, chegou a [comentar](#) em 2013. E avaliou como positiva aquela sintomática ausência de líderes que permeou o início do movimento: “Não há cabeças a serem cortadas. Assim, as redes se espalham e alcançam novos espaços na internet e nas ruas”.

Passados poucos anos, que mais parecem um século pela dimensão das transformações, Castells está bem menos esperançoso quanto aos desdobramentos desse processo. Sem instrumentos legítimos, não se solucionam crises, vaticinou o sociólogo durante sua palestra. E o resultado prático da descrença nas instituições, especialmente políticas, vem sendo a rejeição das formas partidárias existentes e a guinada em direção ao anti-establishment.

“Quando há crises que vão destruindo as bases da vida cotidiana nos planos econômico, social, cultural, ecológico, pessoal, e quando os instrumentos de gestão da sociedade parecem cada vez menos confiáveis, surgem movimentos destitutivos, não controlados por partidos e de distintas orientações ideológicas”, afirmou Castells no teatro.

“O grande erro da esquerda é pensar que movimentos sociais são sempre bons, porque não são. Vocês sabem no Brasil, os movimentos sociais surgem de todos aqueles setores e valores que não têm uma expressão direta, clara e aberta no sistema político, vão tanto da extrema-esquerda quanto a extrema-direita”, disse ainda.

Os exemplos da ruptura

Em sua mais recente publicação, Castells analisa expressões da ruptura do modelo de democracia liberal: a vitória de Donald Trump, nos Estados Unidos; o resultado do Brexit, no Reino Unido; a desconfiguração partidária da França, que ameaçou eleger a figura da extrema-direita Marine Le Pen e deu a vitória a Emmanuel Macron, o “enterrador de partidos”.

“Trump surge desses movimentos sociais contra a crise das instituições. Trump ganhou a eleição contra os Democratas e contra os Republicanos”, afirmou o sociólogo na quarta-feira. “Foi um voto xenófobo e racista, mas também de desespero de zonas americanas mais afetadas pelas consequências econômicas da globalização, sobretudo a classe operária branca”.

E concluiu: “Trump não é um dirigente republicano tradicional. É um líder de um movimento social identitário, antiglobalização, racista e xenófobo”.

Para Castells, a saída do Reino Unido da União Europeia através do referendo do Brexit teve as mesmas motivações econômicas e ideológicas que o voto em Trump. Um fenômeno parecido se observa em outras regiões da Europa, como na Alemanha e nos países escandinavos: enquanto figuras e partidos tradicionais perdem status, grupos identitários e anti-establishment ganham participação política.

Movimento reversível?

E quais seriam as saídas da crise? “Não sei”, adianta o pesquisador. Mais moderado que no início da década sobre o potencial das redes na consolidação e no fortalecimento das democracias, ele afirmou que a internet é um instrumento importante que ajuda na transparência, mas não serve de solução. Lembrou também que as tentativas no mundo ocidental de controle das instituições ou de mudanças das regras da participação política acabaram não evitando a crise.

Para Castells, o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff no Brasil foi um desses exemplos falhos de tentativa de controle de instituições políticas. Em tom de provocação e arrancando risos da plateia, afirmou que vamos virar especialistas mundiais da modalidade: “O Brasil terá comissões constitucionais, estudos virão aqui para ver como se fazem impeachments”.

O sociólogo, que diz ter uma relação profunda com o Brasil, considera que o país vive “uma total decomposição do sistema político”. Ele conta ter lido todas as declarações dos deputados durante a votação que derrubou a presidente Dilma, em agosto de 2016.

“Li desde aqueles que enviavam mensagens à mãe ao execrável Bolsonaro mencionando o torturador da presidenta. Vocês acreditam que isto é um processo típico da democracia liberal? Nem aqui, nem em parte nenhuma”, criticou.

ANTES QUE VOCÊ SAIA... Quando Jair Bolsonaro foi eleito, sabíamos que seria preciso ampliar nossa cobertura, fazer reportagens ainda mais contundentes e financiar investigações mais profundas. Essa foi a missão que abraçamos com o objetivo de enfrentar esse período marcado por constantes ameaças à liberdade de imprensa e à democracia. Para isso, fizemos um chamado aos nossos leitores e a resposta foi imediata. Se você acompanha a cobertura do TIB, sabe o que conseguimos publicar graças à incrível generosidade de mais de 11 mil apoiadores. Sem a ajuda deles não teríamos investigado o governo ou exposto a corrupção do judiciário. Quantas práticas ilegais, injustas e violentas permaneceriam ocultas sem o trabalho dos nossos jornalistas? Este é um agradecimento à comunidade do Intercept Brasil e um convite para que você se junte a ela hoje. Seu apoio é muito importante neste momento crítico. Nós precisamos fazer ainda mais e prometemos não te decepcionar. [Faça parte do TIB](#)

9. O Chile é aqui: Bolsonaro e grande mídia inflam o balão de ensaio da esquerda nas ruas, por Wilson Ferreira

https://jornalggn.com.br/artigos/o-chile-e-aqui-bolsonaro-e-grande-midia-inflam-o-balao-de-ensaio-da-esquerda-nas-ruas-2/?fbclid=IwAR0B_gWyixaORL_XMi7U9pcslsjqLgzTbbZluGdM2MVJZKy4hKMTOLqzW8E

Bolsonaro precisa urgentemente de um oponente, uma crise, uma situação de urgência para mobilizar seu núcleo duro de fundamentalistas.

Wilson Roberto Vieira Ferreira 28/11/2019

"Esquerda pode pegar nas armas"... "alguma resposta terá que ser dada"... "se a esquerda radicalizar?"... "novo AI-5"... Mas quem falou que as esquerdas secretamente planejam tomar as ruas? Logo agora que os movimentos sociais estão enfraquecidos e desorganizados? Logo agora que a esquerda está dividida e o povo apático, apenas de olho nos aplicativos para fazer seus correios e ver se o ano termina? O clã Bolsonaro e o super ministro Paulo Guedes se dizem preocupados com uma possível contaminação do Brasil pelos protestos do Chile, Equador e Colômbia. Mas na verdade estão morrendo de inveja: simplesmente, a inércia, passividade e a incapacidade da esquerda em mobilizar as ruas estão incomodando

Bolsonaro. Ele precisa urgentemente de um oponente, uma crise, uma situação de urgência para mobilizar seu núcleo duro de fundamentalistas. Principalmente quando o dólar dispara e a grana dos fundos de investimentos estrangeiros fogem do País. Por isso a grande mídia começa a inflar o balão de ensaio dos Bolsonaros – eles anseiam um incêndio do Reichstag que justifique o punho de ferro sobre as instituições democráticas. É a economia, estúpido!

Nos anos 1990 o técnico Wanderley Luxemburgo conheceu o auge com títulos no Palmeiras e Corinthians, até chegar ao comando da seleção brasileira. Mas foi marcado por polêmicas como sonegação fiscal, falsidade ideológica e intermediação ilegal na venda de jogadores.

Porém, o que marcou mesmo o vitorioso técnico foi a sua habilidade em criar acontecimentos junto à imprensa especializada, ao sabor dos seus interesses. Por exemplo, no final de uma partida em uma das suas passagens pelo Palmeiras, Luxemburgo participou da tradicional coletiva com jornalistas. No final, após às perguntas de praxe, o técnico disparou: “quero aproveitar a oportunidade para dizer que são inverídicas as informações de que o Corinthians andou me sondando... sou técnico do Palmeiras!”.

Os jornalistas se entreolharam atônitos. “Quem disse isso!” Pronto! Estava aceso o rastilho que incendiaria os debates das mesas redondas de futebol no final de domingo na TV. Luxemburgo era hábil em criar balões de ensaio que, prontamente, eram inflados pela mídia esportiva. Uma espécie de marketing de guerrilha, explorando contrainformações deliberadas para abrir novas oportunidades.

A guerra criptografada comandada pelo clã Bolsonaro está colocando diariamente em prática essa tática de contrainformação. Se crise significava para Wanderley Luxemburgo a criação de especulações que abririam novas oportunidades, para Bolsonaro é a oportunidade de criar uma situação bem icônica historicamente para a extrema-direita: o incêndio do Reichstag – a criação de um estado de exceção que justifique o punho de ferro sobre as instituições democráticas.

Para aqueles desavisados, o Reichstag era o parlamento alemão que incendiou em 1933. Oportunidade que Hitler soube muito bem aproveitar para ampliar e consolidar o poder, jogando a culpa nos comunistas. Aproveitou a insegurança da população e o medo de burocratas, militares e políticos de que os comunistas chegassem ao poder. E liberou as tropas de assalto nazistas (as

chamadas "SA") a prender deputados comunistas e funcionários do partido em prisões provisórias, para torturar um número incontável de pessoas.



Esquerda nas ruas é o incêndio do Reichstag de Bolsonaro

O plot da radicalização de esquerda

Não mais que de repente o plot da radicalização de esquerda vem ganhando espaço na pauta midiática, na esteira dos protestos que ocupam as ruas na América Latina – Equador, Chile, Bolívia e agora Colômbia. Desde que Lula foi solto dos cárceres de Curitiba, editoriais e capas de revistas estampam a ameaça da radicalização de esquerda “tumultuar o ambiente político”.

Essa foi a deixa para o clã Bolsonaro inflar o balão de ensaio. O ex posto Ipiranga promovido a super-ministro da Economia Paulo Guedes fala em “esquerda pegar nas armas”, possibilidade de “contágio dessas manifestações em solo brasileiro” e que “ninguém se espante se vier um AI-5” porque “alguma resposta terá que ser dada”.

O deputado Eduardo Bolsonaro diz que “se esquerda radicalizar, pode vir um novo AI-5”... enquanto o pai insistentemente tenta sancionar o “excludente de ilicitude” agora em GLO (Garantia da Lei e da Ordem), para ser utilizado contra

manifestações sociais – permitir a agentes repressivos que eventualmente cometam crimes não sejam punidos.

A grande mídia destaca que o ministro Paulo Guedes e Bolsonaro recuaram e deixaram para 2020 o “projeto de modernização administrativa” – porque Bolsonaro “teme o fantasma das manifestações que têm feito tremer cidades latino-americanas”, segundo lamentoso editorial de O Globo de 21/11.

Aqui e ali a grande mídia vem dando destaque aos “temores” de Bolsonaro, como num evento na Vila Militar no Rio: “Nós temos que nos preparar sempre para não sermos surpreendidos pelos fatos. Até o momento não tem motivo nenhum, nós entendemos dessa forma, daquele movimento vir para cá”, disse o “preocupado” presidente.

Globo News emplaca: “Guedes fala sobre possível crescimento de manifestações de rua” e o presidente Rodrigo Maia retruca pelo mesmo canal noticioso: “o que tem a ver AI-5 com manifestações de rua?”. Pronto! Está incendiado o debate, igual a daquelas mesas redondas de futebol dos domingos, inflamadas pelo esperto técnico.

Mas... Opa! Espera aí! Quem falou que a esquerda está secretamente tramando grandes protestos nas ruas das principais capitais brasileiras? Logo agora que os movimentos sociais estão fragmentados e enfraquecidos? Logo agora que vemos uma oposição parlamentar coadjuvante dos partidos de centro e uma esquerda que se limita a fazer ataques virtuais e inconsequentes ao Governo?

E logo agora que a esquerda é incapaz de convocar atos de protestos nas ruas? – as poucas resultaram em “marolas” como, por exemplo, o chamado “terceiro tsunami da educação”.

Tudo isso faz lembrar a velha estratégia marota da raposa Wanderley Luxemburgo: soltar balões de ensaio para esperar a mídia inflá-lo. No caso de Bolsonaro, não só a mídia, mas também a esquerda.



Lá e aqui: extrema-direita alimenta-se da crise

Alimentar-se da crise

Por que de repente Bolsonaro começa a inflamar o temor do contágio de protestos na América Latina? Qual oportunidade o Governo pretende criar?

É evidente que o *modus operandi* do populismo de extrema-direita é a produção artificial de crises – é a essência da guerra criptografada: estratégia diversionista para ocupar diariamente a pauta midiática com ataques, provocações ideológicas, viver em um constante estado de urgência com informações dissonantes, “caneladas” via redes sociais entre ministros, militares, políticos da base de apoio no Congresso etc. Estratégia semiótica para criar uma percepção de que o governo está à beira do colapso e em desmoronamento.

Enquanto Trump nos EUA convive com a “ameaça” do impeachment no qual parece se alimentar de um ambiente de crise política para arregimentar sua base e ocupar a pauta da imprensa corporativa, aqui no Brasil Bolsonaro vai e vem convive também com as “graves denúncias” da CPI das fake news ou de que a proposta de governo usar as forças armadas no campo pode resultar em impeachment por improbidade...

Depois de onze meses de guerra criptografada com produção ininterrupta de crises (da polêmica do “golden shower”, passando pelo “ecóidio” das queimadas na Amazônia até chegarmos na crise do PSL e as ligações perigosas

de Carlucci com a morte de Marielle), Bolsonaro apresenta uma ameaça dessa vez real.

Após o ano inteiro de diversionismo para tirar a atenção da opinião pública da agenda neoliberal que tranquilamente vai sendo tocada pelo Congresso, ele e seu super ministro foram pegos de surpresa por um efeito colateral que não imaginavam que chegaria tão cedo: a grana dos fundos de investimentos globais estão abandonando o País e o dólar dispara.

Até que o jornalismo corporativo está se esforçando em maquiagem a realidade: sorridentes jornalistas tentam convencer o distinto público que o único problema é que o brasileiro não viajará tão cedo ao Exterior e as reformas logo logo trarão credibilidade e investimentos de volta para o Brasil.

Mas a curto prazo Bolsonaro sabe que isso não será suficiente. Na verdade, não teme tanto possíveis manifestações de rua contra ele. Afinal, foi eleito para ser o boi de piranha de toda a estratégia diversionista colocada em ação desde o primeiro dia de governo. O problema é a agenda neoliberal ser deixada nua, colocando em xeque todo o discurso que diariamente a grande mídia reforça: os valores sagrados do empreendedorismo, das reformas, das flexibilizações etc.



Economia vai mal? Que tal um balão de ensaio para a imprensa...

Ajudar a inflar o balão de ensaio

Por isso a necessidade semiótica de, com a ajuda da mídia corporativa, inflar o balão de ensaio de uma suposta radicalização da esquerda, AI-5, especulações sobre Operações de Garantia de Lei e Ordem...

Simplesmente, a inércia, passividade e a incapacidade da esquerda em mobilizar as ruas está incomodando Bolsonaro. Ele precisa urgentemente de um oponente, uma crise, uma situação de urgência para mobilizar seu núcleo duro de fundamentalistas.

10. **Esquerda urbana perdeu a conexão com o Brasil real, comentário de Leandro A.**

<https://jornalggn.com.br/crise/esquerda-urbana-perdeu-a-conexao-com-o-brasil-real-comentario-de-leandro-a/>

O Brasil real não está nos campi das federais ou nas classes médias intelectualizadas das grandes cidades

Jornal GGN 24/11/2019 **Por Leandro A.**

Comentário no post [O fim da democracia e os homens-bambus, por Luis Nassif](#)

Oportunismo e arrivismo sempre existiram, são apenas prismas do grande poliedro chamado egoísmo.

O que está em jogo neste grande xadrez (para nos valer da terminologia nassifiana), é a capacidade de traduzir a mentalidade em voga para fins eleitorais, em tempos de modernidade líquida, captando o simbolismo político que traduza a voz da maioria.

A esquerda urbana, gestada no academicismo das grandes universidades públicas e movimentos sociais de trabalhadores, perdeu a conexão com o Brasil real. Não consegue mais traduzir em seu discurso as plataformas variadas dos cidadãos que vivem nesse país imenso.

A direita, pelo contrário, incorporou a percepção do homem comum do interior. O apelo sertanejo, a bandeira do agro, a destruição ambiental como simples pedágio para o progresso, a teologia da prosperidade neopentecostal, que

transmuta o desejo de vencer na vida à qualquer custo como uma cruzada divina. Enfim, todo um simbolismo arcaico, construído sobre as necessidades primárias do homem, sem o verniz da sofisticação da noção de convívio e civilidade que se aprimora nas grandes metrópoles.

O Brasil real não está nos campi das federais ou nas classes médias intelectualizadas das grandes cidades. São apenas bolhas num universo de primarismo e ignorância. Na realidade do interior não existem comunidades LGBT, não existem direitos humanos como direitos fundamentais inatos. Não existem direitos trabalhistas, mas encargos trabalhistas. Existe propriedade privada e poder econômico como condição “sine qua non” de cidadania, é a mentalidade do que “você vale o que você tem” em seu prisma mais escancarado.

Uso de armas, preconceito contra gays e lésbicas, são tônicas comuns nesses núcleos sociais. Grupos de minoria nunca tiveram direitos nesses ambientes, portanto, todo esse discurso moderno e inclusivo das esquerdas apenas refrata os valores do “homem do campo”. Praticamente não existem universidades públicas no interior profundo, e, por tabela, não há valorização do ensino superior gratuito, visto como uma das causas pela formação de “comunistas, maconheiros e gays” nas grandes cidades.

Há um tempo atrás, quando a influência do americanismo (globalização) não se fazia sentir tanto, predominava aquela clássica visão utópica do caipira, do sorocabano, do gaudério no sul, como sendo a mentalidade comum no interior. Isso fabulou. É preciso ter em vista que a internet mudou o paradigma de mudança dos valores. Hoje, numa cidade de cinco mil habitantes, o descoladinho da hora consegue imitar a barbearia da Quinta Avenida. As pessoas não têm como parâmetro de vida uma pessoa de existência honesta, digna, honrada etc. Seus novos tipos ideais são pessoas ricas, magras, brancas, caucasianas, bem sucedidas financeiramente. Não importa como se chegou lá, pois se chegou é porque o Senhor prosperou! Poder aquisitivo lava qualquer mácula neste novo estilo de mentalidade rural. O Sertão mítico de Guimarães Rosa é uma fábula perto das paisagens de lavouras de soja, Round Up e Hilux.

A elite rural sempre teve viés conservador e provinciano, mas assim como se verifica nos EUA, podemos falar que no Brasil interiorano predomina agora uma ideologia “Tea Party”. O fator evangélico agregou uma agressividade que não havia na exposição de tais valores como virtudes do cristão. A intolerância com as religiões afro é apenas a primeira ponta desta visão de imposição à força dos valores conservadores judaico/cristãos. A Igreja Católica é a bola da vez. Ser católico nas pequenas cidades começa a soar como sinônimo de permissivo e “idolatria”. Pastores bem sucedidos, casados com belas esposas, com seus SUV começa a influenciar mais o imaginário do povão que o Padre, “homem que veste saia”, “pedófilo”.

Poderia dizer mais, abordar outras facetas dessa nova mentalidade caipira, mas fica nítido que o discurso de Bolsonaro, do desprezo pelo meio ambiente à defesa da embaixada em Israel, passa pela adoção irrestrita desses valores do Brasil Real do interior. A eliminação do outro como “modus operandi” político sempre foi a principal plataforma política do interior. É costume nas pequenas cidades que a família dos derrotados busque um exílio forçado, assim como seus principais apoiadores.

Enquanto assistimos à essa mentalidade tacanha adquirir formas concretas de manifestação política, num contexto de fechamento de fábricas e indústrias e abertura de novas fronteiras agrícolas, resta evidente que o modelo da grande metrópole como trampolim para ascensão social perdeu apelo junto ao imaginário comum. Os filhos da terra agora querem lavouras de soja e criação de boi, querem viver num Texas que fala português e não em São Paulo, essa Nova York do mundo bizarro, retratada pelo Cidade Alerta.

E Lula solto envereda pela mesma miopia da esquerda, num discurso para convertidos. Desconsiderando que o operário não quer melhor salário, quer apenas garantia de ter seu emprego, não importa que tenha que abrir mão de domingos, feriados. Afinal, o que é o domingo se comparado à perda da fonte de renda (e de cidadania)?

Sou morador – forçado – do interior. O que procurei descrever é o que vivo, tendo passado por umas oito cidades até sessenta mil habitantes, por força de

concurso público. Ser à favor de políticas públicas contra a desigualdade, graduado em universidade federal, e ainda por cima entusiasta de Lula, me tornam portador da letra escarlate.

11. A entrada do darwinismo social no Brasil – Vídeo

https://www.youtube.com/watch?v=93f7nkbD7tY&feature=share&fbclid=IwAR2P-YkYVUIZE4IewK_PlsI1ZE8kXkeSEBwuTjVOU3w2LMjNXm5P8BHcFxU

12. Uma semana de escalada fascista

https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-ppds/uma-semana-de-escalada-fascista?utm_source=isa&utm_medium=site&utm_campaign=Projeto+Sa%C3%BAde+e+Alegria&fbclid=IwAR0Zms4z8JqfMjltzOFZ97p4eMo0HbdkS6MBJ-gEzJxKZgKLup2LPd9oBU

quinta-feira, 28 de Novembro de 2019 *Márcio Santilli*

O bolsonarismo não é um movimento propriamente fascista, pois este governo é, na verdade, o mais entreguista que tivemos e responde por interesses de segmentos muito específicos da formação social e política do Brasil. Mas um conjunto de episódios ocorridos, nesta semana, escancarou sua vertente bem aparentada.

Na terça feira (26/11), uma estranha operação policial prendeu quatro brigadistas em Alter do Chão (PA), acusando-os de - pasmem - colocarem fogo deliberadamente numa área de floresta legalmente protegida, do qual teriam perdido o controle, provocando significativo impacto na natureza, com o intuito de obterem doações para a continuidade do seu trabalho.

Os brigadistas de Alter do Chão vivem naquela região e atuam como voluntários no combate a incêndios florestais, que têm sido frequentes. Para justificar a arbitrariedade, a Polícia Civil do Pará apresentou um vídeo dos combatentes do fogo em que eles, segundo os investigadores, estariam colocando fogo num ponto específico da floresta. Um juiz local autorizou a prisão preventiva desses voluntários que, em menos de 24 horas, tiveram suas cabeças raspadas e foram encaminhados para o presídio local, sem prova efetiva de qualquer crime.

A organização Projeto Saúde e Alegria, que tem uma longa lista de serviços prestados às populações da região do Tapajós, teve a sua sede invadida pela Polícia Civil, todos os computadores foram apreendidos, sob o pretexto de ter, entre outras organizações, contribuído financeiramente com o trabalho dos brigadistas e de um deles ser funcionário da organização. O intuito da polícia foi claramente político, de simular o envolvimento de uma instituição para atribuir uma impressão de veracidade a afirmações absurdas do governo no sentido de transferir responsabilidades por sua omissão criminosa no combate

ao desmatamento e às queimadas. A operação policial foi tão suspeita que o governador do Pará, Hélder Barbalho, resolveu trocar o coordenador do inquérito.

Criaram uma cena fake de criminalização da sociedade civil, procurando responsabilizá-la pelo vexame de devastação que nós vimos este ano no país, especialmente na Amazônia, expressa no maior aumento havido neste século, de um ano para outro, nas taxas de desmatamento. Além disso, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, chegou a culpar o Greenpeace pelo desastre criminoso com óleo do Nordeste. A organização entrou com uma ação contra Salles exigindo que ele esclareça e seja punido por suas declarações. Todo tipo de violência vem sendo praticada contra os povos indígenas e outras populações locais.

O principal responsável pelo aumento da devastação e da violência é o senhor Jair Bolsonaro que, com sua retórica belicosa e medidas de desmonte das políticas socioambientais, incita predadores e criminosos locais a invadirem áreas públicas e florestas protegidas e, ainda por cima, fabrica farsas para transferir sua culpa para outros brasileiros, que ele deveria, como presidente, antes de mais nada, respeitar.

Mas esse episódio não vai passar batido! Vamos reagir a esse tipo de coisa e não se trata de um fato isolado. Ainda na semana passada, o Movimento Xingu Vivo, realizando uma reunião em Altamira (PA), se viu surpreendido pelo ingresso de um bloco de fascistas para tumultuar e impedir, com violência, a reunião, a menos que se fizessem mudanças na sua programação. Por acaso esses grupos chamam outros setores para os seus próprios eventos, para debater e discutir decentemente os problemas do país? Não! Mas recorrem a essa atuação miliciana para tumultuar o trabalho que a sociedade civil está fazendo na Amazônia - heroicamente - neste momento sinistro em que vivemos.

Pode-se acrescentar a esse contexto a fala do procurador de justiça Ricardo Albuquerque da Silva, também do Pará, que, num surto de imbecilidade, declarou, nesta quarta-feira (27/11), que os índios brasileiros não trabalham e que a isto se deve o evento da escravidão no país. É incrível que um cidadão que trabalha no Poder Público, com o seu salário pago por nós, possa desprezar dessa forma justamente a quem ele deveria defender.

Para completar, Paulo Guedes, em viagem aos EUA, abandonou a postura esperável de um ministro da Economia para assumir a de um autoritário mercadológico, ao defender, nada mais, nada menos, que a reedição do AI-5. Ofendeu, gratuitamente, a memória das inúmeras pessoas que foram assassinadas sob a égide daquele instrumento da ditadura. Enquanto ele implementa políticas que vão nos levando para uma convulsão social, fala em reeditar o AI-5 para reprimir o povo.

Esse conjunto de sinais está indicando, muito claramente, que as contradições do bolsonarismo estão se acirrando e nos levando para a ampliação do embate político e que 2020, ao que tudo indica, será decisivo para se enfrentar a ameaça à Democracia. Temos que nos preparar, conscientizar as pessoas e reunir alianças. O ataque aos direitos não se limitará ao campo socioambiental,

mas vai se intensificar contra a juventude, as mulheres, os trabalhadores, os universitários, os artistas e os empresários que não queiram se confundir com a degeneração política do país.

O horizonte do Brasil é de liberdade, de prosperidade, de bem viver para todos os brasileiros, porque este país é suficientemente abundante e generoso para poder bancar isso. Vale a pena aproveitarmos esse momento de reflexão, ensejado pelo final do ano, para nos prepararmos para o que vem pela frente.

13. LENIO STRECK – 02.12.19 – DIREITO, A PRIMEIRA VÍTIMA, DEMOCRACIA É A SEGUNDA

2 de dezembro de 2019, 05:28 h

Lenio Streck sobre Escola Sem Partido: “é possível dizer que a terra é plana”

Nos siga no

 Google News

Receba nossa Newsletter



Por Fernando Martines, Carlos de Azevedo Senna e Luiza Calegari, no Conjur –

Lenio Streck está cansado. Exausto de tanto **escrever** e **falar** defendendo a constitucionalidade da decisão do Supremo Tribunal Federal de que o cumprimento de pena só deve ser **obrigatório** após o esgotamento dos recursos.

O suor e rouquidão valeram. O jurista sustentou diante dos ministros no dia 17 de outubro como representante da Abracrim. Lenio foi um dos redatores da ADC 44, da OAB, e auxiliou na ADC 54, que tratam da presunção de inocência. "Tem de assumir qual a autoridade impera no direito brasileiro: se é a dos julgadores ou se é a do Direito" , disse à corte na ocasião.

Lenio Streck está preocupado. Como se esperava, boa parte da sociedade se revoltou contra a decisão do STF. O que ele não previa era o **início** de uma crise entre os Poderes da República. **O Congresso já indicou que não**

aceitou a decisão do STF e irá fazer lei ou emenda á Constituição. A questão pode voltar ao Supremo, e os ministros terão que reforçar a validade de cláusula pétrea da Constituição.

"Vai se abrir um precedente sem volta de que no Brasil a divisão de Poderes não funciona. O Parlamento não se deu conta ainda da gravidade disso, essa parte absurdamente sensível da democracia brasileira está andando no fio da navalha", afirma Lenio. Conforme fala, a energia vai voltando, o motor vai aquecendo. Já são dezenas de [artigos](#) só aqui na **ConJur** sobre o tema.

O jurista tem atuado como um dos principais pareceristas do país. Voltou a advogar, após 28 anos de carreira no Ministério Público. Ultimamente, vê um ataque sem igual às garantias do Direito e uma revolta das massas poucas vezes vista. Vê risco de o Estado Democrático de Direito chegar ao fim no Brasil. **"Se o Direito é a primeira vítima, a segunda é a democracia. É nessa ordem."**

Lenio Streck está sentimental. Cita Rei Lear, a peça de Skakespeare: "'É triste envelhecer sem ser sábio'. Envelhecer não é bom, mas se você se torna um néscio, você perdeu toda sua vida".

Leia abaixo a entrevista:

ConJur — A Constituição parece ser clara em determinar que a presunção de inocência termina com o fim das possibilidades de recursos. Mas, em um mundo ideal, a decisão de um juiz e a de um colegiado de desembargadores já não seria o suficiente para a sociedade ter confiança de que houve julgamento justo? E os tribunais superiores ficariam livres para apenas estabelecer precedentes.

Lenio Streck — Não dá para comparar ovos com caixas de ovos. Por exemplo, a Alemanha decide em duas instâncias, mas na primeira a decisão já

é feita com colegiado. E, quando vai para a segunda, você pode refazer a prova. Isso não tem nada a ver com o Brasil. Comparar a Alemanha com o Brasil é absolutamente fora de propósito. **Aqui temos uma fragmentação de juízes, onde cada um decide como quer. Essa falta de critério acaba transformando o Direito em uma loteria, e esse é o problema.**

Então, por óbvio que nós precisaríamos de um STJ e um STF que firmassem a jurisprudência e tribunais que respeitassem o que eles estabeleceram. **O Direito não pode depender das visões particulares dos juízes, ou dos desembargadores, ou dos ministros.**

ConJur — Como superar isso?

Lenio Streck — Precisamos construir uma **criteriologia** nas decisões para que se dê condições iguais **para que os réus não dependam de idiosincrasias e de dureza ou de bondade dos juízes.** O Brasil é um país fantástico, que consegue já ter hoje uma epistemologia do Carnaval, na qual se decide o campeão por 0,001. Mas não temos critérios para uma legítima defesa ou princípio da insignificância. Às vezes o Supremo dá Habeas Corpus por um par de chinelo, e às vezes condena por dois sabonetes. **Está sem uma epistemologia, uma construção de critérios pelos quais se alcança um resultado científico, e o Direito ficou para trás nisso. Brincando um pouco, o carnaval talvez seja muito mais objetivo.**

ConJur — E como fica a gloriosa expressão “cada caso é um caso”?

Lenio Streck — Tenho uma metáfora que responde. Eu estou na Itália e uma professora comenta: "Professor, nós dois vemos um barco, mas cada um vê um barco diferente". Perfeito. **Mas de cara concordamos que é um barco, e não um avião.** Segundo momento: "Quantos metros tem o barco? Nós dois sabemos quanto é um metro. Qual é a cor do barco? Se não formos daltônicos, identificaremos. Dez minutos depois nós temos o mesmo barco." Direito não é

igual o barco, cada caso é um caso concreto, é verdade, mas não é qualquer caso. **Os juristas têm que entender que Direito é um fenômeno complexo e que o Direito não é moral. Ele é feito pela moral, pela política e economia, ele é posto e depois nós temos que levá-lo a sério.** Aí o papel do juiz é não ser o dono da lei, mas a pessoa que faz o ajuste. **É como uma costura, ele não vai costurar a roupa, a roupa já está pronta, ele vai ajustar.**

ConJur — Como o senhor vê as críticas dos próprios operadores do Direito quanto à recente decisão do STF?

Lenio Streck — Se fazemos discussões sobre o modo de aplicar processo quando todo mundo está com a sanha punitivista, o resultado já se sabe de antemão. O Brasil é um país em que as garantias processuais são criticadas pelos políticos, embora as usem, e pelos advogados, embora as usem. O Brasil é um país em que, fazendo a uma alegoria, se a comunidade jurídica fosse a comunidade médica, haveria passeatas contra vacinas e antibióticos, **porque consta que mais de 60% dos advogados são contra presunção da inocência.** O Direito acaba levando as culpas por proteger, quando ele é feito exatamente para isso. O ensino jurídico é um dos grandes culpados. O Direito sofre de uma grande epidemia, em que o paciente zero está lá nas faculdades.

ConJur — Um dos símbolos máximos da punição é o júri. Como vê essa instituição aqui no Brasil?

Lenio Streck — O júri tem que ser reformulado. Ninguém pode ser condenado ou absolvido por íntima convicção. Íntima convicção é: você não precisa justificar, é sim ou não. E a Constituição exige fundamentações. Na democracia ninguém pode decidir a vida de alguém, ou a liberdade, ou a propriedade, ou qualquer coisa sem fundamentação. O Brasil é um dos poucos países que têm um júri como o nosso, baseado na íntima convicção, em que você não precisa dizer por que. Os Estados Unidos também, **mas lá se exige unanimidade.** (VER O FILME “DOZE HOMENS E UMA SENTENÇA”, COM

HENRY FONDA) Um exemplo de júri interessante para o Brasil seria uma espécie de mescla da Espanha, França e Portugal, que é o módulo onde os jurados fundamentam suas decisões **e um juiz participa dessas discussões.**

ConJur — Esse problema da íntima convicção que afeta o júri não é também um mal que assola em grande parte os juízes de primeiro grau? Vemos casos do juiz Marcelo Bretas, que dá o dobro de tempo de prisão para casos absolutamente parecidos.

Lenio Streck — O Brasil, perigosamente, ainda permite a livre apreciação da prova e o livre convencimento, o que gera tantas discrepâncias. A solução para isso é uma teoria da decisão. Uma série de critérios que estão acima dos homens.

ConJur — Este debate lembra o que se falava após a decisão do então juiz Sergio Moro no caso do tríplice do Guarujá. Até então, era quase unanimidade que, em casos de acusação de concessão de vantagem indevida, o juiz deveria dizer qual vantagem foi dada de forma específica. Moro disse que não, que era algo geral, que Lula ajudou a OAS em contratos com a Petrobras, mas nunca disse em qual contrato.

Lenio Streck — O Moro criou uma "morologia", uma ciência própria, com os criou critérios dele. Não são critérios públicos. No caso da divulgação das escutas de Lula e Dilma, qual critério ele utilizou? Poder. Fico impressionado que o fiscal da lei, que é o Ministério Público, lance nota dizendo que o Moro estava certo.

No Brasil, o Direito acabou virando uma concepção política, uma concepção do mal, "eu quero que, eu acho que o sujeito é culpado", aí eu faço um raciocínio em que os fins justificam os meios. Nesse meio tempo eu troco informações com o Ministério Público, o Ministério Público me municia, mas eu não aviso a defesa.

ConJur — Como mudar isso?

Lenio Streck — Na Alemanha o Artigo 160 do Código Penal diz que o promotor tem que investigar também a favor da defesa. Nos Estados Unidos, desde 1963, a Suprema Corte estabelece que a acusação deve pôr na mesa também o que tem a favor da defesa, senão vira conspiração. Querem soluções, querem respostas? Eu estou dando aqui respostas e soluções, estou aqui à disposição.

ConJur — Mas como fazer isso acontecer na prática? Com uma política que responsabilize de verdade juízes e promotores por seus atos e os obrigue a seguir precedentes? Por meio de lei, reforço do CNJ?

Lenio Streck — Primeiro, o STJ tem que aumentar para 99 ministros. Também precisamos mudar as leis. Precisa ser obrigatório por lei que o MP investigue também a favor de defesa. **Por lei, o juiz deve ser proibido de decidir por livre convencimento. As faculdades têm que ensinar Direito e não uma péssima teoria política do poder, como têm feito. Temos que reforçar a doutrina. A doutrina tem que fazer esse papel de dizer "ali errou, aqui acertou". As academias têm que fazer isso.** Você tem um problema estrutural, funcional, mas também tem um problema individual gravíssimo, que passa pelo ensino jurídico, pelas academias, e pela reformulação do papel da doutrina.

ConJur — E sobre o instituto da delação premiada? Antes, ele era visto como a salvação. Agora, parece estar sendo evitado pelos acusados.

Lenio Streck — A delação está em crise, fortemente, porque primeiro as delações foram feitas sem *accountability*, **sem transparência. Foram feitas secretamente, muitas vezes forçadas.** Elas só entraram em crise porque isso veio à tona a partir das divulgações do *Intercept*.

Um dos pontos centrais da fragilização das delações é o Supremo ter decidido que ninguém pode ser condenado e nem processado pela palavra do delator, então o delator ficou desmoralizado.

Dentro da crise estrutural e individual, nós temos um problema funcional urgente. **Precisamos tornar claras as regras da delação, ela não pode ser um instrumento de tortura, de pressão.**

ConJur — Ano que vem o decano do STF, ministro Celso de Mello, terá que se aposentar. O presidente Jair Bolsonaro sinalizou inicialmente que indicaria Moro. Depois, falou em alguém “terrivelmente evangélico”.

Como vê esse cenário?

Lenio Streck — O presidente da República tem a legitimidade para indicar quem quiser e o Senado deve fazer a aferição. Se a sociedade elege um presidente, essa consequência será natural. São os custos da democracia.

Mas entendo que os ministros devem ter mandatos, talvez de oito anos, renováveis.

ConJur — Bom, chegamos ao assunto preferido da nação, que não são mais os onze da seleção, mas sim os onze do Supremo. Qual o perigo dessa reação do Congresso de não aceitar a decisão sobre a presunção de inocência e imediatamente começar a tocar projeto de lei e emenda à Constituição para superar a decisão do STF?

Lenio Streck — O Parlamento ainda não se deu conta do que está fazendo. O Direito no mundo todo é dito por um tribunal. No Brasil não. O

Parlamento não gostou de uma decisão do Supremo e irá mudar no tapetão *[expressão popular quando uma decisão administrativa muda o resultado de um jogo de futebol]*.

ConJur — Mas o senhor mesmo já disse que os Poderes são Legislativo, Executivo e Judiciário, nessa ordem.

Lenio Streck — Sim, isso é verdade, mas não pode transformar isso num moto contínuo. Imagine que o Parlamento modifica a decisão, aí o Supremo volta a dizer que é inconstitucional e ficam nesse jogo. O resultado é uma crise institucional profunda. Nós, que vencemos as ADCs no Supremo, temos que lutar para mudar a narrativa, senão perderemos no tapetão. A narrativa que está ganhando é a de que está proibido prender após condenação de segunda instância, o que é uma mentira. No Brasil, aceita-se a regra do jogo até o momento em que ela seja contra você.

A democracia é um produto muito frágil, e, de todos os seus ingredientes, o mais forte deles é o Direito. **Você pode fazer a democracia como quiser, mas sem o Direito, que condiciona os demais, não vai ter democracia. A política depende do Direito, mas o Direito não pode depender da política.** No Brasil fizemos essa inversão. É válida a frase idiota do conselheiro Acácio, de *O Primo Basílio*: "As consequências vêm sempre depois".

ConJur — A democracia, na história brasileira, é uma exceção. O senhor acha que essa nossa experiência democrática atual está chegando ao fim?

Lenio Streck — Nós somos especialistas em estado de exceção, e, quando temos democracia, **parece que a própria democracia é uma exceção, e nós não aprendemos nada com a história, e logo queremos de volta o estado de exceção.** Corremos riscos sim, e o primeiro risco é abrir as portas da caixa de Pandora com essa decisão do STF. Vai se abrir um precedente sem volta de que no Brasil a divisão de Poderes não funciona. **O Parlamento ainda não se deu conta da gravidade disso, essa parte absurdamente sensível da democracia brasileira está andando no fio da navalha.**

ConJur — Como contornar a sanha punitivista sem desagradar de tal forma a população que o sistema todo corra risco?

Lenio Streck — O grande dilema da democracia é uma frase que não é minha, é de um psicanalista amigo meu, que diz o seguinte: **"Como conter o gozo da sociedade (ou seja, crimes, corrupção, desejos) sem ser tirânico?" Isso só se responde com mais garantias e mais Direito. Quer democracia? Tire o teto, deixe o sol entrar. Não há democracia quando se cobre o sol, porque logo adiante vai dar errado.**

